



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro Biomédico

Faculdade de Enfermagem

Suzana da Silva Castro

**A COVID-19 na mídia: A construção da representação social da doença na
pandemia**

Rio de Janeiro

2023

Suzana da Silva Castro

A COVID-19 na mídia: A construção da representação social da doença na pandemia

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Enfermagem, Saúde e Sociedade.

Orientadora: Prof.^a Dra. Denize Cristina de Oliveira

Coorientadora: Prof.^a Dra. Yndira Yta Machado

Rio de Janeiro

2023

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CBB

C355 Castro, Suzana da Silva.
A COVID-19 na mídia: A construção da representação social da doença na pandemia / Suzana da Silva Castro. - 2023.
157 f.

Orientadora: Denize Cristina de Oliveira.
Coorientadora: Yndira Yta Machado.
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Enfermagem.

1. COVID-19. 2. Representações sociais. 3. Jornais. 4. O Globo (jornal). I. Oliveira, Denize Cristina de. II. Machado, Yndira Yta. III. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Enfermagem. IV. Título.

CDU
614.253.5

Bibliotecária: Diana Amado B. dos Santos CRB7/6171

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Suzana da Silva Castro

A COVID-19 na mídia: A construção da representação social da doença na pandemia

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Enfermagem, Saúde e Sociedade.

Aprovada em 20 de junho de 2023.

Coorientadora:

Prof.^a Dra. Yndira Yta Machado

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Denize Cristina de Oliveira (Orientadora)

Faculdade de Enfermagem – UERJ

Prof.^a Dra. Andressa Teoli Nunciaroni

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Marcos Tosoli Gomes

Faculdade de Enfermagem – UERJ

Rio de Janeiro

2023

DEDICATÓRIA

Às vozes silenciadas e negligenciadas durante a pandemia.

AGRADECIMENTOS

A Deus que me concedeu resiliência e saúde para que conseguisse prosseguir minha caminhada, em época de pandemia chegar em 2023 é vitória.

A meus pais que investiram em mim, apesar dos poucos recursos e dificuldades, me impulsionando para que eu trilhasse o caminho dos estudos.

A minha orientadora, professora Dra. Denize Oliveira em conjunto com a coorientadora professora Dra. Yndira Machado que me acolheram, moldando-me, ensinando-me e compartilhando seus conhecimentos para que hoje me tornasse mestre.

Aos meus professores de toda a minha jornada que colaboraram para formação da Suzana enquanto sujeito pensante.

As minhas experiências profissionais/vida comendo cada paciente, assim como os membros da minha equipe profissional, de tantos lugares que andei, que me fizeram enxergar a desigualdade que estão/estamos expostos e me tornasse engajada nas lutas sociais, para que por mim, através dos meus estudos, pesquisa e trabalho pudesse contribuir na construção de um país melhor, melhor para todos e não só para alguns.

Aos meus irmãos e amigos que trazem alegria para minha vida fazendo com que ela seja amável e leve e com isso fortalecendo-me para enfrentar as lutas diárias.

E por fim, à UERJ que representa a oportunidade para aqueles que nascem lutando pelos seus direitos, inclusive a educação.

A todos sou grata, vocês contribuem para que eu seja uma amiga, uma filha, uma aluna e uma cidadã melhor!

É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir!

Paulo Freire

RESUMO

CASTRO, S. S. **A COVID-19 na mídia**: a construção da representação social da doença na pandemia. 2023. 157 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Faculdade de Enfermagem, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

Este estudo objetivou analisar as representações sociais da COVID-19 construídas durante a pandemia na mídia jornalística. Trata-se de uma pesquisa documental, exploratória, descritiva, com abordagem metodológica quali-quantitativa, pautada na Teoria das Representações Sociais. No que se refere ao método, foi escolhido como cenário o jornal O Globo. A seleção das matérias para constituição da amostra obedeceu aos seguintes critérios: um domingo e um dia da semana sorteados a cada mês, gerando um total de 421 matérias para análise. O período temporal da coleta de dados foi de 11 de março de 2020 até junho de 2021. Os dados foram submetidos às seguintes análises: 1) análise da linha do tempo da COVID-19; 2) análise estatística das seguintes variáveis: mês, ano, período da pesquisa, seção, espaço que ocupa na página, zona de visualização, tamanho da matéria, capa do jornal, gêneros jornalísticos e gêneros dos sistemas de comunicação de Moscovici; 3) análise lexical do corpus constituído pelo conjunto das matérias selecionadas. Os resultados da análise estatística foram: maior número de matérias publicadas no 1º semestre de 2021 (39,7%), as quais, vistas em conjunto com a linha do tempo, mostram um crescimento expressivo do número de mortes, início da vacinação da COVID-19 no Brasil, crise em Manaus e CPI da COVID-19. Em relação à localização na página, observou-se maior prevalência em superior completa (30,2%), quanto a zona de visualização, 52% apareceram na zona principal. Quanto ao tamanho da matéria, 57,5% foram classificadas como média, mostrando que o jornal deu destaque para matérias relacionadas à pandemia. Sobre os gêneros jornalísticos, apurou-se 60,8% para informativo e os gêneros de comunicação de Moscovici, ressaltou-se a Difusão com 62,9%. Nos resultados da análise do material textual observou-se seis classes lexicais que foram discutidos a partir de três contextos: a) as dimensões sociais e econômicas da COVID-19. A crise macroeconômica e a taxa de mortalidade se apresentaram interligadas e evidenciou-se o viés econômico do jornal, culpabilizando o auxílio emergencial pelo déficit das contas públicas; b) aos fatores constituintes do enfrentamento da COVID-19. Avultou-se as percepções da população sobre a pandemia, o medo da morte por parte dos atores envolvidos com o ambiente hospitalar, cuja internação remetia à expectativa do agravamento e à morte. O enfrentamento das mudanças geradas pela pandemia e suas consequências para as rotinas cotidianas e a crise financeira vivida pela população. Neste sentido, observou-se que as formas de lidar com a pandemia foram diferenciadas, visto que o país se encontrava inserido em um quadro de enorme desigualdade social. E por fim, a vacina que foi abordada pela visão biomédica, com um silenciamento do jornal em relação à saúde pública e c) a política e seus representantes na pandemia de COVID-19 que englobou o momento político do Brasil, no qual destacou-se indícios de negligência por parte de representantes políticos. Conclui-se que as representações sociais veiculadas pelo jornal carregaram o seu viés econômico neoliberal, obscurecendo a desigualdade social, assim como a saúde pública, através do silenciamento sobre o Programa Nacional de Imunizações e o Sistema Único de Saúde.

Palavras chaves: COVID-19. Mídia Jornalística. Representação social.

ABSTRACT

CASTRO, S.S. **COVID-19 in the media**: the construction of the social representation of the disease in the pandemic. 2023. 157 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Faculdade de Enfermagem, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

This study aimed to analyze the social representations of COVID-19 constructed during the pandemic in the journalistic media. This is a documental, exploratory, descriptive research, with a quali-quantitative methodological approach, based on the Theory of Social Representations. With regard to the method, the newspaper O Globo was chosen as the scenario. The selection of articles for the sample complied with the following criteria: one Sunday and one day of the week drawn each month, generating a total of 421 articles for analysis. The time period of data collection was from March 11, 2020 to June 2021. The data were subjected to the following analyses: 1) COVID-19 timeline analysis; 2) statistical analysis of the following variables: month, year, research period, section, space it occupies on the page, visualization zone, article size, newspaper cover, journalistic genres and genres of Moscovici's communication systems; 3) lexical analysis of the corpus constituted by the set of selected subjects. The results of the statistical analysis were: a greater number of articles published in the 1st half of 2021 (39.7%), which, seen together with the timeline, show a significant growth in the number of deaths, initiation of COVID vaccination -19 in Brazil, crisis in Manaus and CPI of COVID-19. Regarding location on the page, there was a higher prevalence in complete top (30.2%), as for the viewing area, 52% appeared in the main area. As for the size of the article, 57.5% were classified as medium, showing that the newspaper highlighted stories related to the pandemic. Regarding journalistic genres, 60.8% were found to be informative and Moscovici's communication genres, Diffusion stood out with 62.9%. In the results of the analysis of the textual material, six lexicais classes were observed that were discussed from three contexts: a) the social and economic dimensions of COVID-19. The macroeconomic crisis and the mortality rate were interconnected and the newspaper's economic bias became evident, blaming the emergency aid for the public account deficit; b) the constituent factors of coping with COVID-19. The population's perceptions about the pandemic increased, the fear of death on the part of the actors involved with the hospital environment, whose hospitalization referred to the expectation of aggravation and death. Coping with the changes generated by the pandemic and its consequences for everyday routines and the financial crisis experienced by the population. In this sense, it was observed that the ways of dealing with the pandemic were different, since the country was inserted in a framework of enormous social inequality. And finally, the vaccine that was approached by the biomedical vision, with a silencing of the newspaper in relation to public health and c) politics and their representatives in the COVID-19 pandemic that encompassed the political moment in Brazil, in which evidence of negligence on the part of political representatives was highlighted. It is concluded that the social representations conveyed by the newspaper carried its neoliberal economic bias, obscuring social inequality, as well as public health, through silencing the National Immunization Program and the Unified Health System.

Keywords: COVID-19. Journalistic Media. Social Representation

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Evolução temporal da frequência de circulação das linhagens de SARS-CoV-2 em território brasileiro.....	27
Figura 2 –	Visualização da página segundo Amold (1965).....	64
Figura 3 –	Linha temporal da COVID-19 realizada no jornal O Globo.....	68
Figura 4 –	Imagem das ruas vazias durante o isolamento social.....	70
Figura 5 –	Reportagem sobre as falas de Bolsonaro e desigualdade social.....	71
Figura 6 –	Reportagem sobre falta de respiradores e Bolsonaro criticando o isolamento.....	72
Figura 7 –	Reportagens sobre substituição do Ministro da Saúde.....	73
Figura 8 –	Reportagens sobre a mortalidade no Brasil e demissão do 2º. Ministro da Saúde.....	73
Figura 9 –	Reportagem quando Brasil atinge 41 mil mortes.....	74
Figura 10 –	Reportagem sobre a reabertura do comércio.....	74
Figura 11 –	Reportagens sobre a conduta do presidente Jair Bolsonaro.....	75
Figura 12 –	Reportagens sobre vacinação e o Brasil chegando a 100 mil mortes.....	75
Figura 13 –	Reportagens sobre corrupção e crítica a Eduardo Pazuello.....	76
Figura 14 –	Reportagens sobre politização da vacina e campanha eleitoral.....	77
Figura 15 –	Reportagens sobre eleições no Brasil e nos EUA.....	77
Figura 16 –	Reportagens sobre vacina e aumento da mortalidade.....	78
Figura 17 –	Reportagens sobre nova variante e o colapso em Manaus.....	79
Figura 18 –	Reportagens sobre o início da vacinação no Brasil.....	79
Figura 19 –	Reportagens sobre falta de vacina e nova onda da pandemia.....	80
Figura 20 –	Reportagem sobre o colapso na saúde.....	81
Figura 21 –	Reportagens sobre politização da vacina e aumento no número de mortes...	82
Figura 22 –	Reportagens sobre escassez de vacina e conduta de Bolsonaro.....	82
Figura 23 –	Reportagens sobre CPI da COVID-19.....	83
Figura 24 –	Reportagens sobre o número de mortes e reação do presidente Bolsonaro...	83
Figura 25 –	Reportagens sobre CPI da COVID-19 e filas para vacinação.....	84

Figura 26 – Dendrograma de Classificação Hierárquica Descendente da análise dos artigos do jornal O Globo, 2023.....	96
Figura 27 – Dendrograma de Classificação Hierárquica Descendente por conteúdos semânticos da análise lexical das matérias do jornal O Globo, 2023.....	97

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Distribuição dos formatos midiáticos.....	34
Quadro 2 –	Vocábulos com maior valor χ^2 associados à Classe 1, notícias do Jornal O Globo, 2023.....	98
Quadro 3 –	Variáveis associadas à classe 1, jornal O Globo, 2023.....	99
Quadro 4 –	Vocábulos com maior χ^2 associados à Classe 2, notícias do Jornal O Globo, 2023.....	100
Quadro 5 –	Variáveis associadas à classe 2, jornal O Globo, 2023.....	101
Quadro 6 –	Vocábulos com maior χ^2 associados à Classe 3, notícias do Jornal O Globo, 2023.....	103
Quadro 7 –	Variáveis associadas à classe 3, jornal O Globo, 2023.....	103
Quadro 8 –	Vocábulos com maior χ^2 associados à Classe 4, notícias do Jornal O Globo, 2023.....	105
Quadro 9 –	Variáveis associadas à classe 4, jornal O Globo, 2023.....	105
Quadro 10 –	Vocábulos com maior χ^2 associados à Classe 5, notícias do Jornal O Globo, 2023.....	106
Quadro 11 –	Variáveis associadas à classe 5, jornal O Globo, 2023.....	107
Quadro 12 –	Vocábulos com maior χ^2 associados à Classe 6, notícias do Jornal O Globo, 2023.....	108
Quadro 13 –	Variáveis associadas à classe 6, jornal O Globo, 2023.....	109
Quadro 14 –	CrITÉrios de seleÇão dos dias para o corpus da análise da média.....	143
Quadro 15 –	Protocolo e banco de dados de pesquisa – mdia COVID-19.....	146
Quadro 16 –	PadronizaÇão das palavras para o Iramuteq.....	148

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Distribuição das matérias segundo semestre da publicação. Rio de Janeiro, 2022.....	86
Tabela 2 –	Distribuição dos cadernos e dos suplementos do jornal em que apareceu a matéria. Rio de Janeiro, 2022.....	87
Tabela 3 –	Distribuição pelo espaço que ocupa na página do jornal. Rio de Janeiro, 2022.....	88
Tabela 4 –	Distribuição das matérias segundo as zonas de visualização da página. Rio de Janeiro, 2022.....	89
Tabela 5 –	Distribuição das matérias segundo à ocupação da capa no jornal. Rio de Janeiro, 2022.....	89
Tabela 6 –	Distribuição das matérias segundo o tamanho da matéria. Rio de Janeiro, 2022.....	90
Tabela 7 –	Distribuição das matérias segundo formatos dos gêneros jornalísticos. Rio de Janeiro, 2022.....	90
Tabela 8 –	Distribuição das matérias segundo formatos dos gêneros jornalísticos. Rio de Janeiro, 2022.....	91
Tabela 9 –	Distribuição das matérias segundo Gêneros de comunicação. Rio de Janeiro, 2022.....	92
Tabela 10 –	Distribuição das matérias segundo o posicionamento do artigo em relação ao conhecimento científico da COVID-19. Rio de Janeiro, 2022.....	93

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CNPQ	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CONASS	Conselho Nacional de Secretários de Saúde
CPI	Comissão Parlamentar de Inquérito
ECA	Escola de Comunicações e Artes
ESPII	Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional
EUA	Estados Unidos da América
FAPERJ	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
HGPE	Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral
IVC	Instituto Verificador de Comunicação
JN	Jornal Nacional
MS	Ministério da Saúde
O2	Oxigênio
OMS	Organização Mundial de Saúde
OPAS	Organização Pan – Americana da Saúde
PEC	Proposta de Emenda à Constituição
PNI	Programa Nacional de Imunizações
RNA	Ácido Ribonucléico
RNDS	Rede Nacional de Dados de Saúde
RS	Representações Sociais
RSI	Regulamento Sanitário Internacional
STF	Supremo Tribunal Superior
SUS	Sistema Único de Saúde
TIC	Tecnologias de informação e comunicação
TRS	Teoria das Representações Sociais
UC	Unidade de Contexto
UCE	Unidade de Contexto Elementar
UCI	Unidade de Contexto Inicial
UTI	Unidade de Tratamento Intensivo

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	15
1	REFERENCIAL TEMÁTICO	24
1.1	Aspectos conceituais, históricos, epidemiológicos, sociais e psicossociais da COVID-19	24
1.2	Aspectos conceituais da mídia jornalista	31
1.3	Percepções e representações da COVID-19 divulgadas pela mídia	37
2	REFERENCIAL TEÓRICO	44
2.1	A Teoria das Representações Sociais: aspectos conceituais	44
2.2	A Teoria das Representações Sociais e os processos de comunicação	49
3	MÉTODO	55
3.1	Tipo de estudo	55
3.2	Cenário da pesquisa	56
3.3	CrITÉrios de busca e procedimentos de coleta de dados	59
3.3.1	<u>Composição da amostra e termos de busca</u>	59
3.3.2	<u>Procedimentos de coleta de dados e construção dos bancos de dados</u>	60
3.4	Tratamento e análise dos dados	61
3.4.1	<u>Construção do banco de dados de variáveis</u>	61
3.4.2	<u>Preparo do corpus para análise lexical</u>	61
3.4.3	<u>Análise dos dados</u>	63
3.4.3.1	Análise da linha de tempo.....	63
3.4.3.2	Análise das variáveis.....	63
3.4.3.3	Análise lexical das matérias.....	65
4	RESULTADOS	67
4.1	Linha do tempo da pandemia a partir das matérias do Jornal o Globo	67
4.2	Caracterização das matérias analisadas	85
4.3	As representações sociais na análise lexical das matérias do Jornal	93
4.3.1	<u>Classe 1: O momento político da pandemia da COVID-19</u>	98
4.3.2	<u>Classe 2 As implicações econômicas da pandemia de COVID-19</u>	100
4.3.3	<u>Classe 3: A mortalidade gerada pela COVID-19 e seus efeitos para a sociedade</u>	102

4.3.4	<u>Classe 4: O contexto hospitalar da pandemia da COVID-19.....</u>	104
4.3.5	<u>Classe 5: As implicações sociais da pandemia de COVID-19 GLOBO.....</u>	106
4.3.6	<u>Classe 6: Percepções da vacina da COVID-19.....</u>	108
5	DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	111
5.1	As dimensões sociais e econômicas da COVID-19.....	111
5.2	Os fatores constituintes do enfrentamento da COVID-19.....	114
5.3	A política e seus representantes na pandemia de COVID-19.....	121
	CONCLUSÃO.....	126
	REFERÊNCIAS.....	129
	APÊNDICE A – Critérios de seleção dos dias para seleção do corpus para análise da mídia.....	143
	APÊNDICE B – Formulário de caracterização das matérias.....	146
	APÊNDICE C – Padronização das palavras para o Iramuteq.....	148
	ANEXO – Carta de Aceite do CET.....	157

INTRODUÇÃO

A motivação para este estudo surgiu no decorrer da minha trajetória iniciada em uma Especialização em Ensino em Biociência e Saúde na Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), na qual minha inquietação era discutir se as *fake news* interferiam na decisão de vacinar. Ao longo desse percurso, novos questionamentos surgiram, dentre eles o porquê de algumas notícias falsas serem aceitas com tanta facilidade por um determinado grupo social.

Nessa caminhada, e com o ingresso no curso de mestrado, me deparei com o conceito e com a TRS, e observei como os sujeitos têm uma aceitação melhor das informações quando o objeto é familiar, é comum, é palpável. O interesse pelo objeto surgiu a partir da inserção da autora no projeto integrado de pesquisa intitulado “A construção social do Coronavírus e da COVID-19 e suas lições para as práticas de cuidado pessoal, profissional e social”, coordenado pela orientadora professora Doutora Denize Cristina de Oliveira, constituindo-se em subprojeto daquele.

Mergulhei nessa teoria justamente em um momento que o mundo se deparava com a COVID-19, momento este marcado pelo medo, pela procura da cura e respostas. As rotinas foram modificadas de forma abrupta e a ciência foi questionada e instigada a correr contra o tempo. O cenário político era marcado por desavenças. Nesse período a mídia se colocava como protagonista assumindo o papel de informar diariamente, incansavelmente. Achei oportuno pesquisar, nesse período inquietante e de mudanças, como a mídia contribuiu ou não, na construção das representações sociais da COVID-19, por acreditar que é através da pesquisa e do conhecimento que se pode aproximar de respostas.

O trabalho visa contribuir com os estudos da linha de pesquisa 3: Saberes, Políticas e Práticas em Saúde Coletiva e Enfermagem sobre o aprofundamento da TRS nas práticas sociais de promoção da saúde, visto que, dentro da proposta da promoção da saúde, o primeiro passo a ser estabelecido é a aproximação dos interesses das instituições de saúde e das comunidades, o que “implica que essa população se constitua como sujeito, para que possa propor e gerir mudanças que considerem o contexto e as circunstâncias nas quais se pretenda a mudança” (OLIVEIRA, 2000, p. 59).

Em dezembro de 2019 a China¹ notificou o primeiro caso de pneumonia de origem desconhecida. Em janeiro de 2020² foi identificado um novo Coronavírus, nomeado

¹<https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2021-06/primeiro-caso-de-covid-19-pode-ter-surgido-na-china-em-outubro-de-2019>

temporariamente de 2019-nCoV, como a causa destes casos, entretanto, somente em 11 de fevereiro de 2020 que obteve como nome oficial Coronavírus-Sars-Cov-2. O vírus propagou-se rapidamente e no final de janeiro³ de 2020 já havia quase 10.000 casos da doença na China. A infecção foi se expandindo para Tailândia, Coreia, Estados Unidos, França até que em 26 de fevereiro de 2020 chegou ao Brasil. Em 11 de março de 2020 o diretor geral da Organização Mundial de Saúde (OMS), declarou que a organização estava elevando o estado da contaminação da COVID-19 à pandemia, doença causada pelo novo Coronavírus-Sars-Cov-2 (OPAS, 2021).

A COVID-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo Coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, devido a sua alta transmissibilidade, este vírus é transmitido por três modos: contato, gotículas ou por aerossol. A maioria das infecções se espalham por contato próximo (menos de 1 metro), sobretudo por meio de gotículas respiratórias, seu período de incubação é entre 1 a 14 dias. A infecção pelo SARS-CoV-2 pode variar de casos assintomáticos e manifestações clínicas leves, até quadros moderados, graves e críticos e seus sintomas compreendem-se desde os não muito específicos, como tosse, dor de garganta ou coriza, seguido ou não de anosmia, ageusia, diarreia, dor abdominal, febre, calafrios, mialgia, fadiga e/ou cefaleia. Os mais frequentes como tosse e febre persistente, até a presença de pneumonia sem sinais ou sintomas de gravidade (BRASIL, 2023).

A pandemia da COVID-19 tem sido o assunto mais discutido, seja nas comunicações populares, nos veículos de mídia ou nas páginas da literatura científica, revelando o medo, a incerteza e desconhecimento sobre o comportamento da doença (CORREIA et al., 2020).

No Brasil em março de 2020, começou a ser adotado o isolamento social, como medida preventiva para diminuir a curva de contágio e mitigar a doença, já que não havia nenhum tratamento eficaz cientificamente comprovado (ALMEIDA et al., 2021).

Em relação aos impactos do isolamento social, Bezerra (2020) discute o da economia e o da saúde. Quanto aos impactos econômicos, ocorreu um aumento significativo no desemprego conforme destaca o autor, apresentando os dados de uma pesquisa na qual 19% das pessoas entrevistadas afirmaram que já estavam desempregadas antes da pandemia, durante a pandemia no país 22% declararam estar sem trabalhar e, mais recentemente, o número cresceu para 26% (BEZERRA, 2020).

²[https://www.news-medical.net/health/History-of-COVID-19-\(Portuguese\).aspx](https://www.news-medical.net/health/History-of-COVID-19-(Portuguese).aspx)

³https://brasil.elpais.com/brasil/2020/03/12/ciencia/1584026924_318538.html

No que diz respeito à saúde o autor destaca que afetou a saúde mental, sendo o estresse uma das principais consequências encontradas. Observou, ainda, que 73% das pessoas que participaram da pesquisa relataram algum grau de estresse, sendo que uma das influências do estresse na vida das pessoas refere-se às alterações no sono, obtendo como resultado de que 67% das pessoas entrevistadas apresentaram uma modificação na rotina do sono. Por ser tratar de uma mudança no comportamento da sociedade, como quebra do contato afetivo e paralisação nas atividades econômicas, dentre outras, tiveram sequelas inevitáveis. E estas mudanças na rotina causam, por sua vez, questões psicológicas relevantes para a população no geral (BEZERRA, 2020).

Todas essas transformações da vida cotidiana trouxeram impactos psicológicos e sociais, afetando o bem-estar. A Teoria de Representações Sociais (TRS) propõe que todo objeto psicossocial está atrelado a um contexto social, portanto, enquanto objeto psicossocial a COVID-19 e suas representações exigem a exploração do conhecimento construído no percurso da pandemia, tanto no senso comum, quanto no campo científico.

A pandemia acarretou uma crise sanitária e humanitária e, para Moscovici (2015), o caráter das representações sociais é revelado, especialmente, em tempos de crise e insurreição, que é quando um grupo ou suas imagens estão passando por mudanças, os indivíduos são motivados por seus desejos de entender o mundo, cada vez mais não familiar.

Devido às mudanças de laços afetivos, de comportamentos, das imagens, das práticas sociais construídas na vivência da pandemia, a COVID-19 é um fenômeno que pode ser examinado à luz da Teoria das Representações Sociais (TRS). Moscovici (2015), afirma que é da natureza da mudança e através dela que as RS se tornam capazes de influenciar o comportamento de indivíduos que participam de uma coletividade. Essas representações são criadas por pessoas e grupos no processo da comunicação e de cooperação. Afirma o autor:

Representações, obviamente, não são criadas por um indivíduo isoladamente. Uma vez criadas, contudo, elas adquirem vida própria, circulam, se encontram, se atraem e se repelem e dão oportunidade ao nascimento de novas representações, enquanto velhas representações morrem (MOSCOVICI, 2012, p. 41).

A mídia jornalística teve destaque essencial na análise das modificações vivenciadas na pandemia, pois utilizou seu espaço diário com alcance amplo, para propor e disseminar explicações para os fatos da vida cotidiana, dentre eles aqueles que gravitam em torno da COVID-19. Esse é um contexto relevante para ser analisado em uma perspectiva psicossocial, uma vez que a mídia é constituída de ideologias e é um espaço de divulgação e fortalecimento delas (REGÔ et al., 2020).

Nesse sentido, Moscovici (2015, p.375) destaca que:

A comunicação é um processo social e uma instituição social. Mudar as mentes das pessoas é apenas uma parte dela, mas não é o objeto desse processo.... Agora, a persuasão é a parte do processo que está relacionada com a mudança das pessoas.

Diante disso, as representações sociais têm como finalidade fundamental tornar a comunicação dentro de um grupo compreensível e reduzir a vaguidade através de um grau de consenso entre seus membros. As representações não podem ser observadas por meio do estudo de alguma crença ou conhecimento explícito. Elas são formadas a partir de influências recíprocas, de negociações durante as conversações, nas quais as pessoas se orientam para modelos simbólicos, imagens e valores compartilhados específicos (MOSCOVICI, 2015).

Quando a situação pandêmica exigiu mudanças comportamentais da população, desafia a medicina e a ciência a entender o novo e, também, estimula o campo do jornalismo em sua prática diária na orientação à população, fornecendo dados de interesse público e influenciando a maneira como a população deve agir (REGO et al., 2020). Observa-se, nesse momento, uma troca de informações entre grupos diferentes que irão compartilhar seus saberes e irão negociar representações sociais sobre esse objeto.

Segundo Moscovici (2015), as pessoas e grupos pensam por si mesmos, produzem e comunicam incessantemente suas próprias e específicas representações e soluções às questões que eles mesmos colocam, não sendo, portanto, receptores passivos. Os acontecimentos, as ciências e as ideologias apenas são a base para o pensamento.

As RS restauram a consciência coletiva e lhe dá forma, explicando os objetivos e acontecimentos os tornam acessíveis a qualquer pessoa, coincidindo com os interesses imediatos (MOSCOVICI, 2015). Ao pesquisar as representações geradas durante a pandemia buscar-se-á desvendar as características não familiares que as motivaram e por elas foram absorvidas. Contudo, é importante que “esta característica seja observada no momento exato que ela emerge na esfera social” (MOSCOVICI, 2015, p. 59).

Nesse caminho, estudar o papel da mídia na formação das representações sociais da COVID-19 é necessário porque as notícias divulgadas “promovem o conhecimento do mundo que nos cerca, possibilitando que os cidadãos possam construir opiniões e ação política” (REGÔ et al., 2020 p. 85). Para Moscovici (2015) os meios de comunicação em massa aceleram tendências, multiplicam as mudanças e aumentam o elo entre as ciências e crenças gerais abstratas com as atividades concretas como indivíduos sociais.

Os processos de comunicação, portanto, estão largamente implicados nesse momento pandêmico. Segundo Medrado (1999) a mídia é produtora e difusora de ideias, atitudes, imagens e valores que cada sociedade assume no seu cotidiano e que acabam modelando

comportamentos, pensamentos e sentimentos. É através da mídia que os acontecimentos e as informações ganham visibilidade e se expandem sem fronteiras ou limites temporais. Nesse contexto, a pandemia foi amplamente coberta pelas mídias, tanto as tradicionais, como jornais, revistas, rádio e televisão, como as sociais, como os blogs e redes sociais.

É importante destacar que um dos motivos pelos quais a mídia ganhou espaço diante do enfrentamento da COVID-19 foi o desencontro de informações entre lideranças dos campos político, médico e sanitário que se colocaram de forma contrária ao isolamento social, às medidas de segurança, relativizando o perigo da pandemia viral, deslegitimando os esforços coordenados por organismos internacionais e autoridades nacionais, incentivando o retorno ao trabalho, se contrapondo aos resultados das pesquisas científicas, contrapondo-se a vacina, mesmo quando esta se encontrava em fase de testes, dentre outros enfrentamentos (FONSECA; SILVA, 2020).

A estratégia de servir-se das redes sociais para divulgação de notícias foi muito utilizada durante a pandemia pela sociedade, fato que gerou muitas informações desencontradas. Infodemia é o termo utilizado para o aumento no volume de informações associadas a um assunto específico, que se multiplica rapidamente e isto facilita o surgimento de desinformação, além de manipulação da mesma, inclusive com intenção duvidosa (GARCIA; DUARTE, 2020).

Salienta-se que a infodemia foi classificada pela OMS como uma ameaça à saúde pública, porque ao replicar informações incorretas, o que reduz a confiança da população, isto irá repercutir na adesão de alguns programas como o da imunização custando a vida de muitas pessoas. Com popularização das redes sociais, com destaque para WhatsApp, Facebook e Instagram, a população a utilizou para obter informações sobre a pandemia, sendo o WhatsApp no Brasil a ferramenta como sua principal fonte de informação (DOMINGUES, 2021). Nas mídias sociais, “qualquer pessoa pode manifestar ideias ou compartilhar notícias, muitas vezes sem embasamento científico ou fonte confiável, nem qualquer controle sobre o conteúdo” (GARCIA; DUARTE, 2020, p.7) e no Brasil a circulação de notícias falsas foi intensa durante a pandemia.

Aliado a isto, Bezerra (2020, p. 2418) destacou que houve “certa falta de transparência por parte dos funcionários da saúde e do governo sobre a gravidade da pandemia”. E, apesar do agravamento epidemiológico, o Brasil teve que lidar com “a crise política suscitada pela pandemia, com a disputa entre atores públicos dos três poderes (Judiciário, Executivo e Legislativo), o Executivo em especial” (FERRAZ, 2020, p. 274).

Nesse cenário de grande circulação de *fake news* pelas mídias sociais, falta de transparência do governo federal e disputa de poder, o jornalismo entrou em cena, buscando dar “vida” à COVID-19, com publicações diárias sem precedentes, gerando um crescimento significativo da produção jornalística. Falar sobre doenças possui um forte apelo, visto que epidemias, por si só, já carregam uma forte carga simbólica, pois remete a uma desordem (FERRAZ, 2020).

As *fake news* vêm participando do processo de construção social da COVID-19 no Brasil e no mundo, passando a fazer parte do processo de constituição de representações sociais, da mesma forma que as informações produzidas pela lógica da ciência, que atuam em mais longo prazo na constituição de um conhecimento social sobre a doença (GALHARDI et al., 2020).

As *fake news* são notícias intencionalmente fraudadas que reúnem alguns fragmentos de realidade com a intenção de enganar pessoas e grupos sociais. Para Castro (2020):

Os responsáveis por difundir *Fake News* apoderam-se dessa vulnerabilidade oportunizada pelas crenças, emoções, informação não gabaritada e o medo, de temas relacionados a saúde, para criar redes de propagação que vão ao encontro com as convicções de determinados grupos (CASTRO, 2020, p.50).

Trazendo para o universo das representações sociais, alguns questionamentos emergem. Pode-se considerar as *fake news* como representações sociais? Acreditar em notícias falsas porque estas vão ao encontro de crenças pessoais não seria uma forma de dar uma feição familiar ao não familiar? As notícias falsas interferem na construção do conhecimento do senso comum ou elas vão ao encontro desse conhecimento?

Um dos aspectos abordados por Moscovici é a existência de um conhecimento de senso comum que permite explicar determinadas práticas. Tal conhecimento é visto pelo autor como um conhecimento verdadeiro e não como um disfuncionamento do conhecimento científico (CRUSOÉ, 2004).

A grande questão é que esse conhecimento de senso comum, por ser um conhecimento circunscrito, se diferencia do conhecimento científico, que busca a generalização e a operacionalização. Assim, a Teoria das Representações Sociais é uma proposta científica de leitura do conhecimento de senso comum e, nesse sentido, preocupa-se com o conteúdo das representações (CRUSOÉ, 2004).

Não é fácil transformar palavras em ideias, é preciso dar-lhes uma feição familiar, para isso existem dois mecanismos apresentados pela TRS, sendo o primeiro a ancoragem, que consiste em dar a ideias estranhas um contexto familiar e o segundo é objetivar, ou seja, transformar algo abstrato em algo concreto (MOSCOVICI, 2015).

Ancorar implica classificar e dar nome a alguma coisa, uma vez que coisas que não são classificadas e não possuem nomes são estranhas. Classificar algo significa confinar a um conjunto de comportamentos e regras e categorizar alguém ou alguma coisa significa escolher um dos paradigmas estocados na memória coletiva e estabelecer uma relação positiva ou negativa com ele (MOSCOVICI, 2015).

Refletindo sobre isto, a afirmação de que o vírus da COVID-19 é comunista e criado em laboratório na China questiona-se se seria ilógico classificar como comunista um vírus que surge na China e se espalha por todo mundo, se dentro da memória coletiva histórica existe um paradigma sobre a China comunista? Assim, pode-se inferir que é o senso comum buscando classificar algo, tornando-o familiar e, com isso, construindo representações sobre a COVID-19. No entanto, não se pode negar o caráter manipulatório dessa afirmativa, que se vale de um conteúdo ideológico para desqualificar um país específico.

Continuando a argumentação, Mattos (2020), na sua pesquisa realizada no portal do Ministério da Saúde sobre *fake news*, diz que a temática da terapêutica perpassa por dois tópicos principais. O primeiro, e mais eminente, é observado devido a elevada porcentagem de notícias que envolvem bebidas quentes (37%), como chás medicinais. O conhecimento tradicional popular, que se utiliza destes recursos para alívio de sintomas de resfriado e gripes convencionais, tem se expandido ao novo Coronavírus. Pode-se estabelecer essa relação com pronunciamentos do Presidente do Brasil, divulgadas em rede nacional, se referindo ao vírus como apenas uma “gripezinha”⁴ e o senso comum, trazendo sua forma de conhecimento de métodos de recuperação.

A segunda discussão que o autor traz é sobre a indicação do uso dos medicamentos cloroquina e hidroxicloroquina, como tratamentos eficazes ao Coronavírus. É sabido que a automedicação é um fenômeno bastante discutido na cultura médico farmacêutica, e tido como especialmente preocupante no Brasil, sendo uma prática comum, vivenciada por civilizações de todos os tempos (ARRAIS et al., 1997). Portanto, sendo uma prática comum, não seria diferente a aceitação da medicação sem comprovação científica durante a pandemia, já que existe uma “tradição” de automedicação e logo, algo familiar.

O novo seria uma doença que não tem medicação e nem maneiras de preveni-la. De acordo com Moscovici (2015) o que é anônimo, o que não pode ser nomeado e não se pode tornar uma imagem comunicável é relegado ao mundo da confusão. Partindo desse pressuposto, podem-se associar as práticas vivenciadas durante a pandemia como uma busca

⁴Fala do presidente do Brasil: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/03/relembre-o-que-bolsonaro-ja-disse-sobre-a-pandemia-de-gripezinha-e-pais-de-maricas-a-frescura-e-mimimi.shtml>

do senso comum para aproximar a doença de algo classificável, algo menos perturbador. E com o advento da internet tornou-se possível o compartilhamento de diferentes percepções do objeto, ‘viralizando-as’.

É preciso pensar na construção de significados e sentidos desenvolvidos durante a pandemia de COVID-19, pois ela suspendeu, mesmo que por um período, “formas de nos relacionarmos com nossos corpos, e ao mesmo tempo, com espaços e tempos nos quais transitamos em experiências e vivências em sociedade” (LEIROZ; SACRAMENTO, 2021, p. 394).

Para estudar esse universo é fundamental entender os mecanismos de formação do conhecimento do senso comum. Moscovici (2015) contribui para essa discussão

As representações sociais, que são identificadas no senso comum, são análogas a paradigmas que, contrariamente aos paradigmas científicos, são construídos parcialmente por crenças baseadas na fé e parcialmente por elementos de conhecimento baseados na verdade. E pelo fato de conterem crenças, validá-los se mostra como um processo longo, incerto, pois os paradigmas não podem ser nem confirmados, nem negados (MOSCOVICI, 2015, p.344)

Para Moscovici (2015), as representações sociais consistem em uma maneira específica de compreender e comunicar o que já é sabido, com o objetivo de abstrair sentido do mundo de modo significativo e nele introduzir ordenamentos e percepções. Assim, elas possuem duas facetas interdependentes, de maneira que uma representação é constituída por imagem e significação. As representações sociais se colocam no plano do universo consensual, no qual se assume a perspectiva de igualdade e liberdade nos grupos sociais, com base na compreensão de não exclusividade de competências para a expressão de saberes em nome de um grupo.

Nesse contexto, os sujeitos “agiriam como observadores curiosos, que partilhariam opiniões e revelariam pontos de vista por meio da arte declinante da conversação” (MOSCOVICI, 2015, p. 51). Portanto, estudar as representações sociais é um desafio, urge saber se as mídias podem, de alguma forma, influenciar a construção de representações sociais da COVID-19, devido ao seu potencial de comunicação em larga escala, visto que “a comunicação concede ao leitor certa margem de decisão. Assim, a questão que se coloca é de sua influência sobre as condutas” (MOSCOVICI, 2012, p.23).

No entanto, não se pode ignorar o conhecimento do senso comum e que o ser humano é um ser pensante e faz suas próprias conexões na hora de construir as representações sociais do seu grupo de pertença sobre um determinado objeto.

A partir do exposto, o presente estudo tem por objeto as representações sociais da COVID-19 construídas durante a pandemia na mídia. A mídia veiculou um discurso com uma

forte carga simbólica em um momento de mudanças, isto são circunstâncias que podem gerar/mudar representações sociais.

Conforme Jodelet (2001, p. 3) “a falta de informação e a incerteza da ciência favorecem a emergência de representações que circulam de boca em boca ou rebote de um suporte mediático a outro”. Portanto o presente trabalho elenca as seguintes questões norteadoras: Como foram construídas as representações sociais da COVID-19 durante a pandemia? Qual o papel assumido pela mídia jornalística na formação e transformação do conhecimento do senso comum? Como foram propagadas as notícias da COVID-19 na mídia jornalística durante a pandemia?

Diante dessas questões foi estabelecido como objetivo geral analisar as representações sociais da COVID-19 construídas durante a pandemia na mídia jornalística.

Como objetivos específicos foram delimitados:

- a) Analisar a linha do tempo da pandemia da COVID-19 a partir das matérias veiculadas pelo jornal O Globo.
- b) Identificar os sistemas de comunicação propostos por Moscovici presentes no jornal O Globo.
- c) Descrever as representações sociais da COVID-19 veiculadas pelo jornal O Globo durante a pandemia.
- d) Discutir os conteúdos representacionais da COVID-19 veiculados pelo jornal O Globo

Esse trabalho justifica-se, tendo em vista que a pandemia de COVID-19 ocasionou mudanças de comportamentos e uma enorme carga simbólica para a população em geral. A possibilidade de acompanhá-la desde o início é um fator diferencial do estudo, já que o momento mais propício para se estudar as representações é quando elas são criadas/modificada (MOSCOVICI, 2015).

Espera-se que este estudo possa contribuir para a construção do aporte teórico acerca das representações sociais e da mídia jornalística, e com isto compreender a interferência da mídia na construção da representação social da COVID-19 e para a enfermagem para direcionar as práticas de enfrentamento da pandemia, em um contexto social específico.

1 REFERÊNCIAL TEMÁTICO

1.1 Aspectos conceituais, históricos, epidemiológicos, sociais e psicossociais da COVID-19

Em 31 de dezembro de 2019 a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi alertada sobre vários casos de pneumonia na cidade de Wuhan, na República Popular da China. Tratava-se de uma nova cepa de Coronavírus, que não havia sido identificada antes em seres humanos (OPAS, 2021). Foram identificados sete tipos de Coronavírus humanos (HCoVs): HCoV-229E, HCoV-OC43, HCoV-NL63, HCoV-HKU1, SARS-COV (que causa síndrome respiratória aguda grave), MERS-COV (que causa síndrome respiratória do Oriente Médio) e o, mais recente, o novo Coronavírus (que em 11 de fevereiro de 2020 recebeu o nome de SARS-CoV-2). Esse novo Coronavírus é responsável por causar a doença COVID-19 (OPAS, 2021).

Em 30 de janeiro de 2020 a OMS declarou que a COVID-19 passou a se constituir como uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII), no qual é o mais alto nível de alerta, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional. A ESPII é considerada, nos termos do Regulamento Sanitário Internacional (RSI), evento extraordinário que constitui risco de saúde pública devido à disseminação internacional de doenças e requer uma resposta internacional coordenada e imediata (OPAS, 2021).

A COVID-19 é a sexta doença na história que é considerada uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional. As outras foram: 25 de abril de 2009: pandemia de H1N1; 5 de maio de 2014: disseminação internacional de Poliovírus; 8 de agosto de 2014: surto de Ebola na África Ocidental; 1 de fevereiro de 2016: vírus Zika e o aumento de casos de microcefalia e outras malformações congênitas; 18 maio de 2018: surto de Ebola na República Democrática do Congo (OPAS, 2021).

Em 11 de março de 2020 a COVID-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia. O termo “pandemia” se refere à distribuição geográfica de uma doença e não à sua gravidade. A designação reconhece que, no momento, existem surtos de COVID-19 em vários países e regiões do mundo (OPAS, 2021).

Em relação à situação epidemiológica mais recente, o Boletim 146, referente à Semana Epidemiológica 52, 25/12 a 31/12 de 2022, no dia 31 de dezembro de 2022 foram

confirmados 660.300.641 casos de COVID-19 no mundo. Os Estados Unidos foram o país com o maior número de casos acumulados (100.749.731), seguidos por Índia (44.679.873), França (39.334.073), Alemanha (37.369.866) e Brasil (36.331.281). Em relação aos óbitos, foram confirmados 6.689.977 no mundo até o dia 24 de dezembro de 2022. Os Estados Unidos foram o país com maior número acumulado de óbitos (1.092.674), seguido por Brasil (693.853), Índia (530.705) (BRASIL, 2022).

Em 2023, segundo o painel Coronavírus/COVID-19 do Ministério da Saúde, até 15/01/2023 foram registrados 36.628.099 casos da doença no Brasil e com 35.537.59 casos recuperados. A taxa de letalidade foi de 1,9% (695.343 casos de óbitos acumulados) (BRASIL, 2023).

A COVID-19 é transmitida da mesma forma que outros vírus respiratórios, principalmente por três modos: contato, gotículas ou por aerossol. O Ministério da Saúde (MS) descreve a transmissão por contato como sendo a transmissão da infecção por meio do contato direto com uma pessoa infectada (por exemplo, durante um aperto de mão seguido do toque nos olhos, nariz ou boca), ou com objetos e superfícies contaminados (fômites). A transmissão por gotículas é a transmissão da infecção por meio da exposição a gotículas respiratórias expelidas, contendo vírus, por uma pessoa infectada quando ela tosse ou espirra, principalmente quando ela se encontra a menos de 1 metro de distância da outra. A transmissão por aerossol é a transmissão da infecção por meio de gotículas respiratórias menores (aerossóis) contendo vírus e que podem permanecer suspensas no ar, sendo levadas por distâncias maiores que 1 metro e por períodos mais longos (geralmente horas) (BRASIL, 2021).

A epidemiologia do Coronavírus - SARS-CoV-2 indica que a maioria das infecções se espalha por contato próximo (menos de um metro), principalmente por meio de gotículas respiratórias. Seu período de incubação é estimado entre 1 e 14 dias, com mediana de 5 a 6 dias e o de transmissibilidade vem sendo atualizado continuamente. A transmissão da doença pode ocorrer diretamente, pelo contato com pessoas infectadas, ou indiretamente, pelo contato com superfícies ou objetos utilizados pela pessoa infectada. Evidências sugerem que a maioria das transmissões ocorre de pessoas sintomáticas para outras. Também já é conhecido que muitas pessoas podem transmitir a doença durante o período de incubação, geralmente 48 horas antes do início dos sintomas (BRASIL, 2021).

Os sintomas de infecção pelo SARS-CoV-2 podem variar de casos assintomáticos e manifestações clínicas leves, até quadros moderados, graves e críticos, sendo necessária atenção especial aos sinais e sintomas que indicam piora do quadro clínico que exijam a

hospitalização do paciente. Esses sintomas podem ser classificados como casos assintomáticos quando apresenta teste laboratorial positivo e ausência de sintomas; casos leves a partir da presença de sintomas não específicos, como tosse, dor de garganta ou coriza, seguido ou não de anosmia, ageusia, diarreia, dor abdominal, febre, calafrios, mialgia, fadiga e/ou cefaleia; casos moderados os sintomas mais frequentes podem incluir desde sinais leves da doença, como tosse persistente e febre persistente diária, até sinais de piora progressiva de outro sintoma relacionado à COVID-19 (adinamia, prostração, hiporexia, diarreia), além da presença de pneumonia sem sinais ou sintomas de gravidade (BRASIL, 2021).

Já os casos graves são considerados como Síndrome Respiratória Aguda Grave a Síndrome Gripal que apresente dispneia/desconforto respiratório ou pressão persistente no tórax ou saturação de O₂ menor que 95% em ar ambiente ou coloração azulada de lábios ou rosto) e casos críticos quando os principais sintomas são sepse, síndrome do desconforto respiratório agudo, síndrome do desconforto respiratório agudo, insuficiência respiratória grave, disfunção de múltiplos órgãos, pneumonia grave, necessidade de suporte respiratório e internações em unidades de terapia intensiva (BRASIL,2019).

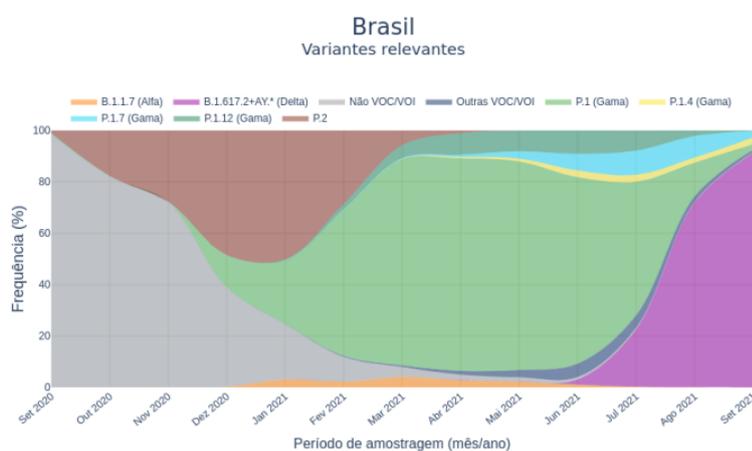
O diagnóstico pode ser feito por investigação clínico-epidemiológica, anamnese e exame físico a partir dos sinais e sintomas característicos da COVID-19, pelo histórico de contato próximo ou domiciliar nos 14 dias com pessoas já confirmadas para COVID-19 e por diagnósticos laboratoriais. Os diagnósticos laboratoriais compreendem: biologia molecular - identifica a presença do material genético (Ácido Ribonucleico - RNA) do vírus SARS-CoV-2 em amostras de secreção respiratória, por meio das metodologias de RT-PCR; sorologia - detecta anticorpos IgM, IgA e/ou IgG produzidos pela resposta imunológica do indivíduo em relação ao vírus SARS-CoV-2 e os testes rápidos – detectam os antígenos virais do SARS-CoV-2 em amostras coletadas de nasal/nasofaringe e devem ser utilizados para a identificação da infecção ativa. Também, pode ser utilizado o diagnóstico por imagem a partir de alterações tomográficas compatíveis com caso da COVID-19 (BRASIL, 2021).

O vírus de RNA, o SARS-CoV-2 sofre diversas mutações. Desta forma, o vírus original (ancestral) pode ter inúmeras variantes, cada uma com um grupo distinto de mutações. Rambault e colaboradores foram responsáveis por criarem um sistema de classificação em linhagens, tendo como base grandes ramos que receberam a nome de acordo com as letras do alfabeto, de acordo com o vírus ancestral. Assim, à medida que diferenciações genéticas aliadas às evidências epidemiológicas surjam dentro de cada grande ramo, novas linhagens são designadas (e.g. A.1, A.2, B.1, B.1.1) (BRASIL, 2021a).

Considerando-se que em uma pandemia milhões de pessoas são infectadas em diferentes locais do mundo, infere-se que haverá diversas variantes e linhagens. Desde o surgimento do SARS-CoV-2, foram identificadas mais de 1.536 variantes circulantes no mundo por meio do sequenciamento do genoma viral. No Brasil, diferentes linhagens do SARS-CoV-2 foram identificadas circulando no estado de São Paulo. Observa-se que a linhagem predominante entre as amostras foi a linhagem B.1.617.2 (Delta) com 63,5% dos genomas sequenciados, seguida pela AY.4 (Delta) com 9% dos genomas sequenciados, linhagem AY.39 (Delta) com 6,9% dos genomas sequenciados e outras linhagens (BRASIL, 2021a).

No Brasil, a B.1.1.7 foi identificada em dezembro de 2020 e já foi detectada em 14 UF brasileiras: Paraíba, Sergipe, Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Goiás, Distrito Federal e Rio Grande do Sul (Figura 5). De fevereiro a junho de 2021 observou-se as VOCs do SARS-CoV-2 com a mutação N501Y, dentre as quais se incluem a alfa, beta e a gama, se tornaram as VOC predominantes em circulação em Ontário, Canadá (BRASIL, 2021). É possível verificar esta evolução na figura 1.

Figura 1 – Evolução temporal da frequência de circulação das linhagens de SARS-CoV-2 em território brasileiro



Fonte: BRASIL, 2021.

O atendimento e tratamento adequado aos casos suspeitos ou confirmados da COVID-19 dependem do reconhecimento precoce de sinais e sintomas da doença e monitoramento contínuo dos pacientes. Como medidas de prevenção e controle para a doença foram adotadas as indicadas pelo MS, não farmacológicas, como distanciamento social, etiqueta respiratória e

de higienização das mãos, uso de máscaras, limpeza e desinfecção de ambientes, isolamento de casos suspeitos e confirmados e quarentena dos contatos dos casos de COVID-19, além da vacinação (BRASIL, 2021).

Como não havia tratamento para COVID-19 uma vacina eficaz seria crucial para controlar a pandemia e retornar à normalidade. Em 2020, o mundo acompanhava com grandes expectativas o desenvolvimento de estudos científicos com as candidatas as vacinas contra o novo Coronavírus, sendo quatro delas no Brasil (CASTRO, 2021). O acompanhamento cooperou para familiarização com os bastidores e o cotidiano da ciência, principalmente porque a mídia publicava o passo a passo das etapas da produção da vacina.

Este percurso de espera foi marcado por rivalidades políticas. O momento que deveria ser de combate as fake news da vacina e incentivo à imunização foi de rivalidade entre o presidente Bolsonaro e alguns governadores. O presidente utilizou-se de discurso negacionista, inclusive potencializando a teoria conspiracionista que circulava pela internet de que as vacinas produzidas pelo laboratório Sinovac, em parceria com o Instituto Butantã (SP), deveriam ser vistas com desconfiança devido seu desenvolvimento ser por empresa chinesa (CASTRO, 2021).

O presidente Bolsonaro alimentou rumores de que vacinas de RNA alteravam o código genético de humanos. E, para além dessas informações falsas, também cooperou para o enfraquecimento do debate público sobre o acesso às vacinas ao estimular e abordar como uma questão de escolha individual. Pode-se dizer que a “ausência de políticas de combate ao avanço da pandemia, o negacionismo científico e o reforço de teses conspiratórias marcaram os contornos da pandemia no Brasil, assim também tem ocorrido com relação às vacinas” (CASTRO, 2021, p. 2).

Ademais, as *fake news* se multiplicaram em 2018 durante a campanha eleitoral para presidente do Brasil, ganhando sua força, principalmente, devido ao aplicativo de troca de mensagens WhatsApp, sendo declarado por instituições governamentais, como a Organização dos Estados Americanos, que, nessa época, as notícias falsas se replicaram no Brasil num nível sem precedentes (TEIXEIRA, 2018). Concomitante a isto o Brasil em 2018 vinha passando por um momento de baixa cobertura vacinal, inclusive com o retorno do Sarampo, registrando-se 10.163 casos da doença, sendo que em 2016 o Brasil havia obtido o certificado de área livre da doença (STEVANIM, 2019).

Dentre os fatores apontados pela queda da cobertura vacinal está o crescente movimento antivacinas, com divulgação *fake news* (STEVANIM, 2019) que com o advento da velocidade de propagação da internet ganhou mais força na replicação dos seus ideais.

Teixeira (2018) aponta que das afirmações falsas surgiram duas desconfianças: uma contra o Estado que regulamenta a vacinação e outra contra a indústria farmacêutica que produz a vacina, assim quanto maior o nível de desconfiança, maior a aceitação pela população das *fake news* relacionadas às vacinas.

E apesar de toda a circulação de *fake news* ainda no processo de fabricação da vacina contra COVID-19, o MS refere sobre o Plano Nacional de Operacionalização da Vacinação contra a COVID-19 “que o êxito dessa Campanha, de dimensões nunca vistas no país, é possível com a efetiva participação dos milhares de trabalhadores civis e militares, do setor público e privado e de toda a sociedade” (BRASIL, 2022). É preciso realizar novas pesquisas a respeito das *fake news* e se houve ou não, interferências na decisão de vacinar em relação à COVID-19.

Apesar da recomendação do MS para a vacinação de toda a população em 2021, um longo processo de informação e contrainformação foi observado na sociedade brasileira, no período decorrido entre o desenvolvimento das primeiras vacinas e a sua efetiva disponibilização para a comunidade. Devido à

Tensões e disputas políticas balizadas pelo nacionalismo vacinal; da grande concentração da produção de medicamentos em laboratórios privados; do negacionismo viral e dos movimentos antivacina; do avanço do neoliberalismo sobre as políticas de acesso universal à saúde e das históricas desigualdades nacionais e locais no acesso à saúde (CASTRO, 2021, p. 3).

Entretanto, apesar disso, um estudo realizado por Araújo encontrou que na época, meados de 2020, não tinha ainda nenhuma vacina disponível, que haveria “aceitabilidade de uma vacina COVID-19, com resultados indicando que um alto percentual (79,5%) de adultos estaria disposto a ser vacinado” (ARAÚJO et al., 2021, p. 7).

A vacinação contra a COVID-19 teve seu início no Brasil em 17 janeiro de 2021, quando foram autorizadas duas vacinas, uma do laboratório Sinovac (China), em parceria com o Instituto Butantan, e outra do laboratório Serum (Índia), em parceria com a Universidade Oxford, cuja tecnologia faz parte do acordo entre o laboratório AstraZeneca e BioManguinhos/Fiocruz (BRASIL, 2021). A vacinação contra a COVID-19 tem como objetivo principal evitar internações e óbitos pela doença, principalmente entre os grupos de maior risco para agravamento (BRASIL, 2019). As vacinas disponibilizadas pelo SUS foram as seguintes: Astrazeneca/Oxford (Fiocruz), Pfizer (BioNTech), Janssen (Johnson & Johnson) e CoronaVac (Butantan) (BRASIL, 2021). De acordo com a Rede Nacional de Dados de Saúde – RNDS, o Brasil em 14/01/2023, encontrava-se com um total de 500.045.958 de pessoas vacinadas (BRASIL, 2023).

A Pandemia do Coronavírus tornou evidente a fragilidade na qual se encontrava a Saúde Pública Brasileira no surgimento da pandemia. Esse sucateamento se deu pela desvalorização e negligência da política brasileira em relação à saúde, prova disso foi a PEC (Proposta de Emenda à Constituição) do Teto que congelou os investimentos em saúde e educação por 20 anos (SILVA, et al., 2021). Para Nunes (2020) ações e omissões, nas últimas décadas, diminuíram a capacidade do sistema de saúde para enfrentar a pandemia de COVID-19. Para o autor, foram feitas escolhas políticas que “acentuaram a desigualdade econômica, a precariedade do trabalho e o enfraquecimento de serviços públicos de assistência” (NUNES, 2020, p.2). Em vista disso, gerou um crescimento da população em situação de vulnerabilidade às doenças e com incapacidade de lidar com as suas consequências.

O capitalismo impõe um novo papel para o estado, que deve diminuir a prestação de serviços aos cidadãos para produzirem riquezas. Com isso ocorre um desinteresse de se investir em políticas que exigem a prestação de serviços pelo aparato estatal ou que requerem uma forte participação do poder público, como o Sistema Único de Saúde (SUS) (SOUSA et al., 2019).

Pode-se dizer que a pandemia da COVID-19 explicitou que a forma de enfrentamento de uma situação pandêmica letal não está no mercado (que é um dos primeiros a sucumbir), tampouco na saúde privatizada, mas “no fortalecimento de um sistema público e universal, apoiado no pressuposto da saúde como bem comum e na participação social como mecanismo democrático essencial para sua definição e implantação” (NUNES, 2020, p. 3).

No início da pandemia, quando ainda não havia medidas eficazes como vacinas foi preciso recorrer às medidas tradicionais e seculares da saúde pública, como: quarentena, barreiras sanitárias, isolamento/confinamento e distanciamento social, somadas às medidas populacionais de higiene. A necessidade de confinamento e de isolamento de amplas camadas da população trouxe como consequência social imediata o aumento drástico do desemprego pela redução das atividades econômicas.

O Brasil já se encontrava em um processo de precarização das relações de trabalho, com aumento expressivo do trabalho informal, processo esse agravado pela pandemia deixando muitos desprotegidos, evidenciando uma vulnerabilidade econômica estrutural do país. Nesse processo, milhões de brasileiros precisaram buscar o auxílio de políticas governamentais de apoio, inicialmente de metade do salário-mínimo nacional para comprar suprimentos e sobreviver à fome e ao desemprego (FREITAS; PENA, 2020).

Para além das questões econômicas, as questões de ordem relacional e psicossocial são destacadas por Duarte et al. (2020) que aponta que, devido ao confinamento em massa,

consequências psicológicas passaram a ser observadas, tais como, maior índice de ansiedade, depressão, uso nocivo de álcool e menor bem-estar mental do que os índices populacionais usuais. Pacientes com confirmação ou suspeita da COVID-19 conviveram com sentimento de medo das consequências da infecção – potencialmente fatal, e os que estavam em quarentena relatavam tédio, solidão e raiva.

Diante de tantos impactos sociais e mudanças de comportamentos é imperativo refletir sobre a formação das representações sociais nesse período pandêmico de crise humanitária, sanitária e social. Segundo Moscovici (2015, p. 40) é “na natureza da mudança, através da qual as representações sociais se tornam capazes de influenciar o comportamento do indivíduo participante de uma coletividade”.

Compreender as representações sociais no contexto pandêmico implica em entender como determinados grupos se comportam frente ao novo, como irão criar outras conexões cognitivas para lidar com um universo não consensual. A apropriação da TRS pode fornecer acesso ao conhecimento que determinado grupo utiliza para interpretar problemas e justificar suas práticas sociais (OLIVEIRA, 2019).

Ao evidenciar-se que as representações são sociais significa dizer que elas são simbólicas e possuem tantos elementos perceptuais quanto cognitivos, e por isso seu conteúdo é tão importante, sendo impossível diferenciá-las dos mecanismos psicológicos. São as representações que, segundo Moscovici (2015), em última instância, determinam as reações e as significações. Para Moscovici (2012, p. 104) “todos os elementos do campo psíquico são revestidos, uma vez que a assinatura social tenha sido colocada neles”.

Dessa forma, considera-se que a representação social da COVID-19 advém dos contextos sociais nos quais os sujeitos estão inseridos, que guardam informações e experiências vividas, portanto não se pode dissociar o caráter social do psicológico na pesquisa de representações sociais da COVID-19.

1.2 Aspectos conceituais da mídia jornalística

A pesquisa será realizada na mídia jornalística escrita, por isso precisava-se de suporte teórico sobre a forma narrativa do jornalismo. Visando isto, este tópico apresenta os aspectos conceituais da mídia jornalística propostos por Marques de Mello (MELO; ASSIS, 2016) trazendo estes gêneros para discussão dentro da TRS ao entender que o processo de

comunicação perpassa pela linguagem e “as representações sociais estão relacionadas ao pensamento simbólico e a toda forma mental que pressupõe a linguagem” (MOSCOVICI, 2015, p. 307).

Moscovici estudou a relação da linguagem com a representação social e por isso fez sua pesquisa na imprensa. Afirma o autor que “o estudo da representação social de uma ciência compreende, além do conteúdo e dos princípios, a análise da penetração da sua linguagem” (MOSCOVICI, 2015, p.211).

Em relação à comunicação, o seu valor para as representações sociais se dá, conforme Jodelet (2001, p. 13) por ser:

Vetor da transmissão da linguagem e portadora de representações. Além disso, incide sobre os aspectos estruturais e formais do pensamento social, visto que engaja os processos de interação social, influência, consenso e dissenso e polêmica. A comunicação concorre para forjar representações que, apoiadas numa energética social, são pertinentes à vida prática e afetiva dos grupos. Energética e pertinência sociais que consideram, ao lado do poder de desempenho das palavras e discursos, a força pela qual as representações inauguram as versões de realidade, comuns e partilhadas.

Para TRS, Jodelet (2001, p. 4) refere que “as instâncias e ligações institucionais, as redes de comunicação mediáticas ou informais intervêm em sua elaboração abrindo a via dos processos de influência, às vezes de manipulação social” sendo fatores decisivos na construção da representação em relação ao objeto.

Estudar a imprensa é importante visto que ela é uma das propagadoras da cultura de massa através da Comunicação de Massa. A Comunicação de Massa tem a particularidade de atingir grande quantidade de receptores ao mesmo tempo, partindo de um único emissor. Ao se falar em comunicação de massa é preciso situar também sobre a cultura de massa, sociedade de massa e indústria cultural. A comunicação em massa é a comunicação feita de forma industrial, objetivando atingir um grande número de indivíduos, a sociedade de massa. Televisão, rádio, jornal, revistas, internet e e-mail são os meios de comunicação de massa considerados os mais comuns (BARRETO, 2010).

Pode-se dizer que a comunicação de massa é uma característica fundamental da sociedade de massa. Ela surgiu no séc. XIX com o jornal diário, mas se consolidou no séc. XX com o rádio, o cinema e, o meio de comunicação de massa por excelência, a televisão. A cultura de massa é o que mais interessa aos comunicadores, sua mensagem é pública, rápida e transitória e sua audiência é heterogênea, anônima e muito grande. Esse tipo de comunicação tem influência direta na cultura de um povo, é através dela que a mídia insere gostos musicais, maneiras de se vestir e até mesmo de pensar determinados assuntos (BARRETO, 2010).

O conceito de indústria cultural é bem recente, apresentado pelos filósofos alemães Theodor W. Adorno e Max Horkheimer em "A Dialética do Esclarecimento", de 1947 (LEMOS, 2013). Horkheimer, Adorno, Marcuse e outros pesquisadores frankfurtianos criaram o conceito de "Indústria Cultural" para definir a conversão da cultura em mercadoria. O conceito não se refere aos veículos da comunicação, mas ao uso dessas tecnologias por parte da classe dominante (BARRETO, 2010).

Os meios de comunicação são capazes de envolver as pessoas na maior controvérsia política, mas, ao mesmo tempo, contribuem para a exclusão das pessoas de qualquer participação real no poder e no processo, cumprindo-se um destino de manipular consciências com a ilusão participativa. “Não há como camuflar o poder de fogo dos meios de comunicação de massa, nem como ignorar a influência que exercem sobre toda uma geração” (MORAES, 1986, p 62).

O jornal, sendo um dos veículos de comunicação de massa, contribui com o fortalecimento da indústria cultural e sabendo-se da interferência deste em condutas e valores é de grande contribuição para o estudo da TRS, com destaque para pandemia da COVID-19, tendo em vista que ganhou espaço devido ao desencontro de informações (MORAES, 1986).

Renaud (et al., 2021) apontam em seu estudo que nem sempre a interação jornalística com questão da saúde traz benefícios para sociedade, visto que o jornalismo é feito de forma rápida e com fartura de informação, não tendo tempo para se aprofundar e, em contrapartida, os cidadãos estão utilizando mais as informações da mídia jornalística do que a dos profissionais de saúde, tornando-se mais expostos às normas sociais ditadas por esse meio em relação à saúde. E é por isto que há uma exigência em refletir sobre a responsabilidade dos jornalistas quanto à informação transmitida e a consequência desta na sociedade.

José Marques de Melo foi um dos principais pesquisadores de comunicação do Brasil. Tendo como formação os títulos de bacharel em Jornalismo, bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais e pós-graduação em Ciências da Informação Coletiva. Defendeu o doutorado em Ciências da Comunicação na Escola de Comunicações e Artes (ECA) e se tornou o primeiro doutor em jornalismo no Brasil⁵.

Melo (2003) defende que uma maior participação do profissional da comunicação na construção da notícia poderia distorcer a informação. Sua preocupação era de que a opinião

⁵ História de Marques de Melo: <https://jornal.usp.br/universidade/eventos/morre-jose-marques-de-melo-um-dos-maiores-pensadores-da-comunicacao-no-brasil/>

emitida pelo jornalista poderia se transformar em uma verdade ao público, pois quando o público recebe apenas uma fonte jornalística, há um risco de assimilar aquela única opinião como veracidade. E com isso infringir o direito democrático do cidadão em ter acesso à informação. Ter acesso à informação significa apresentar várias fontes sobre um mesmo assunto ou fato noticiado, antes do profissional expressar sua interpretação e com isso permitir ao leitor a oportunidade de estabelecer suas próprias considerações (FIGUEIREDO; TUZZO, 2013).

O trabalho jornalístico, organizado e normatizado, conforme padrões preestabelecidos subdivide-se em, pelo menos, dois estágios: os gêneros e os formatos. Para Melo cada um possui características próprias. Sendo gênero a expressão que remete à aglomeração, com elementos por ele coligados, que podem ser percebidos como formas de demonstração pelas quais entendemos a vida social (MELO; ASSIS, 2016).

Em relação aos gêneros e aos formatos jornalísticos, Marques de Melo propôs um modelo classificatório destinado a reconhecer e a organizar as categorias de matérias no âmbito da imprensa (MELO; ASSIS, 2016). Os gêneros jornalísticos e suas respectivas funções são descritos por Melo e Assis (2016, p. 49) como “Informativo - vigilância social; Opinativo - fórum de ideias; Interpretativo - papel educativo, esclarecedor; Diversional - distração, lazer e Utilitário - auxílio nas tomadas de decisões cotidianas”.

No que concerne aos formatos midiáticos eles são transições dos gêneros, estando a eles subordinados, mas simultaneamente se ampliam a partir de lógicas internas próprias e suas potencialidades. A distribuição dos formatos é sugerida pelo autor conforme quadro abaixo:

Quadro 1 - Distribuição dos formatos midiáticos

Gênero informativo	Nota, Notícia, Reportagem e Entrevista
Gênero opinativo	Editorial, Comentário, Artigo, Resenha, Coluna, Caricatura, Carta e Crônica
Gênero interpretativo	Análise, Perfil, Enquete, Cronologia e Dossiê
Gênero diversional	História de interesse humano e História colorida
Gênero utilitário	Indicador, Cotação, Roteiro e Serviço

Fonte: MELO; ASSIS, 2016, p. 50.

Os formatos dos gêneros apresentados no quadro são descritos abaixo:

Informativo: vigilância social = Nota, notícia, reportagem e entrevista. Arquitecta o relato, ferramenta principal de sua dinâmica, de modo dependente às variáveis externas, como

os acontecimentos e a relação instituída entre o jornalista e os protagonistas dos acontecimentos. A distinção entre a nota, a notícia e a reportagem está na progressão dos acontecimentos, sua captação pela instituição jornalística e acessibilidade de que goza o público. A nota corresponde ao relato de acontecimentos que estão em processo de configuração e por isso é mais frequente no rádio e na televisão. A notícia é o relato integral de um fato que já eclodiu no organismo social. A reportagem é o relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações que já são percebidas pela instituição jornalística. Por sua vez, a entrevista é um relato que privilegia um ou mais protagonistas do acontecer, possibilitando-lhes um contato direto com a coletividade (MELO, 2003).

Opinativo: fórum de ideias = Editorial, Comentário, Artigo, Resenha, Coluna, Crônica. Pouco há de diferente, externamente, entre os formatos editorial, artigo e comentário. O primeiro talvez seja o que mais se distancia, pelo fato de não trazer assinatura de um autor, já que registra um posicionamento institucional. Os demais são praticamente idênticos: textos assinados nos quais são expostos pontos de vista acerca de algo. A diferença circunstancial está mais além do fato de serem matérias argumentativas. Ocorre que o artigo é, geralmente, elaborado por um especialista, que julga um acontecimento passível de controvérsia a partir de seu repertório; já o comentário é produção de um jornalista tarimbado, com vasta experiência, que analisa certa ocorrência – em geral, relacionada a algum assunto trabalhado, na mesma edição, por um formato informativo, relacionando-a a fatos anteriores e fazendo projeções de possíveis desdobramentos (MELO, 2003).

Interpretativo: papel educativo, esclarecedor = Análise, Perfil, Enquete, Cronologia e Dossiê. A Análise é quando a informação é analisada pelo autor do texto publicado, com dados complementares que fazem com que o leitor possa ter uma compreensão dos fatos, corresponde à investigação dos elementos que compõe uma mensagem. O Dossiê é destinado a facilitar a compreensão dos fatos noticiosos, juntando os dados sob a forma de ‘boxes’, ilustrados com gráficos, mapas ou tabelas. Para Melo, trata-se de matéria destinada a complementar as narrativas principais de uma edição ou celebrar efemérides. É o material jornalístico que pretende familiarizar o leitor com um fato determinado e procura detalhar ao máximo para apresentar a informação completa. Já o Perfil é o relato biográfico sintético, identificando os ‘agentes’ noticiosos. Focaliza os protagonistas mais frequentes da cena jornalística, incluindo figuras que adquirem notoriedade ocasional. A Enquete são relatos, observa-se que não apenas os elementos históricos e geográficos podem servir ao cidadão como recursos formadores de opinião, mas também os relatos dos indivíduos, pois representa

a forma como eles se relacionam com os acontecimentos (MELO, 2003).

Cronologia é o quarto formato do Jornalismo Interpretativo reconstitui um acontecimento por meio de variáveis temporais (secular, anual, semanal, horária) e destina-se a reconstituir o fluxo das ocorrências, permitindo sua melhor compreensão pelo receptor (MELO, 2003). Segundo o autor, trata-se de ilustração que complementa a cobertura de fatos extraordinários ou cuja dinâmica tem como alavanca o fator tempo.

Diversional - distração, lazer = História de interesse humano e História colorida. O termo diversional consta, pois, em taxonomia elaborada pelo referido autor a respeito dos gêneros jornalísticos. Trata-se de neologismo, sem palavra correlata em outro idioma, e que, de fato, se remete à ideia de diversão, por vezes incompreendida, porque não raramente confunde-se conteúdo com forma. Quando se trata do jornalismo diversional, reporta-se à forma na qual se apresenta capaz de divertir, e não a conteúdos que versem sobre diversão, entretenimento, lazer ou similares, apesar de eles poderem ser evocados em muitos casos (OSTROWER, 1995).

A história de interesse humano é a narrativa que privilegia facetas particulares dos agentes noticiosos. Recorrendo a artifícios literários, emergem dimensões inusitadas de protagonistas anônimos ou traços que humanizam os heróis. Apesar da apropriação de recursos ficcionais, os relatos devem primar pela veracidade sob o risco de perder a credibilidade. Já a história colorida se apresenta em relatos de natureza pictórica que valorizam tons e matizes na reconstituição dos cenários noticiosos. Trata-se de uma leitura impressionista, que penetra no âmago dos acontecimentos, identificando detalhes enriquecedores, capazes de iluminar a ação de agentes principais e secundários. Não obstante a presença do repórter no cenário noticioso, ele se comporta como um observador distante, enxergando detalhes não perceptíveis (MELO, 2003).

Utilitário: auxílio nas tomadas de decisões cotidianas = Indicador, Cotação, Roteiro e Serviço. Gêneros utilitários são aqueles que servem como prestadores de serviços (MELO, 2003).

Desse modo, estes gêneros e formatos jornalísticos serão analisados, afim de averiguar se algum deles afeta na construção da representação social da COVID-19. Segundo Oliveira (2014, p. 42) o dispositivo jornalístico julga como missão “captar, interpretar e codificar acontecimentos. Ao serem captados, os acontecimentos ganham novas formas e sentidos, e assim serão reconhecidos pelo público” e são essas formas e sentidos que interessam na construção da representação social.

1.3 Percepções e representações da COVID-19 divulgadas pela mídia

No que diz respeito às percepções e representações da COVID-19 divulgadas pela mídia, conforme Ferraz (2020), durante a pandemia houve uma desordem, devido a carga acidental em larga escala da doença, provocando mortes e afetando a rotina de cidades, estados e países, e isto carrega uma forte carga simbólica. Um cenário de crise é, também, um cenário de disputa de sentidos, “sendo improvável que algum antagonismo não se estabeleça, porque as forças históricas e políticas emergem pelo próprio efeito da tensão desencadeadora pela crise” (ALVES et al., 2021, p. 21).

Analisar o lugar da imprensa na composição de cenas discursivas é de real importância para a compreensão de como discursos sobre a saúde pública são potencializados ou atenuados, vocalizados ou silenciados (ALVES et al., 2021).

A crise gerada pela COVID-19 fez com que a mídia assumisse, ainda mais, o protagonismo. Foi o momento que o jornal se pôs em cena e passou a disputar espaço como sujeito do discurso autorizado (ALVES et al., 2021). A autora considera discurso autorizado àquele que tem legitimidade para falar sobre tal assunto. Apresentam-se duas proposições de abordagem narrativa da mídia durante a pandemia apontada pelos artigos: a narrativa da mídia com uso do discurso persuasivo e a narrativa da mídia com uso de apelo emocional.

No que se refere a narrativa da mídia e ao discurso persuasivo, Alves (et al., 2021) destacam em análise do discurso, feita a partir das notícias do jornal O Globo, que até o dia 26 de março 2020, o jornal vinha apresentando uma narrativa mais pedagógica acerca do tema isolamento social. Entretanto, neste dia, devido a oposição explícita à tese do presidente da República, Jair Bolsonaro, durante um pronunciamento na noite do dia 24 de março, reproduzido na manhã do dia 25, afirmando que o melhor seria o afrouxamento das medidas restritivas em nome da economia, a rede Globo mudou de cena e passa a fazer parte da intriga discursiva política.

A posição da mídia em meio a disputa política não se caracterizou apenas como de informar o leitor, mas de persuadi-lo, trazendo para a reportagem um discurso de embate, com predominância de atos persuasivos, dando nova tonalidade à forma discursiva das notícias e reportagens. O que se projeta sobre o leitor é a imagem de aliado ou adversário que precisa ser combatido. É nesse campo de disputa que a equipe jornalística irá utilizar recursos de “convencimento” para afirmar e propagar suas ideias sobre determinado assunto (ALVES et al., 2021).

As notícias sobre a pandemia trazem dados estatísticos de pessoas infectadas, óbitos, leitos, porém os dados por si só não produzem efeitos, a notícia depende da interação com o locutor que irá, a partir disto, interagir e atribuir valor e sentimentos a mesma. Por isso, é importante destacar a relevância dos recursos das imagens, do nível discursivo e da entonação. A entonação revela sentido, trazendo a presença do outro no discurso, que também está presente na notícia impressa, através das pontuações e ironias (RÊGO et al., 2020).

Para Rêgo (et al., 2020, p.86) a objetividade jornalística, marcada pela neutralidade e espelhamento da realidade, é concebida como impossível, pois existe um envolvimento de aspectos como: “o discurso do jornalista (perpassado por suas experiências de vida, contexto familiar, político, social e religioso), da organização do veículo (linha editorial, publicidade envolvida, condições de produção, tecnologia) e dos públicos”. A autora completa dizendo que a mídia é constituída de ideologias e é um espaço de divulgação e fortalecimento delas. Para Reis (2020) a neutralidade não passa de uma estratégia retórica e é apenas um efeito de colocar os que assumem essa neutralidade como partes sujeitos à incorporação passiva por retórica de outros grupos ou indivíduos.

Quanto a narrativa da mídia e o discurso emotivo, observa-se que é um outro recurso utilizado pela mídia. Aguiar (2021) refere como humanização das estatísticas e “guinada moral” quando a mídia dá certa afetividade aos números de morte deixados pela COVID-19 a partir do momento que usam o discurso de não são números, são vidas e passam a referir as vítimas pelos nomes e pelas suas histórias. O discurso na atualidade traz mais verdade para o leitor quando é tratado com amorosidade, “ter o narrado reconhecido como verdadeiro também é, em nossos tempos, narrar de modo emocionado e emocionante” (LEIROZ; SACRAMENTO, 2021, p. 401), isto significa que os relatos afetivos transmitem certa credibilidade para o público ao envolvê-los sentimentalmente nas narrativas.

A pandemia conferiu mudanças no modelo narrativo, trazendo a presença de gestos de intimidade e afabilidade de seus locutores, assim como novos ângulos de imagens, com diferentes qualidades e quadros em que o testemunho prevalece (LEIROZ; SACRAMENTO, 2021). A retórica era produzida, várias vezes, com manifestações com viés moral em relação aos dados da COVID-19, não se apresentando apenas como números, mas como vidas (AGUIAR, 2021). A retórica na crise pode ser utilizada porque ela oferece respostas diante das incertezas que marcam os assuntos humanos, a eloquência e persuasão são importantes na tomada de decisões, oferecem conjuntos de ferramentas que podem ser aprendidas e ensinadas a partir de experiências e é construída por meio da linguagem (REIS, 2020).

Além da inserção das imagens, fotografias, nomes das vítimas (O Globo foi inteiramente editado como um mural de nomes), mudança do cenário (O Jornal Nacional – JN retira a imagem do painel “inimigo número 1”, o vírus, e substitui por rostos dos brasileiros que a COVID-19 ceifou), homenagens (encerrar o JN em silêncio), escolha sistemática de expressões carregadas de emoções (“estamos aqui para salvar o amor de alguém”), a mídia também optou por trazer os relatos de vítimas, repórteres nas cenas e profissionais da linha de frente (AGUIAR, 2021; LEIROZ; SACRAMENTO, 2021; RÊGO et al., 2020).

Trazer os relatos tanto dos âncoras, como dos profissionais que testemunham a COVID-19 torna o leitor cúmplice afetivamente.

Tanto os âncoras do JN como os profissionais que testemunham criam as presenças que nos enredam verbal, visual, referencial e virtualmente nos espaços (hospitais/casa) e no tempo presente. Essa presença não é apenas contada, mas reveladora de diferenças que nos mobilizam como testemunhas também de uma experiência de isolamento, cúmplices de afetos em tempos pandêmicos: nós e os âncoras do JN compartilhamos, pelas estratégias audiovisuais do “Aqui Dentro”, a sensação corporal e a experiência de quem fala o que vive e sobrevive à catástrofe que nos assola, transmitindo o que conhecem. Diante das câmeras, os profissionais de saúde reforçam o quanto sua presença permite maior reconhecimento de veracidade da experiência narrada, reforçada pelo fato de estarem no local de trabalho (LEIROZ; SACRAMENTO, 2021, p. 400).

Esses testemunhos fazem com que o público se veja “diante de um conhecimento da dor alheia, de modo a levá-lo a pensar que precisa fazer alguma coisa a respeito, seja por um sentimento de obrigação moral, seja por identidade cultural ou social” (AGUIAR, 2021, p.15). Trazer relatos permitem disputar espaço na arena das ideias, pois a eficácia está ligada à quantidade e à qualidade de poder social persuasivo que um determinado relato consegue agrupar (e manter), em comparação com os demais que com ele estão em disputas (REIS, 2020).

Para além disso, Moscovici (2012) diz que recorrer a autoridade do especialista, dá um peso às conjecturas contidas no jornal, como também permite a quem escreve ser apenas um simples administrador de ligação entre as opiniões da autoridade e as do público. O jornalista se torna, também, o público, pois se atem apenas em juntar as opiniões sobre uma dada questão noticiada.

O relato dos profissionais é uma estratégia apropriada porque, segundo Leiroz e Sacramento (2021), estes são narrados pela mídia como aqueles capazes de vencer o medo ao saírem da segurança de suas casas para salvar vidas e se configuram como testemunhas que sobrevivem ao perigo e isto é algo positivo para chamar atenção do sujeito que assiste. Ser testemunha configura autenticidade pela própria experiência narrada, credencia o narrador como autoridade do que diz.

Os estudos apontam que a narrativa durante a pandemia mudou, além do discurso persuasivo da mídia para se estabelecer como protagonista diante de uma disputa política pelo discurso, houve um destaque para a forma de abordagem, agora não tão objetiva e impessoal, mas lançando mão de um discurso com mais envolvimento afetivo, próximo e emocional. Claro que “humanizar as estatísticas” não é algo ruim, a preocupação é como a compreensão desses discursos poderá afetar a saúde pública.

A COVID-19 trouxe a maior crise sanitária vivenciada no mundo e, conseqüentemente, durante a pandemia, a produção jornalística apresentou um crescimento muito significativo (FERRAZ, 2020). Para Reis (2020) a atribuição do signo “pandemia” não apenas confere um sentido que unifica situações individuais, regionais e de países específicos, mas também reifica “a coisa”, “o vírus”, “a doença”, como algo que não foi possível controlar.

As notícias e a mídia promovem o conhecimento do mundo que nos cerca, possibilitando que os cidadãos possam construir opiniões e ação política, além de ser constituída de ideologias e um espaço de divulgação e fortalecimento delas (RÊGO et al., 2020), portanto é importante compreender o lugar da imprensa na composição das cenas discursivas.

Para além da crise humanitária e sanitária que a pandemia desvelou desde 2018, o Brasil e o mundo vêm lidando com o crescimento de notícias falsas divulgadas pelas redes sociais em larga escala. A Internet propicia certa independência e liberdade para divulgação de informações, uma vez que qualquer pessoa pode postar, sem o compromisso com o conteúdo ou com a verdade (CASTRO, 2020).

A pandemia vem sendo acompanhada pela circulação de diversas informações, marcadas por disputas de narrativas e divulgações de notícias falsas, exigindo que cientistas, jornalistas e profissionais da informação auxiliem para mitigar os efeitos da desinformação e forneçam dados baseados em evidências científicas (MASSARANI et al., 2021).

A mídia tradicional vem se destacando como protagonista nesse processo, visto que as redes sociais têm potencializado a divulgação de *fake news* (RÊGO et al., 2020). A crise gerada pela COVID-19 fez com que a mídia expressa nos jornais, passasse a disputar espaço como sujeito do discurso autorizado (ALVES et al., 2021), discurso legalizado. Para Silva (et al., 2020) o jornalismo emergiu como uma ferramenta essencial para a sociedade, cumprindo o objetivo de dar sentido a uma informação.

Na crise do novo Coronavírus a mídia e a cobertura jornalística na área da saúde foram intensificadas. Quando as relações socioeconômicas e sanitárias começaram a ser afetadas, o

jornalismo se fez necessário para cobrir a pandemia. A mídia jornalística precisou se adequar às novas vivências e ao “novo normal”. Para os profissionais de comunicação a pandemia surgiu com uma necessidade maior na busca por informações, tendo destaque nesse momento o Jornalismo Científico (SILVA et al., 2020).

Com a necessidade do recolhimento das pessoas em suas casas, fato este proporcionado pelo isolamento, a mídia precisou se adequar rapidamente. Muitos programas passaram a usar táticas para complementar as narrativas, aumentar a audiência e/ou possibilitar que o telespectador/usuário se sentisse emissor do produto (SOUZA; ANDRES, 2020).

Deve-se destacar o esforço da mídia em se aproximar do leitor, entretanto isto foi além da preocupação com a pandemia, revelando o interesse em se manter no topo da audiência e como forma de sustentar seu lugar de fala, de reforçar suas convicções jornalísticas, que são determinadas por uma orientação política, não deixando espaço para o contraditório, restringindo o direito da população à informação com isenção (SANTOS, 2020).

É possível uma comunicação isenta? Para responder a essa pergunta este projeto de pesquisa se aproxima da TRS, pois essa teoria defende que “as representações sociais estão, é claro, relacionadas ao pensamento simbólico e a toda forma de vida mental que pressupõe a linguagem” (MOSCOVICI, 2015, p. 307).

Para Sousa (2019) mesmo que exista, supostamente, uma relação unilateral entre o emissor e o receptor no processo de comunicação o sujeito participará ativamente a partir do momento que ele entra em contato com a mensagem ele reage a ela, pois existe relações sociais anteriores ao encontro da mensagem e isto interferirá na formação de sentido. O autor ainda complementa dizendo que o sujeito é participante nesse processo de assimilação da informação devido a:

[...] suas crenças, valores, interesses grupais, o sujeito apreende seletivamente as informações e dá sentido a elas em função de suas pertencas sociais. Adicionalmente, os discursos produzidos em um jornal, por exemplo, não surgem de um vazio social, mas de pessoas inseridas cultural e historicamente, que criam expectativas a respeito do seu público. Com isso, ainda que o receptor esteja ausente espacial e temporalmente no ato da produção discursiva de um jornal, pode-se dizer que ele está presente sob forma de expectativas e intenções de quem produz, afetando tanto o que se diz quanto o como se diz (SOUSA et al., 2019, p. 234).

À vista disso, é importante estabelecer essa relação para saber quais as implicações, ou não, da mídia na construção da representação social da COVID-19. Para Moscovici (2015, p. 315) “há sempre uma transfertilização de conjeturas, interesses e intenções, uma vez que você agarra uma boa questão”. É importante destacar que dentro da proposta de Moscovici sobre as

relações estabelecidas entre a representação social e a mídia, esta se caracteriza como influenciadora, entretanto não deve ser esquecido que o sujeito é um ser pensante e irá fazer suas próprias ligações cognitivas. Para o autor, quando se estuda representações sociais se estuda o ser humano, este que faz perguntas, busca respostas ou pensa e não o que processa informação e se comporta (MOSCOVICI, 2015).

As pessoas e grupos não são receptores passivos, pensam por si mesmos, produzem e comunicam suas próprias representações, soluções e acontecimentos. As ciências e as ideologias apenas municiam a nutrição para o pensamento (MOSCOVICI, 2015). Nesse ponto, percebe-se que a mídia com suas abordagens apelativas e emotivas pode ter se constituído como fornecedora de alimentos para as representações sociais durante a pandemia da COVID-19. Infere-se assim, que a comunicação social com seus “aspectos interindividuais, institucionais e mediáticos aparece como condição de possibilidade e de determinação das representações e do pensamento sociais” (JODELET, 2001, p. 4).

A TRS pressupõe que a comunicação é parte do estudo das representações, porque as representações são geradas nesse processo de comunicação e apenas depois são expressas através da linguagem (MOSCOVICI, 2015, p. 373). Esse pressuposto justifica a escolha do tema deste projeto, que pretende explorar o papel da mídia na construção das representações sociais da COVID-19.

Com os resultados encontrados após uma revisão integrativa foi possível verificar que a mídia, durante a pandemia da COVID-19, esforçou-se para ocupar um lugar de fala, ora com uma narrativa mais persuasiva, utilizando linguagem, gestos e tonalidade; ora com narrativas apelativas e emotivas, usando relatos de vítimas, fotos, nomes e imagens.

É importante atentar para o fato de que a TRS se diferencia da concepção sociológica, a qual sustenta que os grupos e os indivíduos estão sempre e completamente sob o controle de uma ideologia dominante. Em contraposição, a Psicologia Social parte do pressuposto de que as mentes recebem informações e ideias de fora e processam-nas para transformá-las em julgamentos e opiniões. Na perspectiva psicossociológica de uma sociedade pensante, os indivíduos não são apenas processadores de informações, nem meros portadores de ideologias ou crenças coletivas, mas pensadores ativos (SÁ, 1993). Portanto, mesmo que a mídia produza informações atravessadas por suas ideologias, os grupos sociais irão produzir e comunicar as suas próprias representações.

Desse modo, é fundamental estudar se as notícias propagadas da COVID-19 na mídia, no percurso da pandemia, interferiram/interferem na formação do conhecimento do senso comum enquanto representação social. Para Jodelet (2001) essas representações precisam ser

pesquisadas articulando-se elementos afetivos, mentais e sociais, em conjunto com a cognição, a linguagem, a comunicação e as relações sociais que afetam as representações e a realidade material, social e ideal na qual elas intervêm.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A Teoria das Representações Sociais: aspectos conceituais

A TRS foi proposta por Moscovici, em 1961, na qual ele rompe com a distinção clássica desenvolvida pela abordagem behaviorista. Para o autor, não existe separação entre o universo externo e o universo interno do indivíduo. O objeto está inscrito num contexto ativo, sendo concebido pela pessoa ou grupo enquanto houver prolongamento do seu comportamento, da sua atitude e das normas às quais eles se inserem (ABRIC, 1998).

Para Moscovici, não existe uma realidade objetiva *a priori*, mas sim toda realidade é representada, reapropriada pelo indivíduo ou pelo grupo, reconstruída no seu sistema cognitivo, integrada no seu sistema de valores, dependendo de sua história e do seu contexto social e ideológico que o cerca (ABRIC, 1998). Está relacionada ao “pensamento simbólico e a toda forma de vida mental que pressupõe a linguagem”. O que interessava para Moscovici é o lugar que as representações ocupam em uma sociedade pensante (MOSCOVICI, 2015, p. 307).

Não existe informação que não tenha sido distorcida por representações, “superimposta” aos objetos e as pessoas. Quando contemplamos esses indivíduos e objetos, nossa predisposição genética herdada, as imagens e hábitos que nós já aprendemos, as suas recordações que nós preservamos e nossas categorias culturais, tudo isso se junta para torná-las tais como as vemos, elas são apenas um elemento de uma cadeia de reação de percepções, opiniões, noções, e mesmo vidas, organizadas em uma determinada sequência (MOSCOVICI, 2015, p.33).

As representações sociais não são criadas por um indivíduo sozinho, mas sim por pessoas e grupos durante suas comunicações e cooperações. Uma vez criadas, “elas obtêm vida própria, circulam, se encontram, se atraem e se repelem, e dão oportunidade ao nascimento de novas representações e antigas morrem” (MOSCOVICI, 2015, p. 41), ou seja, as representações não são estáticas, são interativas.

Para Moscovici (2015) as representações sociais devem ser vistas como uma “atmosfera”, em relação ao indivíduo ou ao grupo e as representações são específicas da nossa sociedade. Existem três hipóteses tradicionais para responder o porquê criamos representações e como explicar as suas propriedades cognitivas. São elas:

A hipótese da desiderabilidade, isto é, uma pessoa ou grupo procura criar imagens, construir sentenças que irão tanto revelar como ocultar sua (s) intenções; b) a hipótese do desequilíbrio, isto é, todas as ideologias, todas as

concepções de mundo são meios para solucionar tensões psíquicas ou emocionais devidas a um fracasso ou uma falta de integração que teriam a finalidade de restaurar a estabilidade interna; c) a hipótese do controle, no qual os grupos criam representações para filtrar a informação que provém do meio ambiente e dessa maneira controlar comportamento individual (MOSCOVICI, 2015, p.54).

Entretanto, Moscovici (2015, p.54) destaca que essas hipóteses são muito generalizadas, pois elas não explicam várias questões, completando que a verdade é que a finalidade de todas as representações é tornar familiar algo não familiar, ou a própria não familiaridade, ou seja, é “uma busca por universos consensuais que são lugares no qual todos querem sentir-se em casa, a salvo de qualquer risco, atrito ou conflito. É esperado que aconteçam, sempre de novo, as mesmas situações, gestos, ideias”. Quando se experimenta a não familiaridade e não se atinge o que se era esperado gera-se uma sensação de incompletude e aleatoriedade. O não familiar atrai e intriga e ao mesmo tempo alarma. O medo do que é estranho é profundamente enraizado.

Por isso que ao estudar representações sociais é preciso tentar descobrir a característica do não familiar que as motivaram e que estas absorveram. Sendo importantíssimo que tal característica seja observada no exato momento que ela surja no meio social (MOSCOVICI, 2015).

Não é fácil transformar palavras não familiares, ideias ou seres, em palavras usuais, próximas e atuais. É necessário dar-lhes uma feição familiar. Para isto Moscovici (2015) apresentou dois mecanismos que são: ancorar e objetivar. O primeiro mecanismo tenta ancorar ideias estranhas para reduzi-las as categorias e as imagens comuns e colocá-las em um contexto familiar, o segundo é objetivá-los, isto é, transformar algo abstrato em algo quase concreto, transferir o que está na mente em algo que existe no mundo físico.

A ancoragem é definida pelo autor como:

o processo que transforma algo estranho e perturbador, que intriga, no sistema particular de categorias e o compara com um paradigma de uma categoria que o indivíduo pensa ser apropriadas”. No momento em que determinado objeto ou ideia é comparado ao paradigma de uma categoria, adquire características dessa categoria e é reajustado para que se enquadre nela. Se a classificação, assim obtida, é geralmente aceita, então qualquer opinião que se relacione com a categoria irá se relacionar também com o objeto ou com a ideia (MOSCOVICI, 2015, p. 61).

Ancorar é classificar e dar nome a alguma coisa. “Coisas que não são classificadas e que não possuem nome são estranhas, não existentes e ao mesmo tempo ameaçadoras” (MOSCOVICI, 2015, p. 61).

Nós experimentamos uma resistência, um distanciamento, quando não somos capazes de avaliar algo, de descrevê-lo a nós mesmos ou a outras pessoas. Pela classificação do que é inclassificável, pelo fato de se dar um nome ao que não tinha nome, nós somos capazes de imaginá-lo, de representá-lo. De fato, representação é,

fundamentalmente, um sistema de classificação e de denotação, de alocação de categorias e nomes. A neutralidade é proibida, pela lógica mesma do sistema, cada objeto e ser devem possuir um valor positivo ou negativo e assumir um determinado lugar em uma clara escala hierárquica (MOSCOVICI, 2015, p.62).

Classificar algo significa que “nós o confinamos a um conjunto de comportamentos e regras que estipulam o que é ou não é permitido em relação a todos os indivíduos pertencentes a essa classe” (MOSCOVICI, 2015, p. 63). Categorizar alguém ou alguma coisa significa “escolher um dos paradigmas estocados em nossa memória e estabelecer uma relação positiva ou negativa com ele” (MOSCOVICI, 2015, p. 63).

Pode-se dizer, contudo, que em sua grande maioria essas classificações são realizadas “comparando-se as pessoas a um protótipo, geralmente aceito como representante de uma classe, e que o primeiro é definido através da aproximação ou da coincidência com o último” (MOSCOVICI, 2015, p. 64). Portanto, o sujeito inclina-se a selecionar aquelas características que são mais representativas perante ao modelo.

Objetivação “une a ideia de não familiaridade com a de realidade, torna-se a verdadeira essência da realidade” (MOSCOVICI, 2015, p. 71). Toda representação torna real um nível diferente da realidade. Esses níveis são criados e mantidos pela coletividade e se dissipam-se com elas, não tendo existência por si mesma. Entre a “ilusão total e a realidade total existe uma infinidade de gradações que devem ser levadas em consideração, pois nós as criamos, mas a ilusão e a realidade são conseguidas exatamente do mesmo modo” (MOSCOVICI, 2015, p. 71).

A materialização de uma abstração é uma das características mais misteriosas do pensamento e da fala. “Autoridades políticas e intelectuais, de toda espécie, a exploram com a finalidade de subjugar as massas. Em outras palavras, tal autoridade está fundamentada na arte de transformar uma representação na realidade da representação”, transformar a palavra que substitui a coisa, na coisa que substitui a palavra (MOSCOVICI, 2015, p. 71).

Para Moscovici (2015, p.71):

Objetivar é descobrir a qualidade icônica de uma ideia, ou ser impreciso; é reproduzir um conceito em uma imagem. Comparar é já representar, encher o que está naturalmente vazio, com substância. Temos que comparar Deus com um pai que e o que era invisível, instantaneamente se torna visível em nossas mentes.

As imagens selecionadas, “devido à capacidade de serem representadas, se mesclam, em outras palavras, são integradas a um padrão de núcleo figurativo, um complexo de imagens que reproduzem visivelmente um complexo de ideias”. Assim, a “sociedade faz uma seleção pré-concebida, de acordo com suas crenças e com o estoque preexistente de imagens.

Por isso, embora um paradigma seja aceito, porque ele possui um forte referencial, sua aceitação deve-se à sua afinidade com paradigmas atuais” (MOSCOVICI, 2015, p. 72).

Para o autor:

Uma vez que uma sociedade tenha aceitado um paradigma ou núcleo figurativo, ela acha fácil falar sobre tudo o que se relacione com esse paradigma e, devido a essa facilidade, as palavras que se referem ao paradigma são usadas mais frequentemente. Não somente se fala dele, mas ele passa a ser usado, em várias situações sociais, como um meio de compreender outros e a si mesmo, de escolher e decidir (MOSCOVICI, 2015, p.73).

Segundo Sá (2002), Moscovici teve certa resistência em proporcionar uma definição precisa de seus termos teórico-conceituais, com o intuito de impedir a cristalização prematura de conceitos, hipóteses e técnicas de pesquisa. Com isso permitiu que outros estudiosos fizessem contribuições posteriores à sua teoria.

A partir de Moscovici desenvolveram-se três abordagens teórico-metodológicas: a abordagem estrutural, abordagem societal e a abordagem processual descritas abaixo.

A abordagem estrutural de Jean-Claude Abric que se debruça sobre os conteúdos das RS e a forma como eles se organizam, considerando pontos como a estabilidade e a mudança, e sua relação com a prática social do grupo em questão (JODELET, 2001). De acordo com Abric (1998), existe um núcleo central em torno do qual a RS se estrutura. Esse núcleo é determinado pela natureza do objeto e pelo sistema de valores e normas sociais que constituem o meio ideológico do momento e do grupo. O núcleo central assume duas funções: uma função geradora que é o elemento através do qual se cria, ou se transforma o significado dos outros elementos constitutivos da representação e uma função organizadora que é aquela que determina a natureza dos elos, unindo entre si os elementos da representação. O núcleo central será aquele que mais resistirá à mudança.

A abordagem societal foi fundada na Escola de Genebra, liderada por Willem Doise que propunha uma articulação de explicações de ordem individual e societal, de modo a evidenciar que os processos subjacentes ao funcionamento dos indivíduos em sociedade são orientados por dinâmicas sociais de diferentes ordens (interacionais, posicionais e/ou crenças e valores) (FÉLIX et al., 2016).

A abordagem processual possui a definição de RS mais difundida, consiste naquela descrita por Jodelet (2001, p. 22) como “uma forma de conhecimento socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”. A abordagem processual confirma as proposições de

Moscovici ao afirmar a necessidade de uma base descritiva etológica dos fenômenos das representações sociais para uma contínua reconstrução da TRS (SÁ, 1998).

Será adotada, no presente estudo, a abordagem processual das representações sociais, proposta por Denise Jodelet. A autora defende que o processo para construção das representações sociais embasa os comportamentos e a tomada de decisões, frisando o processo de construção da representação social, contudo sem ignorar a relevância dos resultados (JODELET, 2001). Essa opção pela abordagem processual se deu por entender que ela proporciona subsídios para a compreensão dos elementos constitutivos das representações sociais, a partir de sua elaboração enquanto construção social e com impacto nos comportamentos individuais e sociais, além de permitir observar os seus processos de constituição.

Dentro dos estudos da TRS pautados na abordagem processual, busca-se compreender como os diversos conteúdos que compõem a representação social agem sobre os outros. Para este entendimento, é necessária a observação de alguns aspectos: como ocorreu a formação da representação social; a compreensão do contexto social de inserção dessas representações sociais; a identificação dos elementos constituintes das representações sociais; a busca pela dinâmica entre os elementos que compõem as redes de significados. Nestes estudos, faz-se necessário o uso de metodologias que permitam a captação dessas dinâmicas e técnicas mais afeitas a antropocidade (BANCHS, 2000).

Jodelet (2001) reforça a importância da comunicação para o compartilhamento e interação essenciais para a elaboração de um universo consensual e nos fenômenos de influência e de pertença social. A comunicação é o meio por onde ocorre a linguagem, imbuída do teor das representações, com atuação sobre os aspectos de construção do pensamento social e na elaboração das representações sociais, pertinentes aos diversos aspectos que envolvem a vida dos indivíduos e coletivos. Para que um determinado objeto componha a representação social de um determinado grupo, faz-se necessário que este objeto seja de interesse para aquele grupo, o que propiciará as trocas através da conversação e comunicação. Dessa forma, esse pensamento será construído de forma social (SÁ, 2015).

Dentro da TRS e a abordagem processual analisa-se os gêneros de comunicação propostos por Moscovici (2012), visto que se trata de construir um arcabouço teórico que contemple a complexidade que é estudar as representações sociais no contexto social da pandemia da COVID-19, a partir da perspectiva da mídia jornalística, por isso é preciso abordar o estudo sobre comunicação de Moscovici.

2.2 A Teoria das Representações Sociais e os processos de comunicação

Este estudo teve como base teórica os trabalhos de Moscovici, sendo um deles a tese na qual ele fez uma análise de conteúdo dos artigos relativos à psicanálise em grande parte da imprensa, retratado na segunda parte do seu livro “A psicanálise, sua imagem e seu público” (MOSCOVICI, 2012), de grande relevância para este estudo, por ser tratar de uma pesquisa na imprensa.

No estudo dos processos de comunicação Moscovici considerou a pluralidade de “relações que determinam e constituem relações entre a organização do conteúdo e a conduta, entre o quadro de referência e o objeto da comunicação, ou entre o emissor e o receptor” e analisa a noção de sistema de comunicação sobre três perspectivas: difusão, propagação e propaganda (MOSCOVICI, 2012, p. 285).

A difusão é definida pelo autor como:

o sistema ou forma de comunicação cuja imagem que mais se assemelha é a de vários elementos que percorrem trajetórias descontínuas de diversas estruturas ligadas entre si e que podem produzir modificações, serem modificadas ou manterem a autonomia. O esforço essencial do emissor na difusão é estabelecer uma relação de igualdade, de equivalência entre ele e seu público, e, conseqüentemente, se adaptar a ela (MOSCOVICI, 2012, p.285).

Ela busca manter uma unidade entre a publicação e o leitor, embora mantendo uma diferenciação dos papéis. Em relação ao público, o jornal tem um papel mediador e isso implica dizer que ele também é um receptor, tornando-o equivalente à população dos leitores a qual se dirige, pois está na mesma situação. Na difusão há uma dependência do emissor para o receptor (MOSCOVICI, 2012).

Os principais aspectos da difusão são: estilo de comunicação concreto, sedutor e rápido; há uma aproximação com o gosto e o vocabulário do leitor; proposições com intensão de chamar atenção e seduzir o leitor – usam de orações populares, engraçadas, situações familiares. Estes formatos respondem ao desejo de satisfazer o público, mas mantendo um distanciamento em relação ao objeto, e com isso mantendo certa liberdade. Existe um não envolvimento com o conteúdo e uma procura de distanciamento entre a publicação e a mensagem transmitida, mas com uma abordagem de apresentação agradável (MOSCOVICI, 2012).

A difusão é uma forma de comunicação para a massa, ou seja, o público de grande parte da população de um país/cidade que possui uma composição heterogênea. Os indivíduos que a compõem pertencem a grupos bastantes diversos, mas interligados por relações sociais

que mantêm sua unidade e sua diversidade. Com isso o jornal precisa descobrir um denominador em comum (MOSCOVICI, 2012).

A distância e o não envolvimento, por um lado e a diversidade, por outro, permitem esse jogo, fornecendo liberdade necessária à adaptação que é condicionada pelas características da massa de leitores, mas também pela desigualdade da formação intelectual e pelos interesses profundos. Essa forma de comunicação concede ao leitor certa margem de decisão. Entretanto, a questão é a sua influência sobre condutas (MOSCOVICI, 2012).

Moscovici (2012, p. 330) traz o questionamento se há influência desta forma de comunicação sobre as condutas simbólicas e reais e chega à conclusão de que a resposta não é unívoca. “A transmissão de informação de modo descontínuo, certamente é capaz de suscitar opiniões e condutas em pontos específicos, mas a produção de efeitos e seu ritmo são noções relativas”.

Para a propagação foi realizada uma análise na imprensa católica. Os meios de comunicação da Igreja são relativamente reduzidos e o papel principal é orientar e preparar mensagens explícitas e claras. As transmissões de mensagens são estruturadas e diretas, com um quadro de referências que exprime claramente seus objetivos, a esta forma de transmissão Moscovici chamou de propagação, cuja descrição é relativamente simples (MOSCOVICI, 2012).

Para o autor:

O conflito de ideias não deve ultrapassar certa intensidade, pois existe uma autoridade imposta a todos os fiéis. As revistas católicas exercem uma pressão pela uniformidade procurando o denominador comum. As comunicações não se propõem a produzir condutas, mas apenas criar normas ou a convergência em torno de uma doutrina que seja aceitável, isso implica numa mudança do objeto social que permita integrá-lo a um quadro de referência estabelecido, ou seja, adequar os comportamentos e normas as quais os indivíduos aderem. A propagação do emissor para o receptor ocorre no interior de um contexto que supõe a exigência de normas cognitivas e sociais comuns (MOSCOVICI, 2012, p. 335).

Já a propaganda foi um estudo realizado na imprensa comunista. A certeza em sua eficácia fez da propaganda um instrumento utilizado na comunicação que governantes reformadores sociais, partidos revolucionários e forças armadas colocaram no patamar de instituição. “A imoralidade ou a moralidade da propaganda são aquelas dos grupos que a utilizam e os objetivos que se propõem” (MOSCOVICI, 2012, p.362).

Ela se apresenta como uma comunicação necessária e de ação numa situação social definida e sua linguagem foi considerada fundamental. A metodologia se limita à descrição dos materiais sem procurar compreender a causa, já no plano ideológico ela é transformada em crítica daqueles que a fazem. O caráter político tem como efeito o abandono insensível,

em favor de uma abordagem mais polêmica, ensaística, revelando a visão pessoal do autor (MOSCOVICI, 2012).

O autor destaca também que o recurso de utilizar da assinatura de autoridade de primeiro escalão nas matérias é para definir os fundamentos filosóficos, científicos e políticos a partir dos quais o objeto (no caso é a psicanálise) deve ser refutado e assim levar a adesão mais segura do ponto de vista exposto, já que conta com o prestígio da pessoa a quem escreve os artigos (MOSCOVICI, 2012).

A propaganda tem duas funções: reguladora e organizadora. A primeira se dá pela afirmação e restabelecimento da identidade do grupo, tendo como objetivo a eliminação do objeto do conflito. A segunda é a elaboração adequada do conteúdo das comunicações, a transformação do campo social – de sua representação – numa dada situação. A organização das mensagens comunistas tem a intenção, no decorrer da campanha de propaganda, construir uma representação do objeto de acordo com as exigências da unidade do campo social e da ação do partido. A formação da representação é um dos aspectos fundamentais da propaganda (MOSCOVICI, 2012).

Observa-se que dentro da análise de Moscovici ele caracterizou três tipos de comunicação pela mídia daquela época: difusão, propagação e propaganda, cada uma com suas características em relação a abordagem do objeto. Ele destaca que na propaganda há uma intenção clara em modificar as representações considerando-se que “a repetição dos elementos formaliza e solidifica o pensamento, tornando-o parte da constituição linguística e cognitiva do indivíduo” (MOSCOVICI, 2015, p. 314). Entretanto, atualmente, urge saber quais características estão presentes na mídia atual.

JODELET (2001) destaca que dentro da proposta de comunicação de Moscovici a comunicação remete aos fenômenos de influência e de pertencimento sociais decisivos na elaboração dos sistemas intelectuais e de suas formas. Tal proposta foi examinada por Moscovici em três níveis de incidência da comunicação, que são: no nível da emergência das representações no qual as condições afetam os aspectos cognitivos; no nível dos processos de formação das representações: a objetivação e a ancoragem e por último no nível das dimensões das representações que têm influência na edificação das condutas: opinião, atitude, estereótipo, sobre os quais intervêm os sistemas de comunicação mediática.

É importante destacar que as pessoas e grupos não são receptores passivos, pensam por si mesmos, produzem e comunicam suas próprias representações, soluções e acontecimentos. As ciências e as ideologias apenas municiam a nutrição para o pensamento (MOSCOVICI, 2015).

Como o trabalho irá falar da mídia na pandemia é imperativo trazer conceitos como comunicação, comunicação e saúde e comunicação em saúde. Moscovici (2015, p. 90) diz que por meio da “comunicação, as pessoas e os grupos concedem uma realidade física a ideias e imagens, a sistemas de classificação e fornecimento de nomes”. Comunicar “é uma prática social que atravessa toda a história da humanidade. Trocar, procurar e emitir pensamentos, sentimentos e ações através do corpo, da nossa língua, do nosso olhar” (SIMONEAU, 2015, p. 52). Para Araújo (2009) comunicação é definida como um processo de interlocução e negociação de sentidos, por isso a comunicação opera como um mercado, no qual comunidades negociam bens simbólicos para se obter o poder de constituir a realidade.

Comunicar é intrínseco à sociedade, logo discutir isto dentro do campo da saúde e das práticas sociais é fundamental. Portanto, elenca-se alguns conceitos de comunicação atrelados ao campo da saúde. A comunicação em saúde, conforme Teixeira (2004, p. 615), é o “estudo e utilização de estratégias de comunicação para informar e para influenciar as decisões dos indivíduos e das comunidades no sentido de promoverem a sua saúde”.

Já Comunicação e Saúde é um campo de estudo que indica uma forma específica de ver, entender, atuar e estabelecer vínculos entre campos sociais. Campos sociais são organizados em contextos e processos sociais específicos que envolvem e extrapolam suas fronteiras, mas sempre movidos por disputas por posições e capitais materiais e simbólicos (CARDOSO; ARAUJO, 2021).

Esse campo teórico delimita um território de disputas específicas, embora atravessado e composto por elementos característicos de um, de outro e da formação social mais ampla que os abriga. É um campo ainda em formação, mas estabelece um universo multidimensional no qual agentes e instituições desenvolvem estratégias, tecem alianças, antagonismos, negociações. Cabe dizer que as práticas de comunicação nunca representaram a utilização de instrumentos supostamente neutros, mas expressaram também a convergência entre determinados modelos e concepções de ambos os campos (CARDOSO; ARAUJO, 2021).

A relevância em entender esses conceitos é que o processo de comunicação, por si só, implica em estabelecimento de sentidos, influências e poder de quem detêm uma melhor estratégia de comunicação. O campo da saúde é fértil devido a seu grande valor e contextos diferenciados. A pandemia da COVID-19 proporcionou aos meios de comunicação um acontecimento jornalístico devido à novidade e pelo impacto principalmente do risco a morte. Apropriar-se da narrativa de epidemias é uma boa estratégia porque:

Para Ferraz (2020, p. 275):

...ela adquire um sentido particular no cotidiano das sociedades, a partir do momento em que se enfatiza discursivamente o ‘fantasma’ do perigo e do descontrole que uma

doença simboliza no espaço geográfico e no dia a dia das pessoas. Torna-se notícia também pelo peso social (atinge a população em geral), pela quantidade de envolvidos (mortos, infectados e potenciais doentes), pela proximidade geográfica (evento sanitário planetário e relação com território noticiado) e pela atualidade (evento do momento), levando-se em conta outros critérios de noticiabilidade.

Com o crescimento dos meios de comunicação de massa observou-se uma amplitude desse mercado simbólico devido à importância dos meios de comunicação de massa e das novas tecnologias de informação e comunicação (TIC) como insumos de saúde, tanto para programas de intervenção e prevenção, veiculação de campanhas governamentais, educação e promoção da saúde, como para a criação de pautas e campos de debates das políticas públicas no setor (CAVACA et al., 2018).

Apesar da comunicação na saúde ter um lugar de fala importante devido a sua capacidade de induzir reflexões, ela ainda alcança pouca repercussão e abrangência. Observa-se o seu impacto restrito aos seus próprios ambientes de produção: instituições governamentais, universidades, profissionais de saúde, tendo dificuldade de alcançar até mesmo os próprios usuários dos serviços de saúde (XAVIER, 2006).

Com isso há uma lacuna na comunicação em saúde que a mídia procura ocupar. Xavier (2006) descreve como “saúde na mídia”, expondo as maneiras pelas quais o conceito de saúde é apropriado, veiculado, mediado e posto em circulação pelas várias mídias de massa do país. O que também é evidenciado por Cavaca et al. (2018), pois a imprensa também desempenha papel importante na vigilância epidemiológica, atuando como fonte de dados em investigações de epidemias ou agravos inusitados, o que torna os meios de comunicação de massa um lócus privilegiado de visibilidade pública, construção de sentidos e legitimidade. Isto foi presenciado na COVID-19 com o consórcio de imprensa assumindo a divulgação dos dados epidemiológicos conforme descrito por Ferraz (2020) foram publicações sem precedentes que deram ‘vida’ à COVID-19.

Falar de saúde na mídia é também falar de uma profunda desigualdade nos acessos aos meios de comunicação e, por consequência, de iniquidade em saúde, pois as diversas mídias apoderam-se de muitos modos, sem preocupação com os conceitos da OMS e do SUS, do termo “saúde”. E, independente de qual seja a abordagem, o foco não é o sujeito, ainda que os de alguns discursos o sejam (XAVIER, 2006).

Para Xavier (2006) existem três motivos pelos quais a mídia se interessa pelo conceito de saúde: saúde como mercadoria, saúde como cura e saúde como tecnologia, porém é necessário incentivar a imprensa a se interessar pela veiculação de outros assuntos que transcendessem as novidades mercadológicas, os acometimentos de celebridades ou as

catástrofes epidêmicas (CAVACA et al., 2018), principalmente porque estamos em uma época de propagação de *fake news* em larga escala.

Oliveira (2014) afirma que a mídia jornalística narra a partir do que julga ser o imaginário contemporâneo da saúde, destacando os fatores de riscos e as variáveis que interpreta como problemas e ameaças que impedem ou dificultam a saúde individual e coletiva. Entretanto, utiliza-se de uma abordagem alarmista, o que até certo ponto, segundo o autor, contribui para evitar tragédias devido a seus diversos dispositivos discursivos (televisão, jornal, revistas, rádio, internet, rede sociais, entre outros). A mídia aponta perigos que comprometem a normalidade social e equilíbrio da segurança. Inclusive, ele pontua que esse tipo de abordagem também é feito pelas próprias autoridades quando julgam necessário para mitigar os riscos.

Em contrapartida, essas estratégias de aterrorizar e repetir exaustivamente contribuem para alimentar e exacerbar estigmas e preconceitos e apontam que a ciência, a mídia jornalística, as instituições e os especialistas da saúde em conjunto são as principais fontes da formação do imaginário coletivo sobre conjuntos de questões que afetam e interferem no cotidiano. Quando uma pessoa escolhe o que comer ou fazer certa dieta, esta decisão está pautada em informações científicas e tecnológicas difundidas pela mídia, embora essas informações possam ser conflitantes ou mutáveis, e com a internet há uma tendência de crescimento de propagação de comportamentos (OLIVEIRA, 2014).

É por isto que estudar a mídia se torna relevante sobre a perspectiva da Teoria de Representações Sociais, porque estas “restauram a consciência coletiva e lhe dão forma, explicando os objetos e acontecimentos” (MOSCOVICI, 2015, p. 52).

3 MÉTODO

O presente estudo está inserido no projeto integrado intitulado “A construção social do Coronavírus e da COVID-19 e suas lições para as práticas de cuidado pessoal, profissional e social”, coordenada pela Profa. Denize Cristina de Oliveira, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UERJ - Parecer 4.847.711. O projeto foi financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). O seu desenvolvimento vem se dando no grupo de pesquisa “Processos Sociocognitivos e Psicossociais do Cuidado de Saúde e Enfermagem de Grupos Populacionais”. A presente pesquisa, portanto, articula-se ao projeto integrado acima, tendo suas atividades desenvolvidas em associação ao mesmo.

3.1 Tipo de Estudo

Trata-se de uma pesquisa documental, exploratória, descritiva, com abordagem metodológica quali-quantitativa, pautada na TRS, conforme proposta por Serge Moscovici no âmbito da Psicologia Social. Segundo Moscovici (2012) é inútil contrapor o qualitativo ao quantitativo, pois o primeiro traduz a estrutura do conteúdo emitido e o segundo estabelece a ponderação dos termos e os parâmetros de tudo que é transmitido. Conclui o autor que na união de ambos, comporta o estudo dos processos de comunicação relativamente complexos e possibilita a construção hipotética e de verificação.

A pesquisa documental tem como característica a análise de uma produção escrita pré-existente em formato de documento. São dados que são formados, essencialmente pela linguagem (JUSTOS; CAMARGO, 2014). Para o estudo de representações sociais na mídia, a linguagem e a comunicação são partes da definição original de representação social, pois para haver um sistema simbólico ele deve ser cultural e social e a linguagem é o protótipo. As representações são concebidas no processo de comunicação e depois expressas através da linguagem (MOSCOVICI, 2015).

Portanto, pode-se considerar a análise documental como uma aliada importantíssima para os estudos das representações sociais na mídia. Para Sousa et.al (2019) os meios de

comunicação de massa constroem e difundem representações em meio a processos de disputas entre grupos sociais e um texto possui sentidos e significados explícitos e/ou implícitos que podem ser apreendidos por meio de técnicas apropriadas.

3.2 Cenário de pesquisa

Foi escolhido como cenário empírico um jornal de grande circulação no território nacional, o jornal O Globo. O jornal foi escolhido a partir dos seguintes critérios de inclusão: prestígio, credibilidade e circulação nacional; acervo digital com disponibilidade de versão no formato *pdf* e posição privilegiada no ranking de circulação/assinatura dos jornais no país. Dados do IVC⁶ (Instituto Verificador de Comunicação) “revelam que, na comparação entre dezembro de 2020 e maio de 2021, O Globo ficou em segundo lugar” (PORTAL IMPRENSA, 2021).

Atualmente o Jornal é parte integrante do Grupo Globo, de propriedade da família Marinho, que inclui a Rede Globo e a CBN. A Editora Globo reúne todas as publicações, impressas e digitais, do Grupo: jornais O Globo, Extra, Valor e Expresso; revistas como Quem, Vogue, Casa e Jardim e Marie-Claire; e a Globo Livros, responsável pelo lançamento de livros de autores nacionais e estrangeiros. De orientação política conservadora, é um dos jornais de maior tiragem do país. Ao lado de Folha de S. Paulo, Estado de Minas, Zero Hora, Correio Braziliense e O Estado de S. Paulo, entre outros, forma o grupo dos principais jornais de referência do Brasil.

O jornal O Globo⁷ foi lançado em 25 de julho de 1925, tendo como fundador Irineu Marinho. Nesse dia foram lançadas duas edições do jornal, num total de 33.435 exemplares. Inicialmente, a distribuição ficou a cargo dos chamados “gazeteiros”. Em seguida, O GLOBO chegou às bancas. Irineu juntou uma eficiente equipe de repórteres e um experimentado corpo de redatores para dar a forma editorial que idealizara para o novo veículo. Um dos princípios editoriais do vespertino era buscar a notícia em todos os setores da cidade, marca que permaneceu ao longo de toda a sua história.

⁶https://portalimprensa.com.br/noticias/ultimas_noticias/84451/estadao+assume+lideranca+de+ranking+de+jornais+impressos+com+maior+tiragem+diz+ivc

⁷<http://memoria.oglobo.globo.com/>

A escolha do nome do jornal foi realizada através de um concurso promovido por Irineu Marinho, que obteve como resultado, em 20 de junho de 1925, como o título mais votado “Correio da Noite”, entretanto esse nome já tinha patente, e o jornalista decidiu pelo segundo nome mais votado, “O Globo”.

A criação desse jornal guarda relação com os cenários sociais e políticos da sociedade brasileira. Segundo Lima (2001), apesar da Constituição Brasileira de 1946 proibir o controle das empresas jornalísticas e de radiodifusão, o que ocorria era a formação de monopólios familiares. E, segundo o autor, apenas oito grupos familiares controlam o setor de rádio e televisão no Brasil, sendo a família Marinho (detentora do conglomerado Globo) a maior delas, com 32 canais de televisão e 20 de rádio.

Além do monopólio familiar, outra característica marcante era o controle de parte importante das emissoras de rádio e televisão por políticos. Até 1988, ano da promulgação da atual Constituição, a concessão de serviços de radiodifusão era prerrogativa exclusiva do Presidente da República, que a usava como forma de troca de favores. (LIMA, 2001)

A grande imprensa brasileira, nas décadas de 1950 e 1960, tinha um alto nível de envolvimento e participação nas lutas políticas da época, marcadas pela disputa entre varguistas e anti-varguistas e, do ponto de vista partidário a partir de 1946, entre o PSD e a UDN. O jornal O Globo, pertencente à família Marinho, fazia oposição a Vargas e apoiava a UDN, definindo-se como conservador e liberal, tanto economicamente, quanto politicamente. Apesar de autoproclamado liberalista político o jornal participou do movimento pela deposição do governo Goulart e a instalação do governo militar em 1964 (AZEVEDO, 2006).

A criação da Embratel, em 1965, e a implantação da rede de telecomunicações expandiu nacionalmente as redes de televisão e transformou rapidamente a Rede Globo na principal rede nacional. Nesse período houve um processo de profissionalização do profissional jornalista, com a disseminação de cursos superiores de jornalismo e a regulamentação da profissão.

Apesar da censura prévia imposta pelos militares, a grande imprensa escrita evoluiu para uma oposição liberal e moderada, com exceção da Rede Globo, que apoiava o governo militar de forma espontânea (AZEVEDO, 2006). Em 1974, com o presidente Geisel assumindo o governo, observou-se o início da abertura política. Já em 1979, com a abertura democrática, há o retorno do multipartidarismo e as eleições diretas para os governos estaduais, em 1982. Nesse contexto, a grande imprensa ampliou paulatinamente seus limites de liberdade e sua capacidade de propor a agenda de debates e refletir a opinião pública.

Acompanhou –se a campanha das Diretas Já, em 1983 e 1984, que teve na Folha de São Paulo um dos seus principais arautos, enquanto a Rede Globo escondia do público as grandes manifestações populares e ignorava o debate nacional pelas eleições diretas para Presidência da República (AZEVEDO, 2006).

O retorno à democracia em 1985 foi marcado na mídia pelos embates partidários, expansão das redes nacionais de televisão, televisão por assinatura e pela internet, porém destaca-se o aperfeiçoamento da legislação eleitoral regulamentando o uso da mídia antes e durante dos períodos eleitorais, com a lei 9.504 de 30/09/1997. Associada com o Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral (HGPE), transformou os veículos de comunicação em espaços mais democráticos nos períodos eleitorais (AZEVEDO, 2006).

Destaca-se, conforme Azevedo (2006), que o primeiro evento político crítico para a mídia no período democrático foi a eleição presidencial de 1989, na qual o embate foi travado por uma polarização ideológica entre a esquerda (através das candidaturas de Brizola e Lula) e a direita (Collor). Nesse contexto, a Rede Globo foi declaradamente favorável a Collor, portanto associando-se à direita. Observa-se que a Rede Globo tem seu percurso histórico marcado por uma visão conservadora, liberalista econômico, além de sistematicamente apoiar candidatos de direita.

Mundin (2013, p. 9) grifa que as questões ideológicas e econômicas da mídia muitas vezes são uníssonas “a imprensa é de fato vista como relativamente homogênea, tendenciosa e contrária às candidaturas de centro-esquerda ou de esquerda – o que obviamente favoreceria os candidatos de centro-direita ou de direita” o que leva a pensar que “é a ideologia de classe, mais do que qualquer outro motivo, que molda a forma do que é veiculado nos meios de informação”.

Portanto, ao realizar o estudo da mídia jornalística é importante saber em qual contexto o periódico analisado está inserido. Partindo do seu histórico, do local de fala do Jornal O Globo, observa-se sua adesão ao mercado financeiro, a um estado mínimo, às classes sociais mais afortunadas e, entender isto, significa que a tendência ideológica das matérias veiculadas não será de defesa de um estado de bem-estar social.

O acervo do jornal o Globo possui edições desde 1925 até os dias atuais, possui buscador com filtro que permite pesquisar por assunto, década, editoriais, por caderno e suplementos, por edições e é permitido por data. Tais marcadores auxiliaram na realização da pesquisa.

O jornal está subdividido nas seguintes sessões:

a) Edições: Matutinas e Vespertinas.

- b) Editoriais: Ciência; Cultura; Economia; Esportes; Mundo; País; Rio; Opinião; Primeira Página; Segunda Página e Revista O Globo.
- c) Cadernos e suplementos sobre: Primeiro Caderno, Segundo Caderno, Automóveis; Turismo; Bairros e Regiões; Arte e Lazer; Economia; Educação; Ciência e Saúde; Meio Ambiente; Mulher; Infantil; Variedades; Tecnologia e TV.

3.3 Critérios de busca e procedimentos de coleta de dados

3.3.1 Composição da amostra e termos de busca

Foram adotados como critérios de composição da amostra das matérias do jornal os seguintes: um domingo e um dia da semana, sorteados a cada mês, de forma aleatória, aplicando o critério de substituição, caso não houvesse matéria no dia sorteado. Todos os domingos foram incluídos por se tratar de um dia no qual o jornal realiza um resumo dos acontecimentos da semana. Para o sorteio foi utilizado o site sorteador.com.br. Os dias sorteados foram disponibilizados em uma tabela, na qual descreve também a quantidade de matérias excluídas e incluídas por dia (APÊNDICE A).

Por se tratar de objeto novo de análise e de grande circulação na mídia no período analisado, com diferentes termos utilizados para o mesmo assunto, foi realizada uma pesquisa previa nos artigos publicados sobre COVID-19 que apontaram as palavras mais frequentes associadas ao objeto, que são as seguintes: *Covid-19; Coronavírus; pandemia, SARS-Cov2; vacina Coronavírus e vacina covid-19*. Portanto, utilizaram-se os referidos termos de busca aplicados no filtro no acervo digital do jornal.

Como critérios de seleção das matérias elencaram-se os seguintes: período temporal de 11 de março de 2020, data que a COVID-19 foi declarada pela OMS como pandemia, até junho de 2021, período em que a vacinação já havia sido implantada no país. Os critérios de inclusão das matérias foram: matérias publicadas nas seções: Opinião, Sociedade, O País (Política), O Mundo (Internacional), Rio, Economia, Jornais de Bairro e Segundo Caderno (quando tivesse relação com o objeto); disponibilizadas na íntegra e que tivessem relação com o objeto de estudo.

Como critérios de exclusão foram definidos: matérias fora do período analisado; cujos conteúdos não condizem com os termos pesquisados; publicadas em cadernos alternativos (Carros, Esporte, Arte e Cultura, Culinária, Dicas, Pets, Revista da Mulher, Lazer e correlacionados); anúncios; que apenas citam as palavras-chave sem relação com o objeto; repetidas; com erros de digitalização e não disponibilizadas na versão integral; matérias com conteúdo não focado nos termos de busca.

3.3.2 Procedimentos de coleta de dados e construção dos bancos de dados

Foram contemplados um total de 421 matérias do Jornal O Globo, utilizando os critérios de inclusão e exclusão. As matérias selecionadas foram baixadas em arquivo *.pdf* e após convertidas em arquivo *.doc*, através do software *ABBYY FineReader 12*. Em seguida, os arquivos foram revistos quanto a sua integralidade textual conferindo com o original publicado.

Todas as matérias constituintes da amostra selecionada foram registrados em um banco de dados elaborado para esta pesquisa, a partir do modelo proposto por Simoneau (2015) (APÊNDICE B), que contém as seguintes variáveis: número de identificação, jornal, data publicada, mês, ano, período da pesquisa, seção, página, título com subtítulo, termo do título que remete ao objeto, hiperlink, nome do arquivo salvo, capa, espaço que ocupa na página do jornal, zona de visualização, tamanho da matéria, gêneros jornalístico de Marques de Melo (Gêneros e formatos), gêneros propostos por Moscovici e posicionamento do artigo em relação ao conhecimento científico da COVID-19, formando-se um banco de dados (APÊNDICE B).

Os arquivos selecionados foram registrados em um banco de dados construído em planilha Excel, cujas abas apresentam as variáveis estruturadas do formulário de registro das matérias.

Os materiais coletados foram salvos em pastas digitais: 1) matérias do jornal O Globo, dentro de cada pasta criou-se subpastas para cada mês da pesquisa. Todas as matérias foram identificadas com o número, data da publicação, seguida do caderno do jornal, página e título da matéria. Essas pastas foram salvas no computador, no pendrive e na nuvem para proteção do banco de dados.

A coleta de dados para a análise da linha do tempo da COVID-19 foi realizada retornando-se ao jornal O Globo, dentro do período temporal definido para o estudo e, num primeiro momento, realizou-se a identificação, por mês, dos acontecimentos mais relevantes da pandemia. Num segundo momento, desenhou-se um diagrama, em forma de linha horizontal, com os meses e as notícias relevantes de forma cronológica, seguindo-se da descrição dos momentos históricos, com ilustração de fotografias veiculadas pelo jornal em cada período.

Participaram da coleta de dados, por seu volume elevado, dois bolsistas de Iniciação Científica participantes de grupo de pesquisa.

3.4 Tratamento e análise dos dados

3.4.1 Construção do banco de dados de variáveis

Os dados de identificação das matérias foram analisados com o auxílio os *softwares Excel*. Realizou-se uma análise quantitativa descritiva de variáveis de identificação das matérias previamente selecionadas pela autora que foram: mês, ano, período da pesquisa, seção, espaço que ocupa na página, zona de visualização, tamanho da matéria, capa do jornal, gêneros jornalísticos (de acordo com a classificação de Marques de Melo, 2016), gêneros (de acordo com a classificação de Moscovici, 2012 e posição da matéria em relação ao conhecimento científico (APÊNDICE B).

Para classificação dos gêneros jornalísticos e o de Moscovici utilizou-se de dois juízes para evitar enviesamento da classificação, sendo a coorientadora Yndira Ita Machado (1ª parecerista) e a orientadora Denize Oliveira (2ª parecerista). Todas as classificações foram revistas pelas duas juízas.

3.4.2 Preparo do corpus para análise lexical

Segmentou-se nas seguintes etapas:

1ª etapa: transformar em texto - O jornal disponibiliza a matéria em imagem salva em formato pdf. Sendo necessário um software que conseguisse converter de imagem para texto para isto utilizou-se o software *ABBYY FineReader 12*.

2ª etapa: transformar em texto corrido – a reportagem no jornal é escrita na página em formato de coluna, foi preciso organizá-las em texto corrido no Word.

3ª etapa: preparar o corpus para o software IRAMUTEQ - Para que o software realize a leitura é necessária uma padronização. O IRAMUTEQ é um software gratuito e com fonte aberta, desenvolvido por Pierre Ratinaud e licenciado por GNU GPL (v2), que permite fazer análises estatísticas sobre corpus textuais, a partir do software R e da linguagem Python (JUSTO, 2013).

Por isto, precisa-se de uma certa padronização para serem rodadas, isto significou retirar do texto sinais que não são aceitos pelo software, como: aspas, apóstrofo, cifrão, porcentagem, asterisco, reticências, travessão, negrito, itálico. Padronizar palavras e termos: como covid19; substituir palavras duplicadas, como alternativas usou-se as siglas – exemplo Organização Mundial da Saúde por oms; palavras compostas por hífen pelo underline; exemplo - jair_bolsorano, ministro_saúde, ministério_saúde; os números escritos para numeral e os símbolos % e \$ pela palavra escrita (tabela em anexo); verbos com pronomes foram substituídos pela forma de próclise (APENDICE C).

4ª etapa – linha de comando com variáveis para a análise lexical. Após a padronização foi inserido no corpus, no início de cada matéria, uma linha de comando, no qual continha o número da matéria e códigos utilizados para as variáveis de caracterização, selecionadas de acordo com os objetivos do trabalho. As variáveis escolhidas para a análise foram: Identificação da matéria (número com quatro dígitos), período (semestre da pesquisa), jornal, seção, capa (se a matéria ocupou a capa do jornal), gênero jornalístico (Informativo, Opinativo, Interpretativo, Diversional, Utilitário), gênero conforme Moscovici (Difusão, Propagação, Propaganda) e Posicionamento do artigo em relação ao conhecimento científico da COVID-19.

No total foram 421 matérias selecionadas, posteriormente ao emprego dos critérios de inclusão e exclusão. Cada matéria, para ser lida pelo software Iramuteq, introduziu-se quatro estrelas (****) seguidas de uma série de variáveis selecionadas previamente para compor o corpus, iniciada cada uma por * (estrela) separada por um espaço, totalizando 421 linhas estreladas, que correspondem ao número de U.C.I. (Unidade de Contexto Inicial) que foram analisadas. Conforme exemplo abaixo.

```
**** *mat_0001 *jor_1 *per_1 *sec_6 *cap_2 *gjom_2 *gmoc_3  
*pos_3
```

5ª etapa: conferir o texto final - realizado a leitura exaustiva verificando a padronização, revisão gramatical, coesão e coerência.

6ª etapa: salvar de acordo com o formato necessário. O arquivo precisa estar em formado .txt e codificados em Unicode UTF-8. Utilizou-se o Bloco de Notas em texto corrido sem espaçamento ou mudança de linha.

Participaram das etapas 1, 2 e 3 dois bolsistas de Iniciação Científica participantes de grupo de pesquisa.

3.4.3 Análise dos dados

3.4.3.1 Análise da linha de tempo

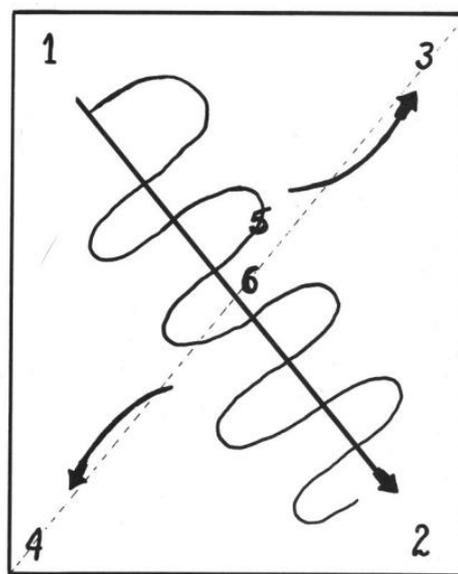
A análise da linha do tempo baseada nas notícias do jornal O Globo foi feita de forma cronológica por mês destacando os momentos históricos vivenciado no percurso da pandemia. A linha histórica auxilia na delimitação do contexto, no qual está inserido o objeto de estudo.

3.4.3.2 Análise das variáveis

A análise dos dados referentes as variáveis: período - mês, ano e semestre da publicação; localização da matéria - seção de publicação, capa do jornal, espaço que ocupava na página, zonas de visualização, tamanho da matéria; Gêneros - gêneros e formatos jornalísticos de acordo Marques de Mello e gêneros de comunicação de acordo com Moscovici, além do posicionamento do jornal em relação ao conhecimento científico se deu por meio de estatística descritiva, medidas de tendência central e de dispersão. Os resultados foram apresentados em forma de tabelas, com frequências absolutas e relativas, conforme o tipo de variável.

Em relação a zona de visualização da matéria, considerou-se as proposições de Edmund C. Amold (1965), no qual diz que quando se trata de comunicação escrita a visão irá se fixar no lado superior à esquerda do papel, pois há um condicionamento da mente devido à escrita ocidental se iniciar sempre no lado superior esquerdo. Por isso, o autor preocupou-se em descrever as zonas de visualização da página, identificando as seguintes zonas de visualização: principal ou primária; secundária; morta (superior); morta (inferior); centro ótico e centro geométrico conforme figura 2 abaixo.

Figura 2 – Visualização da página segundo Amold (1965)



1. Zona primária
2. Zona secundária
3. Zona morta
4. Zona morta
5. Centro ótico
6. Centro geométrico

Fonte: AMOLD, 1965.

Para o autor, a zona primária precisa ter um elemento forte para atrair a atenção e interesse do leitor. Salienta-se que a visão se move na diagonal para o lado inferior oposto, a rota básica da vista se projeta do lado superior esquerdo para o lado inferior direito. Devido a isto o diagramador precisará preencher as zonas mortas e o centro ótico da página com aspectos atrativos para que a leitura seja de forma confortável e ao mesmo tempo rápida. Já o centro ótico ou o centro real de qualquer parte impressa está situado um pouco acima do centro geométrico, quando do cruzamento das diagonais. A altura do centro ótico varia de acordo com a dimensão da página, dependendo da relação entre largura e altura (AMOLD, 1965).

3.4.3.3 Análise lexical das matérias

Para a análise das matérias empregou-se a técnica da análise lexical com o auxílio do *software* IRAMUTEQ, a partir dos corpos gerados pelas matérias selecionadas. As análises lexicais se constituem em uma família de técnicas que permitem utilizar métodos estatísticos aos textos, averiguando-se os materiais textuais, principalmente porque viabilizam a construção de categorias naturais. Esta técnica oferece a possibilidade de quantificar e empregar cálculos estatísticos sobre variáveis essencialmente qualitativas, os textos (SOUSA et al., 2019).

Optou-se por essa análise porque o *software* IRAMUTEQ se concretiza em unidade de enunciado mínimo, denominado metodologicamente de unidade de contexto (UC). Estas unidades são definidas dentro de um contexto linguístico, sendo também possível interpretá-la dentro de um quadro cognitivo, pois um contexto significa para uma palavra o mesmo que uma situação em relação a uma representação de determinado objeto (OLIVERIA; GOMES, 2015).

O *software* IRAMUTEQ é um *software* gratuito e com fonte aberta (LAHLOU, 2012; RATINAUD; MARCHAND, 2012) e licenciado por GNU GPL (v2), que permite fazer análises estatísticas sobre corpus textuais e sobre tabelas indivíduos/palavras. Ancora-se no *software* R e na linguagem Python (CAMARGO; JUSTO, 2013). A opção pelo uso deste *software* visou o domínio desta ferramenta de pesquisa para os estudos qualitativos e de representações sociais, sem os custos envolvidos com o uso do *software* Alceste e com a mesma qualidade de análise.

O IRAMUTEQ apresenta rigor estatístico e permite diferentes recursos técnicos de análise lexical, sua interface é simples e compreensível. Com o auxílio desse programa informático se pode utilizar das análises lexicais, sem que se perca o contexto em que as palavras aparecem, tornando possível integrar níveis quantitativos e qualitativos na análise, trazendo maior objetividade e avanços às interpretações dos dados de texto. Entretanto, a análise feita pelo *software* precisa ser acompanhada de um estudo sobre o significado e forma adequada de empregar as diversas técnicas de análise, além de um bom domínio do estado da arte que envolve o tema específico de cada pesquisa (JUSTO; CAMARGO, 2014), ou seja, é uma ferramenta que irá auxiliar, mas a análise e interpretação dos dados são feitas pelo pesquisador.

A opção pelo uso deste *software* visou o aprofundamento e reconhecimento desta nova ferramenta em pesquisa para os estudos em pesquisa qualitativa e TRS. É possível, através do estudo do texto, reconstruir um quadro do mundo, já que a linguagem, reproduz, por conotações lexicais, as associações de ideias, fazendo com que o texto seja uma imagem das associações entre as coisas do mundo vivido (OLIVERIA; GOMES, 2015).

A análise lexical realizada é um tipo específico de análise de dados, na qual utiliza-se métodos estatísticos a partir da exploração textuais permitindo a construção de categorias. Conforme Justo e Camargo (2014, p. 5) essa análise possibilita

descrever um material produzido por determinado produtor, seja individual ou coletivamente (um indivíduo ou um grupo), como também pode ser utilizado este tipo de análise com a finalidade comparativa, relacional, comparando produções textuais diferentes em função de variáveis específicas que descrevem quem produziu o texto.

A adoção da análise lexical se justifica pela característica do material analisado ser documental- textual e, também, pela extensão do corpus, que totalizou 498 páginas, exigindo uma análise automatizada.

Realizou-se a análise por classificação hierárquica descendente (CDH) segundo o método descrito por Reinert, cuja finalidade é obter classes de segmentos de texto (ST). Ela é considerada uma das mais importantes do Iramuteq, fundamentada na proximidade léxica e no conceito que palavras empregadas numa conjuntura similar estão conectadas ao mesmo mundo léxico fazendo parte de mundos mentais específicos ou sistemas de representação (SALVIATI, 2017).

Nessa análise, os segmentos de texto são classificados de acordo com seu respectivo vocabulário e o conjunto de termos é dividido de acordo com a frequência das raízes das palavras. O sistema procura obter classes formadas por palavras que são próximas com aquela classe, por meio do valor de χ^2 . (SALVIATI, 2017).

Emprega-se da lógica de correspondência, a partir das segmentações do corpus textual, juntamente com a lista de formas reduzidas e o dicionário embutido para apresentar um esquema hierárquico de classes (SALVIATI, 2017).

Nos resultados fornecidos pelo software observa-se o n = número da linha; eff. s.t: frequência dos segmentos de texto que contém a forma na classe em questão; eff. total: frequência total dos segmentos de texto em todo o “corpus” classificado que contém a forma; porcentagem: Representa a % de segmentos de texto que contém a forma que aparece nas classes; χ^2 : é a força de ligação entre a forma e a classe; Tipo: categoria gramatical da forma; Forma: forma ou lema próprio e o p: nível de confiança associado (λ) ao χ^2 .

4 RESULTADOS

4.1 Linha do tempo da pandemia a partir das matérias do Jornal o Globo

Neste tópico apresenta-se uma linha histórica dos principais fatos ocorridos na linha temporal pesquisada, compreendida entre março de 2020 e julho de 2021, construída a partir das matérias retiradas do jornal “O Globo”, a fim de caracterizar os processos e o contexto vividos durante a pandemia da COVID-19.

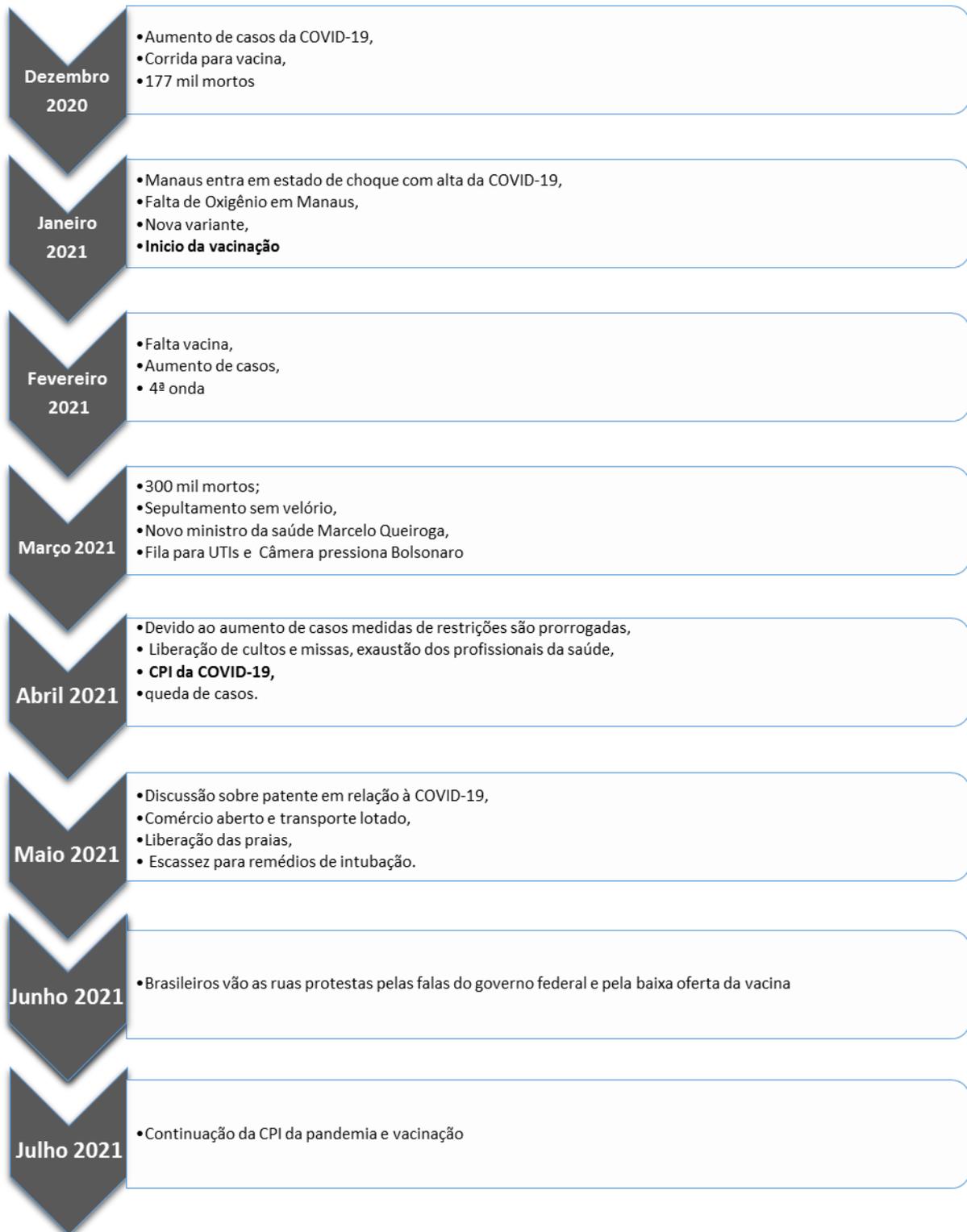
Nos estudos de representações sociais é importante delinear o contexto social no qual está inserido o objeto em estudo, porque “a transformação das representações pode ocorrer por mudanças ocasionadas na relação do grupo com o objeto, nas relações intergrupais, ou em outras mudanças do contexto social” (WACHELKE; CAMARGO, 2007, p. 23).

A figura 3 mostra os períodos e os principais fatos ocorridos em cada um deles.

Figura 3 – Linha temporal da COVID-19 realizada a partir do jornal O Globo. 2022
(continua)



Figura 3 – Linha temporal da COVID-19 realizada a partir do jornal O Globo. 2022 (conclusão)



Fonte: A autora, 2022.

No dia 12/03/2020 a Organização Mundial de Saúde (OMS) anunciou a pandemia de COVID-19 nesse momento, a doença já havia atingido 118 países e o Brasil era um deles. No Brasil tinha 69 casos, sendo que seu primeiro caso notificado confirmado foi em 26 de fevereiro de 2020 e, em março de 2020, já existia transmissão comunitária.

Nesse período não havia um tratamento cientificamente comprovado, o que levou a adoção de medidas não farmacológicas, sendo uma delas o isolamento social. Iniciando-se no Brasil em março de 2020, escolas e comércios foram fechados e presenciaram-se as ruas vazias (Figura 4). Medidas estas que tinham a intenção de achatar a curva de infecção e, assim, evitar a sobrecarga do sistema de saúde. Almeida et al. (2021) aponta que essa medida favoreceu a distribuição dos casos por um período mais longo, entretanto, com o passar do tempo, “ocorreu um declínio gradativo dessa adesão e essa estratégia fundamental foi sendo desqualificada como uma das medidas de redução da exposição e da proteção coletiva” (BARCELLOS; XAVIER, 2022, p. 224).

Figura 4 – Imagem das ruas vazias durante o isolamento social



Nota: O Globo de 29/03/2020.
Fonte: GRAÇA, 2020.

Segundo o jornal “O Globo”, o primeiro desafio foi em relação ao ex-presidente da República, Jair Bolsonaro, que diversas vezes se colocou contra o isolamento, inclusive

participando de comícios no quais apertou a mão de seus seguidores e, dessa forma, fomentou aglomerações, negligenciando, assim, as recomendações da comunidade científica e do próprio Ministério da Saúde (MS) (Figura 5). Fazer o isolamento social significava afetar, indiretamente, a economia, por isso, o incentivo era para o retorno às atividades presenciais. Silva e Silveira (2020, p. 17) destacam que “em pronunciamentos e entrevistas veiculados na grande mídia, seus apoiadores sugerem que um número aceitável de vidas pode ser perdido, desde que a economia não pare”.

Figura 5 – Reportagem sobre as falas de Bolsonaro e desigualdade social



Nota: O Globo de 16/03/2020 e 25/03/2020 respectivamente.
Fonte: O GLOBO, c1996-2023 .

A expansão da pandemia de COVID-19 pelas favelas, periferias e interiores do Brasil desmascarou a desigualdade social e econômica entre as classes sociais, o que representou uma barreira às recomendações de higiene básica, distanciamento físico e permanência em casa (Figura 5) (ANDRADE et al., 2022).

Pontua-se que, no momento em que a pandemia se apresenta, o Brasil advinha de um sucateamento das normas trabalhistas e de saúde devido à Reforma Trabalhista, como afirma Senna et al. (2021), na qual se ampliou a flexibilização, a terceirização e diminuiu-se as obrigações dos patrões o que resultou em desemprego e aumento da informalidade. Já referente à saúde, considera-se a aprovação da PEC dos gastos, Emenda Constitucional nº 95/2016 (EC nº 95/2016), que congelou o teto dos gastos públicos por 20 anos. Ademais, a crise sanitária com “as restrições de circulação de pessoas e de isolamento social impostas

pelos municípios e estados, com o intuito de conter o avanço do vírus, provocam impactos diretos no emprego e renda da população” (SILVA; SILVA, 2020, p. 3).

Sem emprego e renda, muitos cidadãos ficaram sem condições de subsistências. Sem a garantia mínima do sustento, compreende-se que isso é violação da dignidade humana, visto que a “Constituição Federal prevê extenso rol de direitos fundamentais sociais de responsabilidade do Estado” (COSTA; DUARTE, 2021, p. 463). Por isso, fez-se necessário a criação pelo Estado do auxílio emergencial de R\$ 600,00 reais e, em relação à saúde, houve uma corrida para compras de insumos, abrir leitos de UTIs e conseguir profissionais de saúde (Figura 6).

Figura 6 – Reportagem sobre falta de respiradores e Bolsonaro criticando o isolamento



Nota: O Globo de 22/03/2020.
Fonte: O GLOBO, c1996-2023.

Para além das dificuldades econômicas, sociais e da saúde, o Brasil presenciou um desalinhamento político, tendo em vista que o presidente do Brasil entrou em embate com o Ministro da Saúde, até então Luiz Mandetta, devido à divergência sobre o isolamento social (Figura 6), pois este apontava o isolamento como solução e aquele era contra, o que resultou na saída do Mandetta (Figura 7) e, no lugar dele, assume Nelson Teich (Figura 8), que ficou por apenas um mês no cargo. Por fim, empossou-se Eduardo Pazuello para o cargo.

Conforme Fleury et al. (2022, p. 254) o MS foi se militarizando, quando Eduardo Pazuello tomou posse, “levou consigo quase três dezenas de militares que assumiram postos de comando, com total desconhecimento do SUS, do Plano Nacional de Imunização (PNI) e das políticas de saúde” e, com isso, “Bolsonaro conseguiu eliminar do horizonte a possibilidade de contenção efetiva, apresentou-se como preocupado com a economia e atribuiu a responsabilidade pela crise aos defensores do isolamento social” (CALIL, 2021, p. 46).

Enquanto isso, a doença implacável só estava ceifando vidas. E o presidente declara “E daí? Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagres”, o Brasil estava diante de 5 mil mortes (Figura 8), falas retiradas do jornal no dia 29/04/2020 (GRANDELLE, 2020, p.4).

Figura 7 – Reportagens sobre substituição do Ministro da Saúde



Nota: O Globo de 07/4/2020, 16/04/2020 e 17/04/2020 respectivamente.
Fonte: O GLOBO, c1996-2023.

Figura 8 – Reportagens sobre a mortalidade no Brasil e demissão do 2º. Ministro da Saúde



Nota: O Globo de 29/04/2020, 16/05/2020 e 22/05/2020 respectivamente.
Fonte: O GLOBO, c1996-2023.

A pasta da saúde não era a única que vinha enfrentando problemas, ocorre também a saída do Ministro da Justiça Sergio Moro, acusando o governo de interferência na Polícia Federal, reportagem do dia 25/04/2020 (GULLINO et al., 2020), o Estado do Rio tem o seu governador Witzel respondendo por superfaturamento nas ações de combate à COVID-19, reportagem de 27/05/2020, (OTAVIO et al., 2020) e o Ministério da Educação, no mesmo compasso do da saúde, em julho, nomeia o 4º ministro, o pastor e professor Milton Ribeiro, que tomou posse como novo Ministro da Educação, reportagem do dia 11/07/2020,

(CARVALHO et al.,2020). Todas essas questões políticas conturbaram e dificultaram as ações de enfrentamento à pandemia que, a essa altura, em junho de 2020, já chegava à marca de 41 mil mortes (Figura 9).

Figura 9 – Reportagem quando Brasil atinge 41 mil mortes.



Nota: O Globo de 12/06/2020.
Fonte: O GLOBO, c1996-2023.

Em julho de 2020, começa a reabertura gradativa das atividades não essenciais. A aposta era em protocolos mais rígidos de limpeza, espaços com menos pessoas para conseguir um distanciamento maior entre elas e novos hábitos como a máscara e a *face shield* (Figura 10). O jornal ressalta as perdas econômicas, como noticiado em 17/07/2020, o Brasil perdeu 716 mil empresas na crise do Coronavírus (Figura 10) (CAPETTI; RIBAS, 2020).

Figura 10 – Reportagem sobre a reabertura do comércio



Nota: O Globo de 05/07/2020 e 17/07/2020.
Fonte: O GLOBO, c1996-2023; ROSA, B, 2020; CAPETTI; RIBAS, 2020.

O presidente seguia desrespeitando os protocolos quando positivou para COVID-19, conforme reportagem do dia 08/07/2020, ele mesmo fez um vídeo, no qual aparece tomando o remédio Cloroquina, mencionando que estava melhor e que a medicação estava fazendo efeito positivo. “Eu confio na hidroxiclороquina! E você? Quem é de direita toma cloroquina. Quem é de esquerda, tubaina”, politizando a medicação e o vírus, falas retiradas do jornal no dia 08/07/2020, (Figura 11), (COMPORTAMENTO..., 2020, p. 11). Conforme apontado por Fleury et al. (2022, p. 254), o presidente passou a “recomendar, em suas aparições públicas, o uso do que ficou conhecido como ‘kit preventivo’, um conjunto de medicamentos sem eficácia cientificamente comprovada no combate ao coronavírus”.

Figura 11 – Reportagens sobre a conduta do presidente Jair Bolsonaro



Nota: O Globo de 08/07/2020.
Fonte: O GLOBO, c1996-2023; COMPORTAMENTO..., 2020; MARTINS e MAIA, 2020

Apesar da insistência do presidente, não havia ainda nenhum tratamento e a aguardada vacina, em julho, da Oxford e a da China, estava na 3ª fase de testes (Figura 12). Em agosto, iniciava-se a discussão de como seria o critério para vacinação e chegava-se a 100 mil mortes (Figura 12).

Figura 12 – Reportagens sobre vacinação e o Brasil chegando a 100 mil mortes



Nota: O Globo de 21/07/2020 e 09/08/2020
Fonte: O GLOBO, c1996-2023.

Em setembro, o governador do Estado do Rio de Janeiro é afastado por ser acusado de participar de esquema de corrupção no estado do Rio de Janeiro (Figura 13). Nesse momento o Brasil preparava-se para as eleições destinadas às prefeituras e, em setembro, também ocorre a efetivação do, até então interino, Ministro da Saúde Eduardo Pazuello, sem nenhum relevo apontado pelo jornal, que salienta apenas um artigo fazendo menção ao desastre dos seus 4 meses à frente da pasta, destacando o seguinte: “não é médico, não precisa rasgar seu diploma para fazer a vontade do chefe” e, complementando o artigo, diz que sua gestão serviu apenas para esconder informações, (Figura 13), falas retiradas do jornal no dia 17/09/2020 (FRANCO, 2020, p. 6).

A respeito disso, Calil (2021, p.46) diz que:

A militarização do Ministério da Saúde logrou oficializar uma política negacionista, que difunde medicamentos comprovadamente ineficazes, comemora o número de “recuperados” (omitindo as sequelas permanentes de parte deles), restringe gradativamente a testagem e consolida o ocultamento de parte significativa dos óbitos, registrando-os como síndrome respiratória aguda grave não especificada

Figura 13 – Reportagens sobre corrupção e crítica a Eduardo Pazuello



Nota: O Globo dia 20/09/2020 e 17/09/2020.

Fonte: O GLOBO, c1996-2023; FRANCO, 2020.

Em outubro, as vacinas ainda estavam em testes, mas se iniciou uma disputa política em torno delas. O governador do estado de São Paulo João Dória “ganhou projeção política com a inversão de recursos no desenvolvimento da vacina do Instituto Butantan/Sinovac” (FLEURY et al., 2022, p. 255). Houve uma pressão para o MS comprar as vacinas do Instituto Butantan e o Ministro Eduardo Pazuello estabeleceu um contrato de compra. Ao ser noticiado, Bolsonaro advertiu na sua rede que a vacina não seria adquirida (FLEURY et al., 2022). Sobre isso, o jornal retrata a fala do presidente retirada da reportagem do dia

22/10/2020: “Já mandei cancelar, o presidente sou eu, não abro mão da minha autoridade” (REVOLTA..., 2020, p. 16).

Enquanto isso, o governo dos EUA se preparava para suas eleições. Na disputa, Donald Trump, referência do ex-presidente do Brasil, e Joe Biden. Campanha marcada por questões relativas ao enfrentamento da COVID-19, realizada por Donald Trump, minimizando o impacto do vírus, fato esse que favoreceu a disseminação da doença numa velocidade inédita pelo território americano, conforme apresentou Calil (2021, p. 34): “nos Estados Unidos, o presidente Donald Trump politizou a situação desde o princípio, qualificando a covid-19 como “vírus chinês” e minimizando sua importância” (Figura 14).

Figura 14 – Reportagens sobre politização da vacina e campanha eleitoral



Nota: O Globo 22/10/2020; 28/10/2020; 29/10/2020.

Fonte: O GLOBO, c1996-2023; CHICO, 2020; ALVES, 2020.

Em novembro, Joe Biden ganha as eleições, assim como Eduardo Paes e Bruno Covas no Rio de Janeiro e São Paulo, respectivamente. As eleições foram atreladas à maneira como os antecessores vinham combatendo o vírus (Figura 15).

Figura 15 – Reportagens sobre eleições no Brasil e nos EUA



Nota: O Globo dia 08/11/2020 e 30/11/2020.

Fonte: O GLOBO, c1996-2023.

Em dezembro, o MS informa sobre o calendário vacinal com prioridade para idosos e profissionais da saúde. Posteriormente, o cenário é marcado por várias confusões políticas com o governo do Estado de São Paulo em relação à CoronaVac, porque o MS não iria incluí-la no PNI. Complementando estes fatos, Fleury et al. (2022) relata que o então Ministro da Saúde, Eduardo Pazuello, ignorou a CoronaVac, sendo a Oxford/AstraZeneca a vacina recomendada pelo MS, gerando manifestação antagônica dos secretários estaduais de saúde, exigindo que o PNI agregasse todas as vacinas que já haviam sido aprovadas. Entretanto, com a escassez das vacinas, o MS volta atrás e compra a CoronaVac, mas exigiu do governo paulista todas as seringas em estoque, a fim de impedir a aplicação da primeira dose da vacina no país, pelo Estado de São Paulo, que recorreu da medida para garantir que essa unidade federativa retivesse as seringas para vacinar sua população (FLEURY et al., 2022).

Não obstante, o aumento considerável no número de casos, lotação das UTIs e, às portas do início da vacinação (Figura 16), para a qual o MS, junto com as demais instâncias da saúde, age em prol de promover a conscientização da vacinação coletiva e de uma alta adesão, mais uma vez, o ex-presidente da República vai na contramão questionando a aprovação emergencial da vacina, exigindo termo de consentimento e alegando que não iria se vacinar, provocando insegurança com suas falas (Figura 16), “o comentário do Presidente, em 18 de dezembro de 2020, sobre a vacina da Pfizer/BioNTech foi que ele não se vacinaria, acrescentando: ‘Se você virar jacaré, o problema é seu’” (FLEURY et al., 2022, p. 256).

O ano de 2020 termina com muita expectativa dos brasileiros de uma melhora da pandemia, entretanto o que se presenciou foram várias aglomerações nas festas de final de ano.

Figura 16 – Reportagens sobre vacina e aumento da mortalidade



Nota: O Globo dia 16/12/2020 e 17/12/2020.
Fonte: O GLOBO, c1996-2023.

Janeiro de 2021 é o mês em que a nova Cepa atinge o Brasil de forma avassaladora, principalmente na capital do Estado do Amazonas, Manaus, que, com grande número de casos, ficou sem o tratamento principal, o oxigênio, numa total negligência das autoridades competentes, sendo necessário transferir os pacientes para outro estado. Jair Bolsonaro limitou-se a dizer, conforme o jornal do dia 16/01/2021: “Problema em Manaus. Terrível o problema lá. Agora, nós fizemos a nossa parte” (PRAZERES, 2021, p. 10) (Figura 17). Em relação a isso, refletiu-se sobre a competência do governo federal em conjunto com o MS em prevenir situações para evitar os danos.

Figura 17 – Reportagens sobre nova variante e o colapso em Manaus



Nota: O Globo dia 01/01/2021 e 16/01/2021.

Fonte: TOLEDO, 2021; O GLOBO, c1996-2023; PRAZERES, 2021.

A corrida pela vacina se intensificou. A Anvisa autoriza, para uso emergencial, as vacinas CoronaVac e AstraZeneca. E no dia 17/01/2021 a enfermeira Monica Calazans, de 54 anos, foi a primeira pessoa a ser vacinada, ocorrendo no Estado de São Paulo com a vacina do Instituto Butantan. A cerimônia gerou crítica por parte do Ministro da Saúde, ressaltando mais uma vez a divergência política daqueles que se aproveitavam da vacina para se autopromover (Figura 18).

Figura 18 – Reportagens sobre o início da vacinação no Brasil



Nota: O Globo dia 9/01/2021 e 18/01/2021.

Fonte: FERREIRA, 2021; RIBEIRO et al., 2021.

Iniciou-se a vacinação em janeiro, mas em fevereiro as vacinas não eram suficientes para toda população, nem mesmo para aqueles do público-alvo, sendo necessário, em algumas cidades, suspendê-las. Atrelado a essa lentidão em fevereiro, os números de mortos eram mais de mil ao dia e o sistema de saúde quase entrou em colapso com a 4ª onda, OMS declarava que o Brasil vivia uma tragédia (Figura 19).

Figura 19 – Reportagens sobre falta de vacina e nova onda da pandemia



Nota: O Globo dia 12/02/2021 e 27/02/2021
Fonte: O GLOBO, c1996-2023; MODA et al.,2021.

Em março de 2021, a COVID-19 estava sem controle, o sistema de saúde já não estava dando conta, sendo necessário novas medidas para conter seu avanço. Segundo o observatório da FIOCRUZ, o Brasil presenciou um processo de aceleração de casos e óbitos (Figura 20). “A velocidade de ocorrência de óbitos se mantém com números extremamente altos, o que descreve a situação crítica que o país ainda vive” (FIOCRUZ, 2021, p. 4). Alguns governadores começaram a criar estratégias para conter o avanço do vírus como, por exemplo, a antecipação dos feriados de 21/04 e 23/04 no Rio de Janeiro. Entretanto, devido às pressões sofridas com a crise, o presidente Jair Bolsonaro substituiu o Ministro da Saúde e entra o 4º ministro: Marcelo Queiroga (Figura 20).

Figura 20 – Reportagem sobre o colapso na saúde



Nota: O Globo de 07/03/2021, 16/03/2021 e 20/03/2021 respectivamente.
 Fonte: O GLOBO, c1996-2023; ALFANO; GARCIA, 2021.

Não foi suficiente lidar com as perdas. O Brasil ainda enfrentava as disputas políticas e, num desses embates, o presidente foi até o STF contra alguns governadores para contestar o toque de recolher adotado pela Bahia, Rio Grande do Sul e Distrito Federal, conforme noticiado no dia 20/03/2021 (MELLO et al., 2021) além disso, também se concorria com o governo de São Paulo pelo protagonismo da vacina. E, com todas essas disputas, o presidente ainda defendia o tratamento precoce e, mesmo assim, chegava-se a 300 mil mortes.

A desordem era tanta que fez com que a Câmara dos Deputados pressionasse o presidente por suas negligências, conforme noticiado pelo jornal no dia 25/03/2021 (GÓES et al., 2021), no qual, durante uma reunião no Palácio da Alvorada com os presidentes de outros poderes e governadores, culminaram no aumento da insatisfação do meio político impulsionando o presidente da Câmara, Arthur Lira, pela primeira vez, a proferir um duro discurso cobrando postura do governo federal, mencionando até a possibilidade de *impeachment* (Figura 21). Foram momentos difíceis para os brasileiros, que enfrentavam todo esse descompasso político e também lidavam com o luto coletivo, sem ao menos ter o direito de velório, devido ao novo protocolo de segurança do MS, em que se recomendavam a não realização de funerais de pacientes confirmados ou suspeitos de COVID-19 (GRISOTTI, et al., 2022) (Figura 21).

Figura 21 – Reportagens sobre politização da vacina e aumento no número de mortes



Nota: O Globo de 20/03/2021, 25/03/2021 e 25/03/2021 respectivamente.
 Fonte: MELLO et al.,2021; O GLOBO, c1996-2023; GARCIA, 2021.

Em abril de 2021, ainda havia dificuldade em relação à vacina, com poucas doses entregues pelo governo federal, numa corrida para vacinar toda a população em um momento de alta no número de mortes, e presenciou-se o cansaço dos profissionais de saúde, falta de medicações para intubação de pacientes e, não obstante, a liberação de cultos e missas presenciais, mesmo mediante a alta dos casos (Figura 22).

Figura 22 – Reportagens sobre escassez de vacina e conduta de Bolsonaro



Nota: O Globo 02/04/2021.
 Fonte: FERREIRA, 2021; GOES; TRISOTTO, 2021.

Sucedeu-se tanto descaso durante a pandemia que foi necessário instaurar a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da pandemia, cujo objetivo era investigar a atuação do governo frente ao combate da pandemia, isso incluía investigar as recomendações de remédio sem eficácia, a crise de Manaus e as aquisições das vacinas. Foi a politização da pandemia que culminou na CPI para investigar as irregularidades do governo federal na gestão da crise sanitária (HELLMANN; HOMEDES, 2022). O governo federal, segundo o jornal, tentou

articular para que os governadores e prefeitos fossem responsabilizados. Entretanto, em 27 de abril de 2021, inicia-se a instauração no senado, com o senador Omar Aziz (PSD-AM) eleito presidente, e Randolfe Rodrigues (Rede-AP), vice-presidente. Em seguida, Omar Aziz indica Renan Calheiros (MDB-AL) para relator dos trabalhos (Figura 23).

Figura 23 – Reportagens sobre CPI da COVID-19



Nota: O Globo dia 13/04/2021 e 28/04/2021.

Fonte: GULLINO,2021; LINDNER; CAPPELLI, 2021.

Maio de 2021 foi marcado pelo trabalho da CPI da pandemia, pela discussão sobre patente em relação à COVID-19, comércio aberto e transporte lotado, liberação das praias, escassez para intubação e corrida para vacinar toda a população.

Em junho, com o número de 500 mil mortes, uma parte dos brasileiros se revoltam e foram para as ruas fazerem protestos contra as atitudes do governo frente à pandemia e à baixa taxa de vacinação, que, a essa altura, contava apenas com 11% vacinados com as duas doses, conforme notícia do dia 11/06/2021 (DANTAS et al., 2021). Entretanto a preocupação do presidente do Brasil era apenas liberar o uso das máscaras (Figura 24).

Figura 24 – Reportagens sobre o número de mortes e reação do presidente Bolsonaro



Nota: O Globo dia 20/06/2021 e 11/06/2021.

Fonte: O GLOBO, c1996-2023.

Em julho de 2021, último mês desta pesquisa, ainda estavam aparecendo resultados da CPI da pandemia (Figura 25). Fleury et al. (2022) relata que os depoimentos coletados, em 24 de junho 2021, afirmavam que várias mortes poderiam ter sido evitadas se o MS tivesse comprado e aplicado as vacinas oferecidas no mercado internacional e nacional. E continuava-se a vacinar a população. Literalmente, era uma corrida, porque a população não sabia se no dia seguinte teria vacina, então era preciso correr para os postos (Figura 25).

Figura 25 – Reportagens sobre CPI da COVID-19 e filas para vacinação



Nota: O Globo dia 08/07/2021.
Fonte: O GLOBO, c1996-2023.

Esta linha do tempo aponta que, para além da crise sanitária agravada pela pandemia, o Brasil sofreu com os desencontros de informações provocados pelo governo federal, representado pelo seu presidente Jair Bolsonaro, conforme notado também pelos autores Hur (et al., 2021), Calli (2021), Fleury et al. (2022) e Guerreiro (2020).

Em todos os momentos, Jair Bolsonaro atrapalhou o enfrentamento da pandemia, com seus discursos negacionistas, estimulando o uso de medicamentos não comprovados cientificamente, sendo o “garoto-propaganda da cloroquina”, conforme mencionado por Guerreiro (2020). Ele chegou ao cúmulo de mostrar uma caixa de medicamento a uma embaixada e também contrariou as normas de medidas de isolamento social, medida viável na época para mitigar a curva do contágio. Para Call (2020, p. 43), é evidente que a “posição assumida por Bolsonaro levou parcela da população a recusar os cuidados, o que teria sido decisivo para

que tais medidas não tenham produzido os resultados esperados”. Concordando com o autor Fleury et al. (2022), “o Presidente foi o principal obstáculo para o País conseguir definir uma política de isolamento e compra de vacinas”.

Por fim, termina-se esta linha do tempo em concordância com Fleury et al. (2022, p.260) quando relata que a tragédia na pandemia não foi pior devido à interferência de diversos atores, entre eles “políticos com poder de veto, como o STF, de vocalização de denúncias, como o Conass e organizações científicas e da sociedade civil, com autonomia, como a Anvisa, e de ação coletiva, como parlamentares e governadores”.

4.2 Caracterização das matérias analisadas

Neste capítulo será apresentado um conjunto de variáveis importantes para a compreensão dos resultados do estudo, possibilitando uma melhor contextualização destes e a compreensão das características das matérias analisadas. Construiu-se um banco de dados com 421 matérias do jornal “O Globo” com as variáveis de identificação a partir dos seguintes dados: período - mês, ano e semestre da publicação; localização da matéria - seção de publicação, capa do jornal, espaço que ocupava na página, zonas de visualização, tamanho da matéria; gêneros - gêneros e formatos jornalísticos de acordo com Marques de Mello e gêneros de comunicação de acordo com Moscovici, além do posicionamento do jornal em relação ao conhecimento científico.

Para primeiro agrupamento da caracterização, optou-se por analisar a temporalidade das matérias que eram publicadas no jornal e, para isso, fez-se o levantamento por mês, ano e semestre a partir 11 de março de 2020 até junho de 2021.

Os resultados obtidos em relação ao período das matérias foram, de acordo com o mês, destaque para os meses de março (16,2%), abril (16,2%) e maio (15,2%). O ano de 2020 teve 57,5% e, 2021, 42,5%. Entretanto, deve-se considerar que esses meses tiveram resultados em ambos os anos da pesquisa e que o ano de 2020 foi pesquisado de março a dezembro e 2021, de janeiro a julho, ou seja, 2020 foram 10 meses consultados e 2021, 7 meses. Portanto, considera-se, para fim estatístico mais fidedigno, o resultado por semestre. Conforme a Tabela 1, o 1º semestre 2021 teve uma maior representatividade (39,7%), seguido pelo 1º semestre 2020 (30,6%).

Tabela 1 – Distribuição das matérias segundo semestre da publicação. Rio de Janeiro, 2022

Semestre	<i>f</i>	%
1º semestre 2021	167	39,7
1º semestre 2020	129	30,6
2º semestre 2020	113	26,8
2º semestre 2021	12	2,9
Total	421	100

Fonte: A autora, 2022.

No primeiro semestre de 2020 o que havia era centenas de países em regime de distanciamento físico com o fechamento do comércio, escolas e indústrias e se esperava uma grave recessão econômica. A escassez do conhecimento em relação ao vírus como, por exemplo, a transmissibilidade e o papel dos portadores assintomáticos, assim como a inexistência de tratamentos e vacinas impulsionou a busca por medidas não farmacológicas para reduzir o alastramento do vírus, medidas para minimizar o impacto no sistema de saúde e evitar as mortes. Implementaram-se medidas de higienização das mãos, adoção de etiqueta respiratória e uso de máscaras faciais, proibição de eventos de massa e aglomerações, restrição de viagens e uso dos transportes públicos, e conscientização da população para permanecerem em casa (COUTO et al., 2021); (AQUINO et al., 2020).

Existia uma busca pela vacina, entretanto somente em 24 de julho de 2020 a “OMS assinala a existência de candidatos à produção de vacinas no mundo, estando 25 delas em avaliação clínica - com quatro dessas na fase 3 - e 141 em avaliação pré-clínica” (COUTO et al., 2021, p. 3). Esses acontecimentos se fizeram presentes no noticiário, tornando o 1º semestre de 2020 como o segundo semestre com mais notícias acerca da pandemia.

Já no 1º semestre de 2021, representante do maior percentual de matérias, de acordo com o observatório da FIOCRUZ, foi o momento em que o Brasil presenciou um processo de aceleração de casos e óbitos que o país ainda não havia experienciado.

Para os óbitos, se foram necessários intervalos de 5 meses para se alcançar 100 e 200 mil óbitos, entre 7 de janeiro e 24 de março de 2021 (2 meses e meio) acrescentamos mais 100 mil óbitos e entre 24 de março e 29 de abril (pouco mais de um mês) mais 100 mil óbitos foram registrados. Na sequência, em apenas um mês e 23 dias (entre 29 de abril e 19 de junho) foram contabilizados mais 100 mil óbitos, chegando a triste marca de 500 mil. A velocidade de ocorrência de óbitos se mantém com números extremamente altos, o que descreve a situação crítica que país ainda vive (FIOCRUZ, 2021, p. 4)

Ademais, a esse crescimento do número de mortos, o primeiro semestre de 2021 foi marcado pelo início da vacinação, no dia 17 de janeiro de 2021, e pela negligência em medidas de enfrentamento, chegando ao extremo, quando se esgotou o estoque de oxigênio

em Manaus, ocasionando um colapso no sistema de saúde (BUTANTAN, 2021). Essas ações e omissões da pandemia por parte do governo resultaram na criação da CPI da COVID-19 para investigar ilegalidades (RODRIGUES et al., 2021).

Foram analisadas também as variáveis referentes à localização da matéria no jornal, segundo os seguintes levantamentos: seção, espaço na página, zonas de visualização, ocupação da capa do jornal e o tamanho da matéria. O intuito era saber se as reportagens sobre a COVID-19 eram destacadas pelo jornal.

Em relação à seção das matérias sobre a pandemia no jornal, demonstrada na tabela 2, as mais frequentes foram: “Sociedade” (34,9%), “Economia” (13,8%) e “Rio” (11,2%). A seção “Sociedade” é aquela composta por notícias com cunho mais generalizado, que ocorrem no cotidiano. Já o da “Economia” é compreensivo o volume de notícias, visto que a questão financeira foi muito discutida durante a pandemia. Quanto à seção “Rio”, considerou-se que o jornal tem um caderno só de notícias sobre o Rio de Janeiro, que foi um dos estados muito afetado pelo Coronavírus. Nesse sentido, pode-se dizer que o tratamento da COVID-19 foi vinculado à temática da cotidianidade e a questões econômicas.

Tabela 2 – Distribuição dos cadernos e dos suplementos do jornal em que apareceu a matéria. Rio de Janeiro, 2022 (continua)

Seção	F	%
Sociedade	147	34,9
Economia	58	13,8
Rio	47	11,2
O País	37	8,8
O Mundo	37	8,8
Jornais de Bairro	37	8,8
Opinião	36	8,6
Editorial	17	4,0
Segundo Caderno	5	1,1
Total	421	100

Fonte: A autora, 2022.

A questão econômica foi muito explorada pela mídia jornalística, denotando-se pelos resultados tanto nas variáveis, sendo o segundo caderno (tabela 2) com matérias sobre COVID-19 mais frequentes, quanto em uma classe do IRAMUTEQ tratando a temática.

Silva e Silva (2020) diz que a economia brasileira perpassou por três períodos durante a pandemia. O primeiro período, de fevereiro a março de 2020, relativo à redução da atividade

econômica, apresenta uma seqüela das medidas de isolamento e distanciamento social. O segundo foi de abril a julho de 2020, caracterizando-se pela recessão econômica provocada pelo alastramento do Coronavírus no território brasileiro, no qual, para mitigar a crise, o governo amplia as linhas de crédito destinadas às micro e pequenas empresas e engrena o auxílio emergencial e a flexibilização de regras para o programa de Benefício de Prestação Continuada. O terceiro período, de agosto de 2020 a 2021, inicia-se a retomada da atividade econômica e o resgate de reformas neoliberais do governo. Diante dessas várias mudanças de conjuntura ao longo da pandemia de COVID-19, compreende-se o porquê de sua presença na mídia jornalística.

Outra questão aferida foi o grau de importância dada pelo jornal às matérias relativas à COVID-19. Para isso, analisou-se a zona de visualização da página com a localização na página e o tamanho da matéria.

Nos resultados obtidos, referente à localização na página, observa-se, na tabela 3, espaço superior completo (30,2%) e página completa (12,1%), o que, ao somarmos ambas, indicam o total de 178 matérias. E, na zona de visualização, 52% para zona principal, seguida por zona Morta com 24,5% (tabela 4). Pode-se depreender desses resultados que as informações sobre a pandemia eram alocadas de forma a aliciar os leitores.

Tabela 3 – Distribuição das matérias em função do espaço ocupado na página do jornal. Rio de Janeiro, 2022

Espaço	f	%
Superior Completo	127	30,2
Inferior Completo	92	21,9
Página Completa	51	12,1
Centro Completo	50	11,9
Superior Esquerda	34	8,1
Superior Direita	26	6,2
Inferior Esquerda	12	2,9
Centro Esquerda	10	2,4
Centro Direita	7	1,7
Mais de uma página completa	5	1,2
Centro Centro	3	0,7
Inferior Direita	3	0,7
Superior Centro	1	0,2
Total	421	100

Fonte: A autora, 2022.

Complementando, segundo Simoneau (2015, p. 132), “as zonas principal e secundária são consideradas nobre, sendo que são as primeiras áreas para as quais o leitor dirige o olhar. Há uma tendência de olhar primeiro para a zona 1”. Portanto, em relação à COVID-19, ao analisar tanto a tabela 3 quanto a 4, conclui-se que o jornal colocou as matérias em locais de destaque para atrair o leitor.

Tabela 4 – Distribuição das matérias segundo as zonas de visualização da página. Rio de Janeiro, 2022

Zonas	f	%
Zona Principal	219	52,0
Zona Morta (Inferior)	103	24,5
Centro Geométrico	42	10,0
Zona Morta (Superior)	27	6,4
Centro Ótico	20	4,8
Zona Secundária	10	2,4
Total	421	100

Fonte: A autora, 2022.

Considerando a disposição na capa do jornal, entende-se que a primeira página do jornal é aquela no qual se agrupam características e atrativos para que o leitor possa identificar o jornal (AMOLD, 1965). Em relação à ocupação da capa do jornal, verificou-se um índice de apenas 18,1% (tabela 5). Entretanto, apesar de não ser um percentual alto observa-se que a estratégia do jornal, no que diz respeito à capa, era sempre trazer o número de casos e óbitos da COVID-19 como forma de chamar atenção.

Tabela 5 – Distribuição das matérias segundo a ocupação da capa no jornal. Rio de Janeiro, 2022

Capa	f	%
Não	345	81,9
Sim	76	18,1
Total	421	100

Fonte: A autora, 2022.

De acordo com os resultados, na tabela 5, deduz-se que o jornal não utilizou a capa como estratégia atrativa para o leitor.

Outro quesito verificado foi o tamanho da matéria disponível na tabela 6. Considerou-se, para mensuração, os seguintes parâmetros: pequena (menor do que 1/4 da página); média (igual ou menor a 1/2 da página); grande (igual ou menor a 1 página) e muito grande (maior

que 1 página). Salienta-se que, apesar da análise ser feita apenas no texto para a medida, foi considerado tudo que fizesse parte da matéria como figuras, gráficos, fotos.

Tabela 6 – Distribuição das matérias segundo o tamanho da matéria. Rio de Janeiro, 2022

Tamanho	F	%
Média	242	57,5
Grande	150	35,6
Pequena	24	5,7
Muito Grande	5	1,2
Total	421	100

Fonte: A autora, 2022.

O tamanho da matéria encontrado foi de 57,5% para média, seguido por 35,6% do tamanho grande, ou seja, um total de 257 matérias. Com esses resultados acerca da localização, zonas de visualização e tamanho das matérias sobre a pandemia, pode-se aferir que o jornal deu visibilidade e estima para as matérias relacionadas à COVID-19.

Outras características consideradas foram em relação aos gêneros, tanto os jornalísticos quanto os de comunicação, propostos por Moscovici, que são inclusive um dos objetivos deste trabalho.

A respeito de gênero e formato jornalísticos, de acordo com a classificação de Marques de Melo, apurou-se 60,8% informativo como o mais representativo, consecutivamente o opinativo (18,1%) e interpretativo (16,9%), conforme tabela 7.

Tabela 7 – Distribuição das matérias segundo o Gênero jornalístico. Rio de Janeiro, 2022

Gênero Jornalístico	f	%
Informativo	256	60,8
Opinativo	76	18,1
Interpretativo	71	16,9
Utilitário	17	4,0
Diversional	1	0,2
Total	421	100

Fonte: A autora, 2022 baseado em MARQUES DE MELO, 2003.

Complementando, os resultados dos formatos jornalísticos foram, sucessivamente: notícia, reportagem, artigo e análise (tabela 8). Salienta-se que a notícia e a reportagem estão

dentro do gênero informativo. A diferença é que a reportagem é o relato ampliado de um acontecimento. O artigo pertence ao gênero opinativo, que é aquele cuja intenção é expor pontos de vista acerca de algo, já a análise pertence ao interpretativo, que se utiliza de dados complementares para fazer um diagnóstico da informação, auxiliando na compreensão dos fatos (MELO, 2003).

Tabela 8 – Distribuição das matérias segundo os formatos dos gêneros jornalísticos. Rio de Janeiro, 2022

Gênero	f	%
Notícia	136	32,3
Reportagem	100	23,8
Artigo	57	13,5
Análise	35	8,3
Entrevista	18	4,3
Editorial	17	4,0
Serviço	16	3,8
Dossiê	10	2,4
Perfil	10	2,4
Enquete	10	2,4
Cronologia	5	1,2
Nota	4	1,0
História de interesse humano	1	0,2
Roteiro	1	0,2
Carta	1	0,2
Total	421	100%

Fonte: A autora, 2022 baseado em MARQUES DE MELO, 2003.

Constata-se que o jornal, apesar de apresentar uma boa parcela de seus textos voltada para notícias, revelou um quantitativo bem relevante do gênero opinativo que é aquele no qual se espera uma certa liberdade do jornalista para expor suas ideias. Pode-se concluir que na maior parte, quando se trata da COVID-19, ou o jornal está dando informações ou então está trazendo alguém para manifestar sua opinião sobre o objeto. Trazer especialista para abordar algum assunto é uma tática. Conforme Moscovici (2012, p. 280), “os estudos sobre comunicação mostram o quanto a intervenção de uma pessoa conhecida num domínio, qualquer que seja ele, serve para influenciar a opinião em geral”. Percebe-se que o próprio jornal não assina como sendo sua concepção ao ponderar o resultado do editorial, formato que indica a manifestação do jornal, apresentando um percentual pequeno (4,0%) se comparado ao artigo.

Em relação aos gêneros de comunicação, conforme a classificação de Moscovici, destacam-se estes: difusão com 62,9%, seguidos pela propagação (22,6%), e propaganda (14,5%), apresentados na tabela 9.

Tabela 9 – Distribuição das matérias segundo Gêneros de comunicação. Rio de Janeiro, 2022

Gênero Moscovici	f	%
Difusão	265	62,9
Propagação	95	22,6
Propaganda	61	14,5
Total	421	100

Fonte: A autora, 2022 baseado em MOSCOVICI, 2012.

Simoneau (2015, p.135), ao fazer uma pesquisa na mídia, também encontrou resultados parecidos com percentual maior para difusão e relata que era esperado esse resultado porque na difusão “as matérias que circunscrevem a este gênero se caracterizam por estar direcionadas a um público amplo e heterogêneo e têm como principal objetivo criar um interesse em comum”.

Utilizar desse gênero para se comunicar não significa uma não intenção ideológica.

O jornalismo e seus produtos não podem ser entendidos como simples espelho da realidade e tampouco como narrativa desinteressada, como apregoam certas teorias ou manuais de jornalismo, e sim como resultado de complexo processo de construção de sentidos” (OLIVEIRA, 2014, p. 42)

O desafio nesse gênero é justamente conseguir captar a ideologia atravessada que não fica evidente na difusão, que estará mascarada no estilo da linguagem, conforme descrito por Moscovici (2012), concreto, sedutor e rápido para chamar atenção do leitor.

Moscovici (2012, p. 295), ao estudar esse gênero, refere-se à difusão como aquela que “não há uma tendência em criar um comportamento unitário; o desejo é falar sobre e falar de”. Entretanto, o autor questiona qual “a eficiência da comunicação que deixa ao receptor a responsabilidade de tirar suas conclusões, de tomar decisões” e conclui que o “mesmo texto, apresentado por um orador não envolvido, provoca maior mudança de opiniões que se for lido por um orador envolvido com o conteúdo” (MOSCOVICI, 2012, p. 296).

Esse resultado alinha-se ao posicionamento neutro (65,8%) em relação ao conhecimento científico (tabela 10), visto que a difusão tem como característica marcante a aparente neutralidade devido à sua forma de abordagem. Como ela é um sistema de

comunicação voltado para a massa, seu objetivo principal é alcançar o máximo possível de telespectador.

Tabela 10 – Distribuição das matérias segundo o posicionamento da matéria em relação ao conhecimento científico da COVID-19. Rio de Janeiro, 2022

Posicionamento	f	%
Neutro	277	65,8
Favorável	139	33,0
Desfavorável	5	1,2
Total	421	100

Fonte: A autora, 2022.

Entretanto, alinhando esse resultado com o do IRAMUTEQ, pode-se observar que o jornal não era tão neutro assim quando se tratava das questões políticas, ao observar que, na Classe 1, o momento político da pandemia de COVID-19 (será analisado abaixo), os gêneros de comunicação predominantes foram propagação e propaganda. O que se questiona são os motivos do não envolvimento pela mídia jornalística quando se trata de COVID-19, objeto esse que exige uma tomada de posição favorável e, todavia, quando é referente às questões políticas, há um confronto.

4.3 As representações sociais na análise lexical das matérias do Jornal

O corpus de análise foi composto por 421 matérias selecionadas, totalizando 421 linhas estreladas, que correspondem ao número de Unidade de Contexto Inicial (UCI) que foram analisadas. O resultado da análise estatística inicial mostrou: 421 textos, 7.683 segmentos de texto, 272.293 ocorrências, 21.394 formas e 9.880 formas hápax (palavras que aparecem apenas uma vez).

O corpus analisado foi dividido pelo software em 7683 Unidades de Contexto Elementar (UCEs), dessas, 6875 foram selecionadas para a análise, representando 89,48% de aproveitamento do corpus. Após o dimensionamento das UCEs e a classificação em função da proximidade de vocabulários, essas foram agregadas em 6 classes, sendo que a classe 4 apresentou o maior percentual das UCEs classificadas e a classe 2 o menor, entretanto, não houve uma diferença significativa entre elas. A classe 1 representou 14,71% (1011/6875); a

classe 2 – 12,47% (857/6875); a classe 3 – 18,27% (1256/6875); a classe 4 – 18,5% (1272/6875); a classe 5 – 18,14% (1247/6875) e a classe 6 – 17,92% (1232/6875).

Obteve-se na primeira divisão a classe 1 e o bloco 1 (agregando as classes 2, 3, 4, 5, 6), inferindo-se o afastamento da classe 1 das demais. Continuando as divisões, observa-se o bloco 2 composto pelas classes 4, 5 e 6 e o bloco 3 com as classes 2 e 3. Em seguida, separaram-se as classes 4 e 5 da classe 6. E, por último, a classe 4 separou-se da classe 5 e a classe 2, da classe 3.

- a) Essas divisões ocorrem porque há uma homogeneidade que faz com que as classes fiquem ligadas, como ocorre nas classes 2 e 3, mas também há uma heterogeneidade que as separam, como ocorreu na divisão que separou a classe 1 das demais, assim como a classe 6 das classes 4 e 5 e das 3 e 4. Pode-se inferir que a classe 1 é a mais homogênea internamente e revela conteúdo distinto das demais, porque ela não se relaciona com nenhuma outra.^{1ª} Divisão: Classe 1 do bloco 1 (classe 4, classe 5, classe 6, classe 2 e classe 3);
- b) 2ª Divisão: bloco 2 (classe 4, classe 5 e classe 6) do bloco 3 (classe 2 e classe 3);
- c) 3ª Divisão: classe 6 da classe 4 e classe 5;
- d) 4ª Divisão: separou-se a classe 2 da classe 3;
- e) 5ª Divisão: separou-se a classe 5 da classe 4

O corpus foi denominado “Representações sociais da COVID-19 na mídia jornalística e suas interfaces e os eixos temáticos”. De acordo com as clivagens, foram assim intitulados: eixo temático 1: a política e seus representantes no momento de enfrentamento da pandemia do COVID-19; eixo temático 2: fatores constituintes da COVID-19 e suas implicações para sociedade; eixo 3: dimensões sociais, econômicas da COVID-19; eixo 4: fatores constituintes do Enfrentamento da COVID-19 e o eixo 5: o medo, a afetividade e as mudanças no cotidiano: um legado da pandemia (conforme Figura 27).

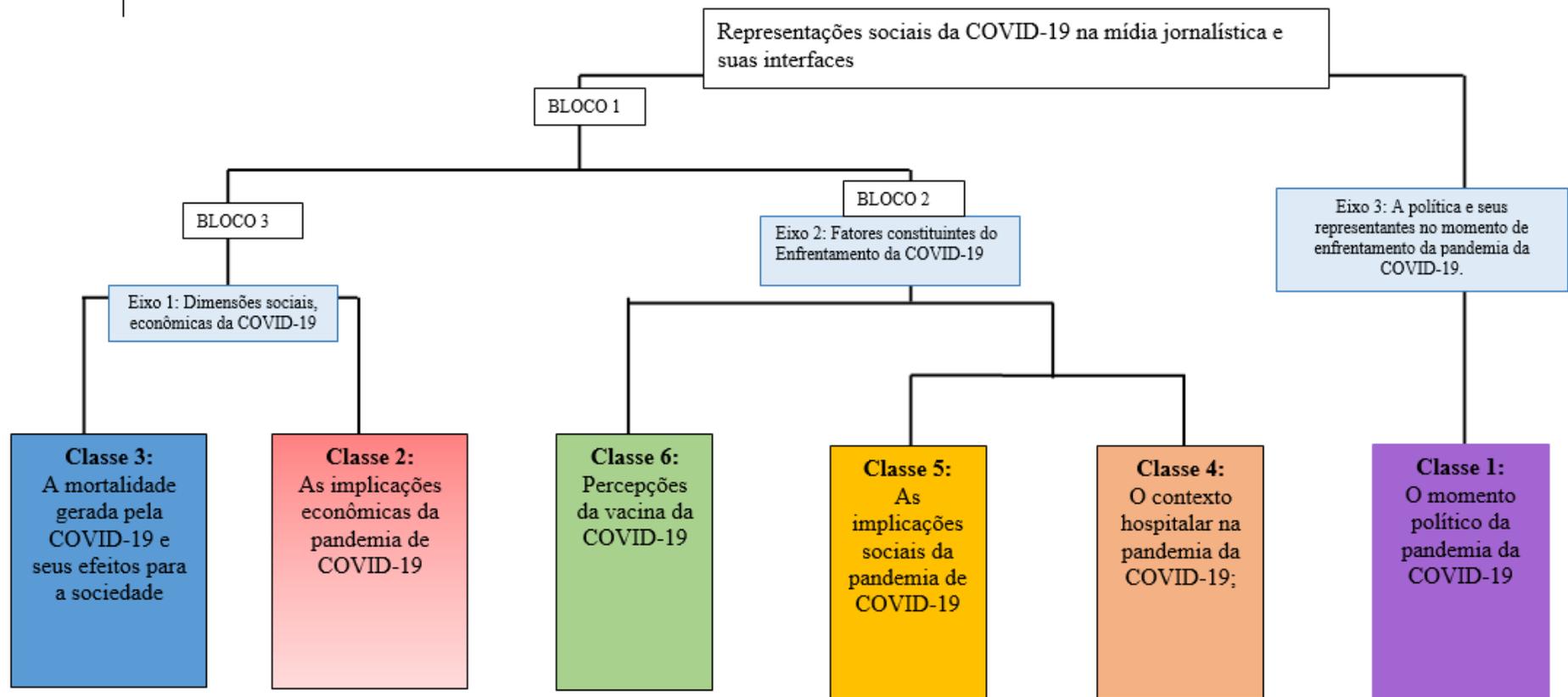
Para uma melhor compreensão dos conteúdos das classes, elas foram divididas por eixos de acordo com os blocos e nomeadas a partir das formas reduzidas e das UCEs representativas de cada classe. Dessa forma, a nomeação ficou assim definida: :

- a) Classe 1: o momento político da pandemia de COVID-19;
- b) Classe 2: as implicações econômicas da pandemia de COVID-19;
- c) Classe 3: a mortalidade gerada pela COVID-19 e seus efeitos para a sociedade;
- d) Classe 4: o contexto hospitalar na pandemia da COVID-19;
- e) Classe 5: as implicações sociais da pandemia de COVID-19

f) Classe 6: percepções da vacina da COVID-19

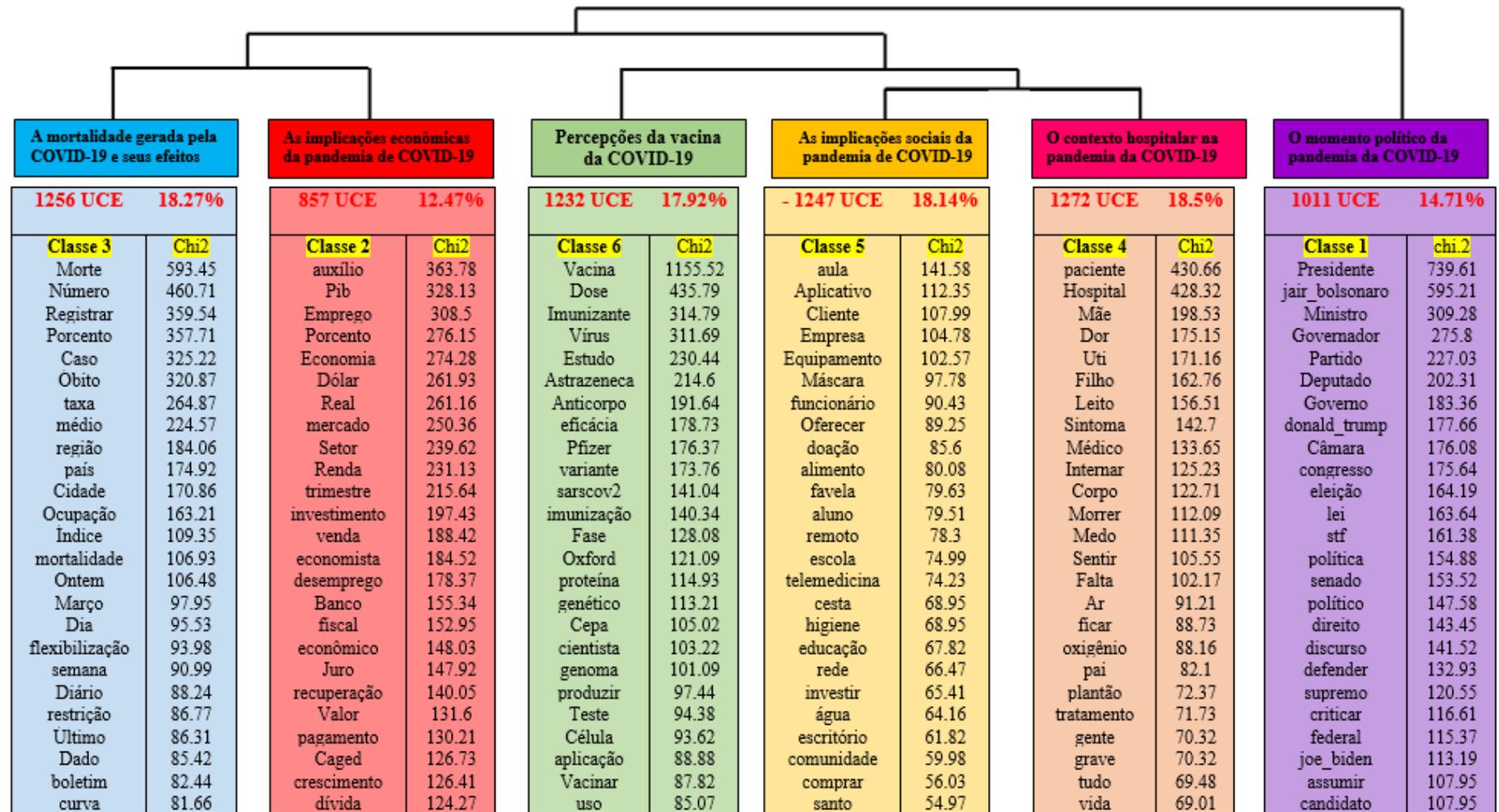
Essas análises podem ser visualizadas nas figuras 26 e 27 do dendrograma, bem como os conteúdos semânticos de cada classe.

Figura 26 – Dendrograma de Classificação Hierárquica Descendente da análise dos artigos do jornal O Globo, 2023



Fonte: A autora, 2023.

Figura 27 – Dendrograma de Classificação Hierárquica Descendente por conteúdos semânticos da análise lexical das matérias do jornal O Globo, 2023



Fonte: A autora, 2023.

A seguir serão descritas as classes, considerando os dados anteriores apresentados, bem como as variáveis, as palavras e as UCEs associadas a cada classe.

4.3.1 Classe 1: o momento político da pandemia da COVID-19

A classe 1 foi a que mais se distanciou das demais, sendo a primeira na divisão dos blocos. Observa-se que o conteúdo das palavras apontam para o cenário político observado durante a pandemia, por isso denominou-se como: O momento político da pandemia de COVID-19. A classe foi composta por 1011 UCE, representando 14,71% do total do corpus analisado. Por estar sozinha na primeira divisão, essa classe está no bloco temático “representantes políticos da pandemia”.

Na análise dos conteúdos representacionais as formas reduzidas com maior associação estatística são apresentadas no quadro 1. Percebe-se a presença das palavras “presidente” e “Jair Bolsonaro”, que apresentam maior valor de χ^2 , ressaltando sua presença nas notícias relacionadas à pandemia de COVID-19. É possível verificar, também, representantes dos poderes políticos tais como “ministro”, “governador”, “deputado”, “congresso” e “STF”, remetendo aos três poderes do Estado brasileiro: executivo, legislativo e judiciário. Os conteúdos consensuais desta classe podem ser observados no quadro 2.

Quadro 2 – Vocábulo com maior valor χ^2 associados à Classe 1, notícias do Jornal O Globo, 2023 (continua)

Palavras	f	%	χ^2
presidente	238	62.8	739.61
jair_bolsonaro	152	74.15	595.21
ministro	84	71.79	309.28
governador	65	79.27	275.8
partido	47	87.04	227.03
deputado	36	97.3	202.31
governo	167	36.3	183.36
donald_trump	47	73.44	177.66
câmara	35	89.74	176.08
congresso	38	84.44	175.64
eleição	35	85.37	164.19
lei	42	75.0	163.64
stf	29	96.67	161.38
política	57	59.38	154.88
senado	30	90.91	153.52

Quadro 2 – Vocábulos com maior valor χ^2 associados à Classe 1, notícias do Jornal O Globo, 2023 (conclusão)

político	70	51.09	147.58
direito	44	66.67	143.45
discurso	31	83.78	141.52
defender	51	57.95	132.93
supremo	22	95.65	120.55
criticar	30	75.0	116.61
federal	58	49.57	115.37
joe_biden	23	88.46	113.19
assumir	25	80.65	107.95
candidato	25	80.65	107.95

Fonte: A autora, 2023

No quadro 3 pode-se observar as variáveis associadas à classe 1. Encontrou-se como seções do jornal de maior representatividade “O País” (seção de notícias sobre política), com $\chi^2 = 536.39$, ou seja, mais uma indicação de que a classe está fazendo referência ao momento político vivido na COVID-19. As demais seções foram “Opinião” e “Editorial”. A variável relativa ao gênero jornalístico mostra que o opinativo foi o que apareceu com maior $\chi^2 = 215.04$.

Esse resultado corrobora com o encontrado na seção do jornal, visto que, na classificação de gêneros, conforme Marques de Mello (2006), “Editorial” e “Artigo” fazem parte do “Opinativo”, cujo objetivo é ser um fórum de ideias. Já no gênero, de acordo com Moscovici, encontrou-se “Propaganda e Propagação”, sendo a “Propaganda” o maior valor de χ^2 (219.12).

Quadro 3 – Variáveis associadas à classe 1, jornal O Globo, 2023

Variáveis	f	%	χ^2
Seção O País do jornal O Globo	214	55.15	536.39
Gênero de Moscovici - Propaganda	288	30.57	219.12
Gênero Jornalístico Opinativo	328	28.75	215.04
Seção Opinião do jornal O Globo	201	35.39	211.14
Gênero de Moscovici - Propagação	337	23.39	109.54
Posicionamento Neutro em relação ao conhecimento científico	772	17.92	95.06
Não é capa do jornal o Globo	887	16.43	59.4
Seção Editorial do jornal O Globo	63	26.58	27.6

Fonte: A autora, 2023

Já nas UCEs, notou-se que essa classe tem uma presença maior do 3º período da pandemia (1º semestre de 2021), com 54% (27 UCEs), momento no qual o país estava enfrentando uma piora no número de vítimas e havia uma pressão por uma solução, exigindo-se a responsabilização do governo, culminando na CPI da COVID-19.

Notou-se, a partir das palavras principais, a presença dos diversos representantes dos poderes do governo, conforme demonstram as UCEs associadas à classe.

**** *mat_0322 *jor_1 *per_3 *sec_4 *cap_2 *gjom_1 *gmoc_2 *pos_1 score: 2401.51

pacheco se descola de jair_bolsonaro em meio à piora da pandemia presidente do senado critica negacionismo e assume interlocução com governadores mas ajuda governo ao não criar a cpi da covid

**** *mat_0322 *jor_1 *per_3 *sec_4 *cap_2 *gjom_1 *gmoc_2 *pos_1 score: 2336.70

o posicionamento em **relação** à pandemia contrastou com a **postura** comedida do **presidente** da **câmara** arthur **lira** e cacifou **pacheco** para **assumir** a interlocução do **palácio** do **planalto** com os 27 **governadores** no **comitê criado** por **jair_bolsonaro**

**** *mat_0322 *jor_1 *per_3 *sec_4 *cap_2 *gjom_1 *gmoc_2 *pos_1 score: 2319.84

eleito presidente do senado com apoio de partidos governistas e de oposição o senador rodrigo pacheco circulava na esplanada dos ministérios como o político que conseguia ouvir tanto o presidente jair_bolsonaro quanto lidar com as legendas de esquerda

4.3.2 Classe 2: as implicações econômicas da pandemia de COVID-19

Esta classe foi gerada na quinta divisão pelo software. A classe foi composta por 857 UCE, representando 12,47% do total do corpus analisado. As palavras apontam para questão econômica expressa nas palavras “auxílio”, “PIB”, “emprego”, “economia”. Essa classe tem uma aproximação com a classe 3: a mortalidade gerada pela COVID-19 e seus efeitos para a sociedade. Isso é possível verificar porque elas se dividiram apenas na 4ª divisão, apontando uma homogeneidade que as ligavam inicialmente.

O quadro 4 mostra as palavras associadas à classe 2:

Quadro 4 – Vocábulos com maior x^2 associados à Classe 2, notícias do Jornal O Globo, 2023 (continua)

Palavras	f	%	X ²
auxílio	78	72.9	363.78
pib	50	94.34	328.13
emprego	68	71.58	308.5
porcento	217	32.73	276.15
economia	88	55.35	274.28
dólar	51	78.46 -	261.93
real	116	45.14	261.16
mercado	79	56.03	250.36

Quadro 4 – Vocábulos com maior x^2 associados à Classe 2, notícias do Jornal O Globo, 2023 (conclusão)

setor	77	55.4	239.62
renda	57	66.28	231.13
trimestre	39	82.98	215.64
investimento	52	63.41	197.43
venda	35	81.4	188.42
economista	40	72.73	184.52
desemprego	36	76.6	178.37
banco	40	64.52	155.34
fiscal	28	82.35	152.95
econômico	61	47.66	148.03
juro	21	100.0	147.92
recuperação	38	62.3	140.05
valor	43	55.13	131.6
pagamento	30	69.77	130.21
caged	18	100.0	126.73
crescimento	41	55.41	126.41
dívida	21	87.5	124.27

Fonte: A autora, 2023

As variáveis associadas à classe (quadro 4) foram: seção do jornal “Economia”, com um x^2 de 1389,82. O gênero, segundo Marques de Mello (2016), foi o interpretativo, visto que o jornal, ao abordar esse assunto, traz gráficos, planilhas, o que é uma característica desse gênero, cuja intenção é aprofundar o assunto, ampliar qualitativamente as informações (LOPEZ et al., 2009). Outra variável importante foi o período, correspondente ao 2º semestre de 2020, pois é nesse período que emergem as questões econômicas vivenciadas no início da pandemia no Brasil, com o fechamento das atividades não essenciais. A posição do jornal em relação ao conhecimento científico nessa classe foi marcada pela neutralidade.

Quadro 5 – Variáveis associadas à classe 2, jornal O Globo, 2023

Variáveis	f	%	X ²
Seção Economia do jornal O Globo	503	47.1	1389.82
Posicionamento Neutro em relação ao conhecimento científico	712	16.53	174.46
Período da pesquisa - 2º semestre 2020	329	17.18	54.07
Gênero jornalístico Interpretativo	246	17.39	39.52
Não é capa do jornal o Globo	719	13.31	16.64

Fonte: A autora, 2023

Reforçando a relação da classe 2 com a questão econômica, observam-se as UCEs mais significantes, ou seja, aquelas com os três maiores scores, destacando a presença marcante do auxílio emergencial. Nota-se na primeira UCE que o auxílio emergencial é descrito como um dos responsáveis pelo “forte aumento da dívida pública”.

**** *mat_0211 *jor_1 *per_2 *sec_6 *cap_2 *gjour_1 *gmoc_2 *pos_1 score:
2035.55

*a medida **permitiu** o **lançamento** de **programas** como o **auxílio emergencial crédito mais barato** para **empresas** além de **programas** de **manutenção** de **empregos** o **efeito** colateral foi um **forte aumento** da **dívida pública** que se aproxima de um **valor equivalente** a **quase 100 por cento** do **pib** do país*

**** *mat_0165 *jor_1 *per_2 *sec_6 *cap_2 *gjour_1 *gmoc_1 *pos_1 score:
1818.68

*há outros **fatores** porém, o **desemprego** elevado e a **queda** na **renda disponível** podem **dificultar** a **recuperação** da **economia** para **rafaela** do **inter** o **fim** do **auxílio emergencial** de **600 reais** pode **impactar** a **massa** de **salários** e a **confiança** dos **consumidores***

**** *mat_0264 *jor_1 *per_3 *sec_6 *cap_2 *gjour_1 *gmoc_1 *pos_1 score:
1802.01

*2 **por cento** em **novembro** na **massa** de **rendimento** do **trabalho** esperávamos que a **renda compensasse** a **redução** do **auxílio emergencial** **principalmente** para o **informal** mas não **houve** essa **recuperação** **vidal** prevê que o **desemprego** atinja o **pico** no **segundo trimestre** **beirando** os **16 por cento**.*

4.3.3 Classe 3: a mortalidade gerada pela COVID-19 e seus efeitos para a sociedade

Esta classe apresentou 1256 UCEs, o que significa 18,27% do corpus. A classe originou-se na 4ª divisão e aponta para as altas taxas de mortalidade gerada pela COVID-19 e para o impacto social delas derivado.

Essa classe aponta as altas taxas de mortalidade vivenciadas durante a pandemia, tendo como palavras com maiores valores de χ^2 : “morte”, “número” e “registrar”. Apesar desta classe fazer referência aos índices, nota-se, também, palavras que apontam influências na variação dos números de óbitos, tais como: “região”, “cidade”, “ocupação”, “restrição”, “curva”, “flexibilização”.

Quadro 6 – Vocábulos com maior X^2 associados à Classe 3, notícias do Jornal O Globo, 2023

Palavras	f	%	X^2
morte	266	62.44	593.45
número	212	61.99	460.71
registrar	129	72.47	359.54
porcento	300	45.25	357.71
caso	289	44.19	325.22
óbito	100	79.37	320.87
taxa	107	67.72	264.87
médio	100	64.1	224.57
região	94	59.49	184.06
país	251	36.86	174.92
cidade	141	46.69	170.86
ocupação	51	79.69	163.21
índice	43	69.35	109.35
mortalidade	31	83.78	106.93
ontem	99	44.59	106.48
março	79	47.59	97.95
dia	194	33.22	95.53
flexibilização	28	82.35	93.98
semana	127	37.91	90.99
diário	41	63.08	88.24
restrição	54	54.0	86.77
último	106	39.85	86.31
dado	86	43.22	85.42
boletim	21	91.3	82.44
curva	27	77.14	81.66

Fonte: A autora, 2023

Em relação às variáveis associadas à classe, destacam-se as seguintes seções do jornal: “Internacional” ($x^2=125,64$) e “Jornais de Bairro” ($x^2 =53,42$). Esse resultado demonstra a visibilidade que o jornal deu para a mortalidade fora do Brasil. Um fator importante para essa classe foi o que uma das variáveis apontou, indincando que as notícias foram capas do jornal, fato que denota uma atenção dada pelo veículo para o índice de mortalidade. O gênero jornalístico que aparece é o informativo e a classificação, segundo Moscovici, é a difusão. Em relação à posição sobre o conhecimento científico, isso foi favorável.

Quadro 7 – Variáveis associadas à classe 3, jornal O Globo, 2023 (continua)

Variáveis	F	%	X^2
Seção Internacional do jornal O Globo	244	33.42	125.64
Gênero de Moscovici - Difusão	947	21.08	68.67
Gênero jornalístico Informativo	860	21.55	68.52
Seção Jornal de Bairro do jornal O Globo	160	30.02	53.42

Quadro 7 – Variáveis associadas à classe 3, jornal O Globo, 2023 (conclusão)

É capa do jornal o Globo	364	24.68	51.66
Posicionamento favorável em relação ao conhecimento científico	555	22.53	46.74

Fonte: A autora, 2023

As UCEs demonstram o relevo dado ao número de mortes pelo jornal, bem como a ocupação de leitos e à taxa de isolamento social:

**** *mat_0223 *jor_1 *per_2 *sec_8 *cap_2 *gjor_1 *gmoc_1 *pos_1 score: 2672.74

na **capital** onde o **número de morte** chegou a 12.935 e o de **casos confirmados** a 130.949 com os 12 **óbitos** e 314 **infectados registrados ontem** os **leitos exclusivos** para **covid19** da rede municipal continuam com **alta ocupação**

**** *mat_0286 *jor_1 *per_3 *sec_9 *cap_2 *gjor_1 *gmoc_1 *pos_1 score: 2647.00

o **número de morte** também **caiu** no **período** analisado foram 9 contra 27 na **semana anterior hoje** a **cidade registra** uma **taxa de ocupação** de **leitos** clínicos de 18 **porcento** enquanto 29 **porcento** dos **leitos** de uti **exclusivos** para **covid19** estão **ocupados**

**** *mat_0179 *jor_1 *per_2 *sec_8 *cap_2 *gjor_1 *gmoc_1 *pos_2 score: 2584.15

a **média móvel** passa a ser de 92 **morte** e 1497 **casos** por **dia** um **aumento** de 20 **porcento** na **média** de **óbitos** na **comparação** com as 2 **semanas anteriores** o que **indica** um **crescimento** no **contágio já** que a **taxa** está **acima** de 15 **porcento**

**** *mat_0077 *jor_1 *per_1 *sec_9 *cap_1 *gjor_1 *gmoc_1 *pos_1 score: 2551.07

com engajamento de 72 **porcento** o **domingo** de 22 de **março** foi o único **dia** da **quarentena** a **registrar taxa** de **isolamento_social** superior a 70 **porcento** até 30 de **abril data** de **fechamento** desta edição **niterói** era o **quarto município** do **rio** com **mais casos** e **morte** por **covid19**

4.3.4 Classe 4: o contexto hospitalar da pandemia da COVID-19

Esta classe foi gerada a partir da 4ª divisão, apresentou 1272 UCEs que corresponde a 18,5% do corpus. As palavras com maior x^2 foram “paciente” e “hospital”, remetendo à internação hospitalar durante a COVID-19. Há, também, a presença da família, visto que há palavras como “mãe”, “filho” e “pai”, assim como dos “profissionais da saúde”. Outras palavras nesta classe foram aquelas ligadas aos sentimentos vivenciados durante a hospitalização, como “dor”, “medo” e “sentir”.

Quadro 8 – Vocábulo com maior χ^2 associados à Classe 4, notícias do Jornal O Globo, 2023

Palavras	f	%	X ²
paciente	207	61.24	430.66
hospital	188	64.6	428.32
mãe	59	83.1	198.53
dor	46	90.2	175.15
uti	79	63.71	171.16
filho	80	61.54	162.76
leito	104	52.53	156.51
sintoma	67	63.21	142.7
médico	126	44.68	133.65
internar	50	69.44	125.23
corpo	41	77.36	122.71
morrer	55	61.8	112.09
medo	50	64.94	111.35
sentir	35	77.78	105.55
falta	78	49.37	102.17
ar	38	67.86	91.21
ficar	127	38.02	88.73
oxigênio	27	81.82	88.16
pai	37	64.91	82.1
plantão	19	90.48	72.37
tratamento	48	52.75	71.73
gente	70	44.03	70.32
grave	70	44.03	70.32
tudo	52	50.0	69.48
vida	79	41.58	69.01

Fonte: A autora, 2023

Em relação às variáveis associadas à classe, têm-se as seções do jornal “Sociedade” e “Rio”; quanto aos gêneros jornalísticos observa-se os Interpretativo e Diversional. Como dito anteriormente, o Interpretativo é o gênero que oferece um certo aprofundamento nas matérias e o Diversional fundamenta-se na produção de matérias que têm a preocupação de informar e divertir num tempo só, conforme Melo e Assis (2016), o permite inferir que o jornal utiliza deste gênero como forma de tornar o assunto socialmente aceitável.

Quadro 9 – Variáveis associadas à classe 4, jornal O Globo, 2023

Variáveis	f	%	X ²
Gênero jornalístico Interpretativo	432	30.53	170.95
Seção Sociedade do jornal O Globo	643	26.13	147.83
Seção Rio do jornal O Globo	206	25.85	32.26
Gênero jornalístico Diversional	6	75.0	16.96

Fonte: A autora, 2023

Nas UCEs com os escores mais altos é possível observar as notícias em torno do tratamento hospitalar e o enfoque dado pelo jornal:

**** *mat_0296 *jor_1 *per_3 *sec_1 *cap_2 *gjom_2 *gmoc_3 *pos_2 score:
1436.71

o cenário é caótico hospitais entram em **colapso** doentes morrem nas filas **de** espera faltam oxigênio e **sedativos para intubar** pacientes. Corpos **se amontoam em corredores, a pandemia pode até** acabar mas as sequelas durarão anos.

**** *mat_0122 *jor_1 *per_1 *sec_8 *cap_2 *gjom_1 *gmoc_1 *pos_1 score:
1417.46

por alguns dias **o estado** chegou a **ter mais de 1000** pessoas à espera **de um** leito **de uti ou de** enfermaria **o aumento diário da** fila levou **o governo estadual a** transferir muitos pacientes **da capital para o** hospital **zilda arns em volta redonda**

**** *mat_0109 *jor_1 *per_1 *sec_9 *cap_1 *gjom_1 *gmoc_1 *pos_1 score:
1415.05

bom uso depende do **médico** áureo do carmo **filho médico intensivista** do **hospital** universitário gaffrée e guinle da unirio compartilha da opinião de saddy para ele o shangrila 510s é um **ventilador** sem durabilidade e confiabilidade para **tratar pacientes internados por covid19**

4.3.5 Classe 5: as implicações sociais da pandemia de COVID-19

Esta classe é formada por 1247 UCEs, o que representou 18,14% do corpus. Pode-se verificar as mudanças ocorridas durante a pandemia, tanto aquelas em relação ao comportamento para autoproteção, representadas pelas palavras “equipamento”, “máscara”, “higiene” e “água”, quanto às estruturais, aquelas ligadas à substituição das atividades presenciais por atividades à distância. Estas mudanças ocorreram no contexto de ensino e de trabalho, sendo evidenciadas pelas palavras “aula”, “remoto” e “aplicativo”, sendo elas com os maiores valores de x^2 .

Notou-se, também, palavras relacionadas à subsistência, evidenciadas por “alimentos”, “cestas”, “doações”, assim como a presença de palavras relacionadas às condições de vulnerabilidade como “favela” e “comunidade”.

Quadro 10 – Vocábulos com maior x^2 associados à Classe 5, notícias do Jornal O Globo, 2023 (continua)

Palavras	f	%	X^2
aula	57	67.86	141.58
aplicativo	32	84.21	112.35
cliente	33	80.49	107.99
empresa	99	44.0	104.78
equipamento	46	63.89	102.57
máscara	76	48.1	97.78
funcionário	42	62.69	90.43

Quadro 10 – Vocábulos com maior χ^2 associados à Classe 5, notícias do Jornal O Globo, 2023 (conclusão)

oferecer	41	63.08	89.25
doação	32	71.11	85.6
alimento	29	72.5	80.08
favela	37	62.71	79.63
aluno	32	68.09	79.51
remoto	26	76.47	78.3
escola	58	48.33	74.99
telemedicina	19	90.48	74.23
cesta	21	80.77	68.95
higiene	21	80.77	68.95
educação	38	56.72	67.82
rede	76	40.86	66.47
investir	29	64.44	65.41
água	25	69.44	64.16
escritório	22	73.33	61.82
comunidade	51	46.36	59.98
comprar	36	52.94	56.03
santo	34	53.97	54.97

Fonte: A autora, 2023

Observa-se que, nas variáveis, as seções do jornal que mais apareceram foram “Rio” e “Economia” e os semestres relacionados são o 1º e 2º semestres de 2020, justamente o início da pandemia no Brasil. Esse período da pandemia tem relação com a economia, por isso a presença dessa seção do jornal aparece nas variáveis dessa classe. O gênero jornalístico que apresentou o maior valor de χ^2 foi o utilitário que é aquele que tem como objetivo auxiliar nas tomadas de decisões cotidianas. Já o gênero, de acordo com Moscovici, foi a difusão, e com posição neutra em relação ao conhecimento científico, deduzindo-se que o jornal, nesse quesito, coloca-se apenas como um mediador em relação ao público.

Quadro 11 – Variáveis associadas à classe 5, jornal O Globo, 2023

Variáveis	f	%	χ^2
Gênero jornalístico Utilitário	138	43.12	141.12
Gênero de Moscovici – Difusão	934	20.79	61.49
Seção Rio do jornal O Globo	219	27.48	52.96
Posicionamento neutro em relação ao conhecimento científico	882	20.47	42.38
Período da pesquisa - 2º semestre 2020	436	22.77	38.31
Período da pesquisa - 1º semestre 2020	466	21.93	29.77
Seção Economia do jornal O Globo	242	22.66	17.41

Fonte: A autora, 2023.

As três UCEs com maior associação à classe reforçam as questões apontadas pelas palavras, a primeira sobre o desafio em adequar as escolas para o novo modo de ensino, a segunda sobre as mudanças tecnológicas exigidas nas rotinas cotidianas e a terceira sobre

doações e cestas básicas como forma de enfrentamento das consequências sociais e econômicas da COVID-19:

**** *mat_0142 *jor_1 *per_2 *sec_3 *cap_1 *gjour_1 *gmoc_1 *pos_1 score:
740.26

Com a **infraestrutura parada** no século 19 muitas **escolas também** se viram despreparadas para os **desafios** tecnológicos do século 21 com as **unidades fechadas** pela pandemia da covid19 **alunos** da **rede pública precisaram** de **equipamentos e internet** para **seguirem** as **aulas de forma remota**

**** *mat_0275 *jor_1 *per_3 *sec_6 *cap_2 *gjour_1 *gmoc_1 *pos_1 score:
674.77

a **empresa lançou mão** da **telemedicina** para **criar** um **atendimento médico** 24 horas para **funcionários** por **meio** do **aplicativo einstein conecta** gerido pelo hospital israelita alber **einstein** de são_paulo os **serviços ganharam nomes como orienteme e sem surto.**

**** *mat_0133 *jor_1 *per_2 *sec_8 *cap_2 *gjour_1 *gmoc_1 *pos_1 score:
664.77

onda solidária **une** empresas e cariocas grande **volume de** doações **permite criação de vagas em hospitais reativação de leitos e** compra **de** equipamentos **para o combate à covid19** além **de** distribuição **de** cestas básicas e itens **de** higiene **em dezenas de** comunidades **do rio**

4.3.6 Classe 6: percepções da vacina da COVID-19

Esta classe apresentou 1232 UCEs representando 17,92% do corpus, sendo gerada na 3ª divisão, que se distanciou da classe 4: o contexto hospitalar na pandemia da COVID-19, e da classe 5: as implicações sociais da pandemia de COVID-19.

Verifica-se que todas as palavras fazem menção ao processo da vacinação, o que pode ser observado nas formas “vacina”, “dose”, “imunizante”, como também na menção das marcas de vacinas que foram surgindo: AstraZeneca, Pfizer, SputnikV, Sinovac. Não há referência ao contexto das políticas públicas de vacinação, com palavras relacionadas à saúde pública, como SUS ou PNI.

Quadro 12 – Vocábulo com maior x^2 associados à Classe 6, notícias do Jornal O Globo, 2023 (continua)

Palavras	f	%	x^2
vacina	468	63.16	1155.52
dose	183	64.44	435.79
imunizante	91	81.98	314.79
vírus	167	56.42	311.69
estudo	107	61.49	230.44
astrazeneca	53	91.38	214.6

Quadro 12 – Vocábulos com maior χ^2 associados à Classe 6, notícias do Jornal O Globo, 2023 (conclusão)

anticorpo	48	90.57	191.64
eficácia	44	91.67	178.73
pfizer	41	95.35	176.37
variante	62	72.09	173.76
sarscov2	38	86.36	141.04
imunização	61	64.21	140.34
fase	55	64.71	128.08
oxford	29	93.55	121.09
proteína	25	100.0	114.93
genético	26	96.3	113.21
cepa	38	71.7	105.02
cientista	47	62.67	103.22
genoma	22	100.0	101.09
produzir	48	60.0	97.44
teste	85	44.5	94.38
célula	23	92.0	93.62
aplicação	34	69.39	88.88
vacinar	50	55.56	87.82
uso	71	46.1	85.07

Fonte: A autora, 2023

As variáveis que aparecem nessa classe são o 1º semestre de 2021, cujo período é o momento de início da vacinação no Brasil. A posição do jornal em relação ao conhecimento científico é favorável, tendo o maior χ^2 da variável nessa classe a seção “Sociedade” e o gênero jornalístico é o utilitário.

Quadro 13 – Variáveis associadas à classe 6, jornal O Globo, 2023

Variáveis	f	%	X ²
Posicionamento favorável em relação ao conhecimento científico	692	28.1	270.19
Seção Sociedade do jornal O Globo	668	27.14	221.7
Período da pesquisa - 1º semestre 2021	690	24.34	135.13
Gênero jornalístico Utilitário	86	26.88	18.3

Fonte: A autora, 2023

Ao observar as UCEs, é perceptível identificar a abordagem do jornal sempre evidenciando os tipos de vacinas adotadas em diferentes países, no Brasil, seus fabricantes e a ausência das políticas públicas:

**** *mat_0416 *jor_1 *per_3 *sec_3 *cap_2 *gior_1 *gmoc_1 *pos_1score:
2532.49

outro estudo do governo argentino não revisado por cientistas indica que após uso

de 2 8 milhões de doses da vacina russa não foi identificada qualquer morte relacionada ao imunizante e a maioria dos efeitos adversos foi leve.

**** *mat_0392 *jor_1 *per_3 *sec_3 *cap_2 *gjor_1 *gmoc_1 *pos_2 score: 2497.57

no brasil onde 3 imunizante estão em uso neste momento coronavac astrazeneca e pfizer têm se multiplicado os casos de pessoas que por erro tomam a primeira dose de uma vacina e a segunda de outra

**** *mat_0405 *jor_1 *per_3 *sec_8 *cap_2 *gjor_1 *gmoc_1 *pos_2 score: 2483.05

já os imunizante da oxford astrazeneca e da pfizer estão sendo aplicados no país com um intervalo de 3 meses entre as doses para guinar azevedo professora de epidemiologia da uerj e presidente da abrasco tudo o que puder ser feito para acelerar a vacina é bem-vindo.

Os resultados da análise dos conteúdos lexicais apontam seis cenários, expressos pelas classes, nos quais o objeto estudado, relacionado à COVID-19, está inserido de diferentes formas. Observando os eixos de divisão do corpus de análise, podem ser apontados três contextos importantes que sintetizam os resultados de análise das matérias do jornal “O Globo” e os seus posicionamentos, que são estes: as dimensões sociais e econômicas da COVID-19, os fatores constituintes do enfrentamento da COVID-19 e a política e seus representantes na pandemia de COVID-19.

5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A partir do observado no dendrograma de divisão das classes, a discussão dos resultados deste estudo foi focada em três contextos que permeiam as matérias do jornal “O Globo” e os seus posicionamentos. Esses contextos se expressam nas seis classes geradas pela análise lexical, nas quais o objeto COVID-19 está inserido com diferentes nuances, que podem ser sintetizadas em: a) as dimensões sociais e econômicas da COVID-19; b) os fatores constituintes do enfrentamento da COVID-19; e c) a política e seus representantes na pandemia de COVID-19. Esses contextos também foram observados nos resultados de caracterização das matérias e da análise da linha do tempo.

5.1 As dimensões sociais e econômicas da COVID-19

A pandemia de COVID-19 aprofundou a degradação das condições de vida, trabalho e saúde da classe trabalhadora. Constata-se o aumento da exploração do trabalho com o fenômeno da uberização, da terceirização, da informalidade e o aumento do desemprego. Essa precarização alcançou as políticas públicas, repercutindo nas medidas de enfrentamento da COVID-19, considerando-se que a falta de proteção do trabalho associada à necessidade de subsistência exalta os níveis de contaminação pelo Coronavírus (SOUZA, 2021).

As medidas de proteção da COVID-19 exigiam uma certa estabilidade econômica e de políticas públicas de proteção, a fim de que houvesse uma estabilidade para desenvolver o isolamento social ou a quarentena e, com isso, ter a entrada do usuário na rede de serviços do SUS em seus diferentes níveis de complexidade, de acordo com o nível de manifestação da doença.

Entretanto, o que se pode observar é que a pandemia se alastrou no mundo em um contexto de desigualdades herdadas do modo de produção capitalista. Isso ficou evidente pelos números de incidência e mortalidade por COVID-19, demonstrando a dimensão da crise sanitária instalada (SOUZA, 2021).

No Brasil havia uma devastação dos direitos, delineada por uma política de austeridade fiscal que estabeleceu o congelamento dos gastos públicos com despesas primárias, principalmente com as políticas sociais. Isso foi se intensificado com a eleição do

presidente Bolsonaro em 2018, devido a sua identificação com o modelo econômico neoliberal e a sua aproximação das pautas relativas às contrarreformas, à privatização e ao privilegiamento do capital financeiro (SOUZA, 2021).

Essa conjuntura econômica foi parte do contexto social presente na pandemia da COVID-19, expressando como o social deu suporte à construção da representação da COVID-19 porque, em algum momento na busca de familiaridade, de ancorar, de classificar a doença, é no social que irão tentar encontrar respostas. Conforme Apostolidis et al. (2020, p. 35), observa-se o seguinte:

Pode-se, portanto, perguntar que tipo de representações sociais são produzidas durante a crise COVID-19. Um objeto novo, de nome estranho, de natureza pandêmica, investido de uma comunicação de massa por vezes contraditória, com novas regras sociais, tem um efeito devastador e mortal efeito. Se um dos propósitos das representações sociais é nos familiarizar com o estranho, há razão para se questionar sobre o covid-19, especialmente porque estamos lidando com o extraordinário estranho. Uma necessidade imperial de objetivá-lo, ou seja, de trazer o social para dentro da representação, de comunicar, compreender e agir. Necessidade vital também de ancorá-lo, de trazer sua representação para dentro do social, nomeá-lo, classificá-lo, fazê-lo significar. Assim, o surgimento da sociedade de comunicações de semelhanças recentes (influenza, H1N1, SARS, gripe aviária) e antigas (gripe espanhola, peste, peste de Marselha, cólera) exemplos históricos forneceram um rico e sem precedentes terreno para a ancoragem.

A saúde e a doença devem ser consideradas como objetos antropológicos, os quais se fundamentam no indivíduo e no coletivo porque são nesses níveis que os objetos são pensados e apropriados em relação aos outros, no centro dos processos de inscrição e de participação sociais (APOSTOLIDIS et al., 2020). O contexto social desta representação abarca o contexto econômico, destacando-se que a seção de “Economia” do jornal analisado foi a segunda com o maior percentual de notícias (UCEs). As questões econômicas e de mortalidade, apesar de aparecerem em classes diferentes, estabelecem uma relação entre si. Essa relação é observada em palavras como “relaxamento”, “curva”, “flexibilização”, “reabertura”, e “isolamento social” aparecendo na classe relativa à mortalidade, enquanto palavras como “auxílio”, “emprego”, “PIB” e “mercado” apareceram na classe relativa à economia. Ambas as questões, durante a pandemia, estabeleceram uma relação de retropotencialização porque, se o número de casos e mortes por COVID-19 cresciam, isso exigia a implementação de estratégias de isolamento e de fechamento do comércio, resultando em desemprego e queda do PIB, prejudicando o mercado.

Para a abordagem da mortalidade, o jornal divulgava todos os dias as taxas de infectados, óbitos e leitos. Entretanto, conforme Regô (2020), apesar da objetividade jornalística relacionada à quantificação, as estatísticas não se reduzem à interpretação. O leitor irá interpretar esses dados não apenas estatisticamente, mas também atribuindo a eles valor e sentido, porque a morte já é repleta de significados para além da pandemia.

Observa-se nas UCEs, conforme descrita nos resultados, que a mídia instituiu uma relação do quantitativo de mortes e o número de leitos com o crescimento do contágio, o que pode ser observado no destaque dado a “pico”, “curva”, “isolamento social”, “reabertura”, “ocupação”.

Ou seja, apresentou-se a relação entre o número de mortes e leitos relacionada às medidas protetivas, em uma estratégia de reforço do medo. Conforme Pereira et al. (2020), “quanto maior o espectro do ‘medo da morte’, mais alto é o apoio à política de isolamento social”. Associado à necessidade de isolamento das pessoas, surgiram os impactos econômicos inevitáveis. As questões econômicas eram usadas como justificativa do governo para reforço de um discurso anti-quarentena, inclusive sugerindo que um número aceitável de vidas poderia ser perdido, desde que a economia não sofresse o impacto inevitável diante da estagnação da economia, conforme apontado pelo jornal analisado. No entanto, esse sacrifício seria realizado pelos mais vulneráveis, conforme afirmado pelo ex-presidente da República no seu discurso: “‘povo sofrido que precisa comprar o pão de cada dia’ (Presidência da República, 2020), falando sobre a retomada do comércio, pois os pobres precisam trabalhar e não seguir o lema ‘fique em casa’”(SILVA; SILVEIRA, 2020, p. 17).

A pandemia trouxe à tona, no Brasil, a profundidade da desigualdade social que abarca milhões de brasileiros, evidenciando uma sociedade na qual prevalecem os interesses de uma pequena classe social, possuidora de poder, em detrimento de uma parcela majoritária pobre, reféns de um sistema social excludente. A pandemia expôs a situação de extrema pobreza de uma parcela de brasileiros afetados pelo caos econômico provocado pela COVID-19. Como forma de enfrentar e minimizar este cenário, surgiu o auxílio emergencial, benefício financeiro concedido pelo governo federal como forma de amparar trabalhadores informais, microempreendedores individuais (MEI), autônomos e desempregados durante o período de pandemia (ANDRADE et al., 2022).

Esse auxílio foi importante para tirar uma parcela de brasileiros da miséria absoluta. Observa-se nos resultados desse estudo que ele apareceu como primeira palavra da classe 2, entretanto ele foi retratado de uma forma particular pelo jornal analisado, qual seja como peso aos cofres públicos, como expressão de uma visão capitalista dessa estratégia. O auxílio emergencial foi retratado como responsável por aumentar as contas públicas e o seu déficit, e não como um recurso de amparo a milhões de brasileiros que ficaram sem renda e sem possibilidade de subsistência. Algumas expressões usadas pelo jornal analisado caracterizaram o auxílio como responsável pelo forte aumento da dívida pública, pelo peso fiscal expressivo que representava e ainda pelo seu impacto sobre as contas públicas.

É necessário ressaltar essa visão do jornal analisado de culpabilização do auxílio emergencial pelo seu longo alcance, propiciando assim, que tal discurso fosse partilhado entre várias pessoas. Esse tipo de discurso, criticando de forma direta essa estratégia de atenuação da crise, parece ter tido a intenção de culpabilizar as pessoas que recebiam a ajuda pelo colapso iminente do país. Para Andrade et al. (2020, p. 27), a imprensa veicula um discurso que “tendência para aquilo que ideologicamente defende, beneficiando um determinado grupo em detrimento de outro, apagando e/ou silenciando vozes”.

Em contrapartida, a mesma mídia defendeu que o governo precisava auxiliar os empresários para a manutenção dos empregos e não para o agravamento da crise já instaurada. Essa abordagem não trazia consigo o peso dessa ajuda para os cofres públicos, mas, sim, sugeria a sua perspectiva pela ótica empresarial a dar fôlego para os setores mais afetados pela pandemia através da concessão de incentivos fiscais, do financiamento de dívidas e da redução temporária de tarifas.

Percebe-se, com isso, que o jornal analisado apresentou um discurso de culpabilização dos programas do governo de auxílio aos mais vulneráveis, apontando-os como sendo a causa do déficit nas contas públicas. A questão que se analisa aqui não são as implicações financeiras dessa estratégia, mas, sim, o quanto esse discurso, ao ser propagado em larga escala e ao ser proferido na cotidianidade da sociedade, contribui para perpetuar a desigualdade social, ao estimular um pensamento que mostra a oposição entre ajudar os mais vulneráveis e suprir os prejuízos aos cofres e às empresas como investimento. Observa-se nesse posicionamento o que também mencionam Cardoso e Xavier (2021, p. 66): “as mídias vão reproduzir, ajudar a difundir ou mesmo pôr em xeque as representações sociais existentes na sociedade”, e o que se nota em relação a esse aspecto é a difusão de um discurso capitalista, o qual aponta os mais pobres como causadores da crise econômica do país.

5.2 Os fatores constituintes do enfrentamento da COVID-19

Esse contexto trata das medidas que auxiliaram no enfrentamento e nas consequências da COVID-19. A vacina, conforme pontuado na linha do tempo, só foi disponibilizada a partir de janeiro de 2021, assim era preciso lidar com as mudanças da rotina para mitigar a taxa de contaminação com as medidas de higiene, isolamento social, restrições ao convívio. Essas formas de enfrentamento geraram como consequências o aumento do uso da tecnologia para

evitar-se o contato, portanto os serviços não essenciais foram substituídos pelo remoto. Essas mudanças impulsionaram a crise econômica, como mencionada acima, gerando desemprego e potencializando a desigualdade social, afetando os meios de subsistência. As medidas também visavam evitar a necessidade de internação, todavia algumas pessoas foram acometidas pela forma grave da doença, sendo necessária a internação hospitalar, exigindo lidar com o processo da morte, e é sobre isso que esse contexto trata.

No que concerne à vacinação, observa-se que a mídia não tem um olhar voltado para à prevenção, mas, sim, veicula um olhar biomédico e comercial. Notam-se que todas as primeiras palavras presentes na classe são relacionadas à vacina e aos tipos de imunizantes, verificando-se os mesmos resultados ao comparar-se com as UCES.

Percebe-se que o jornal analisado deu maior visibilidade ao processo de produção da vacina, da fabricação, das variantes do vírus, dos efeitos colaterais e dos tipos de imunizantes, sem apresentar um viés coletivo, apresentado pela saúde pública, do olhar preventivo e de incentivo à coletividade.

Refletindo sobre isso, entende-se o comportamento da população durante o processo de imunização contra a COVID-19, no qual alguns grupos articularam-se para escolher o tipo de imunizante que receberia, mesmo sem nunca ter se preocupado com o tipo de fabricante das vacinas. Conforme a reportagem de Grinberg (2021), existia um “sommelier” de vacina, composto por grupos de pessoas que se juntavam nas redes sociais para mapear quais eram as vacinas aplicadas em cada posto. O formato de difundir uma ideologia no sistema de comunicação caracterizado pela difusão, sistema esse encontrado como variável associada a essa classe, é velado, uma vez que só com um estudo minucioso é possível captar as ideologias propagadas de forma sutil.

Por isso, é importante estudar a representação social dos objetos porque segundo Couto et al. (2021, p. 4) a hesitação “compreende um amplo espectro de posturas, desde o receio até a total recusa, possuindo diversas gradações. Trata-se de um fenômeno social complexo, à medida que diz respeito a um ideal coletivo”, e alguns comportamentos são reflexos das cognições construídas quando se compartilham informações no coletivo. Considera-se que, se a mídia estava difundindo diferentes fabricantes e marcas de vacinas, pode-se deduzir que ela produziu um sentido.

Nesse sentido, Lopes afirma que:

A mídia influencia costumes, dita pautas de diálogos entre cidadãos e está presente na retórica dos atores sociais: na contemporaneidade, a mídia assumiu um papel fundamental nos processos de produção de sentidos, introduzindo transformações significativas nas práticas discursivas cotidianas (LOPES, 2022, p. 194).

Outro sentido associado à vacina é aquele que se refere à mortalidade. Percebe-se o destaque sobre a contribuição da vacina para a diminuição do número de mortes, uma vez que essa é a maior contribuição das vacinas iniciais. No que se refere ao posicionamento frente ao conhecimento científico, o jornal é favorável, afinal, a vacina era a única esperança de enfrentamento da COVID-19, entretanto falar de vacina não implica somente defender o imunizante em si.

A perspectiva da vacinação como defesa da saúde coletiva, através do PNI, não foi observada no jornal analisado. Essa perspectiva fundamental da vacinação como um programa de inclusão social, na medida em que assiste todos os brasileiros, garante aumento na expectativa de vida, com a consciência de que é preciso lutar sem descanso para reduzir as desigualdades sociais de um país de dimensão continental (BRASIL, 2003).

Todavia, ao abordar a vacina sob o olhar do modelo biomédico, aquele cujo foco é na doença, no comportamento cartesiano e mecanicista (BARROS, 2002), facilita compreender por que é tão difícil inserir na sociedade o viés da saúde coletiva quando se trata da imunização. Os resultados encontrados apontam que a mídia propagou a imunização como um medicamento que tem efeitos colaterais e diminui o número de mortes.

O impactante nesses resultados é a ausência de palavras associadas à saúde pública, visto que a imunização é um dos pilares do SUS, sendo o PNI um dos maiores do mundo, ofertando 45 diferentes imunobiológicos para toda a população (BRASIL, 2023). Isso indica que o jornal “O Globo” não teve a intenção de defender a saúde pública ou o SUS na campanha de vacinação contra a COVID-19, evidenciada pelo silenciamento no texto.

A esse respeito, Alvez afirma que:

A compreensão do lugar da imprensa na composição de cenas discursivas (e suas intrigas) é de real importância para a compreensão de como discursos sobre saúde pública são potencializados ou atenuados, vocalizados ou silenciados, envolvidos em disputas pelo poder de nomeação e de arquivo (ALVES, et al., 2021, p.21).

Partindo desse pressuposto, esse silêncio fundamenta-se pelo lugar de fala no qual o jornal está inserido, representado pela sua visão ideológica neoliberal. Conforme Azevedo (2006, p. 103), os jornais, dentre eles “O Globo”, poderiam “ser definidos como órgãos conservadores, ideologicamente liberais, tanto do ponto de vista do ideário econômico, quanto das crenças políticas”.

É preciso destacar que, anteriormente à pandemia, o Brasil vinha passando por um momento de sucateamento do SUS, que é um sistema forjado por lutas desde os anos 1970 pelos mais diversos atores, pelo envolvimento em movimentos sociais que demarcaram no

Brasil o pensamento crítico em saúde, que se formou em conjunto com as ideias da medicina preventiva e a saúde pública (GOLVEIA; PALMA, 1999).

Entretanto, com o crescente neoliberalismo que, segundo Nunes (2020, p.2), é o modelo cujo foco se mantém “na primazia do mercado, na competição, na intervenção estatal mínima e na eficiência do setor privado”, o estado de bem-estar social vinha sendo atacado e com a crise financeira de 2008, segundo o autor, “muitos governos responderam com políticas de austeridade que deram um novo impulso ao projeto neoliberal de deslegitimação da saúde como bem comum”.

Santos (2020, p.2) afirma que a pandemia:

Reposiciona a saúde pública como elemento central da narrativa que desestabiliza o *ethos* neoliberal, que, até aqui, deu direção à conjuntura sem nenhum contraponto político consistente. Se estamos certos, a desestabilização política a que nos referimos, organizada em torno do apelo elementar à vida, tem como efeito imediato e mais visível uma inédita legitimação pública do SUS.

No que concerne ao modo como o jornal retratou a cotidianidade do cidadão comum nas diversas mudanças da pandemia, o contexto hospitalar é destacado, bem como as implicações sociais da pandemia são evidenciadas.

No que se refere ao contexto hospitalar na pandemia de COVID-19 observou-se que, no primeiro momento da pandemia, quando ainda não havia conhecimento científico sobre o vírus e um número elevado de mortes, o único tratamento dos casos graves era a internação hospitalar. Nesse contexto, o paciente era mantido no oxigênio, isso porque os sintomas mais graves estavam relacionados à falta de oxigenação (BRASIL, 2023). Esse sintoma foi muito explorado pela mídia jornalística, pelo seu agravamento gerar expectativa de morte.

Grissotti et al. (2022, p. 311) traz um conceito de Durkheim, o qual aponta a morte como “fato social por excelência, a morte se impõe a todos nós, com uma força da qual não podemos escapar”, e também a concepção de Mauss, retratando a eficácia simbólica da morte, com destaque para a “morte provocada pela pressão social, que fazia com que os indivíduos fossem levados a acreditar que iriam morrer. Ou seja, a influência do social sobre o corpo físico passa pela mediação do psicológico”.

As altas taxas de mortalidade no Brasil fizeram com que os cidadãos focalizassem na morte, ou seja, no medo associado à possibilidade de morrer. Segundo Meneghel et al. (2022), o medo se referia à própria morte ou a de familiares, amigos e conhecidos, a morrer no domicílio sem assistência médica e a não poder participar dos ritos fúnebres. Além do medo da própria morte, ainda havia o medo de não haver atendimento médico disponível, a possibilidade de não ser atendido e isso variava conforme a classe social, visto que as pessoas

mais pobres tinham menos acessos aos serviços de saúde, bem como menor possibilidade de realizar o confinamento (MORAES, 2020).

Moraes (2020) destaca que informações imprecisas, conflitantes ou ocultadas pelo governo foram geradoras de pânico na população frente à pandemia, ocasionando descrédito nos órgãos governamentais. Foi possível identificar essa postura, principalmente representada pelo ex-presidente do Brasil em seu mandato de 2019 a 2022, tanto na análise lexical quanto na linha do tempo, na qual o jornal “O Globo” descreve comportamentos de algumas lideranças no cenário nacional e internacional.

O desencontro de informações propiciou a busca de informações nas mídias, sendo o jornal uma delas. No jornal analisado, o que se viu foi uma potencialização do medo ao veicular as notícias de forma aterrorizante, destacando o cenário caótico, colapso hospitalar, doentes morrendo em filas de espera, a falta de oxigênio, a espera de leitos de UTI ou de enfermaria. Essas notícias alarmantes, repetidas cotidianamente, certamente impactaram coletivamente.

Lidar com a morte ou com o medo de morrer, não afetou somente o cidadão comum, mas também os profissionais de saúde. O profissional de saúde sentiu a morte muito de perto, ora assumia o papel de apoio para quem estava no processo de adoecimento, isto é, o paciente e o familiar, ora era aquele que se contaminava, pensando, assim, na própria morte. Então todos os envolvidos, paciente, família e profissionais de saúde compartilharam dos mesmos sentimentos.

Falar sobre a morte é relembrar o familiar e o não familiar, conforme Moscovici (2015), pois a morte é familiar, mas o morrer não é familiar por ser o processo em si desconhecido no modelo biomédico, não palpável e não concreto, por isso muitas vezes é vivido por meio da fé e da espiritualidade.

Moscovici afirma que:

Tais coisas, que nos parecem estranhas e perturbadoras, têm também algo a nos ensinar sobre a maneira como as pessoas pensam e o que as pessoas pensam. Tomemos, por exemplo, essa estranha e desconhecida doença, Aids. As conversações e a mídia foram rápidas em se apoderar dela e, imediatamente, a catalogaram como a doença vingadora de uma sociedade permissiva. A imprensa a representou como uma condenação de “comportamentos degenerados”, a punição de uma “sexualidade irresponsável” (MOSCOVICI, 2015, p.168).

Durante a pandemia se alterou ainda mais esse processo que associa o corpo aos ritos, uma vez que, muitas vezes, o paciente morria isolado dos entes queridos, o familiar era informado por telefone da morte e o corpo era embalado em um saco preto, sem direito de os parentes poder velá-lo. Os protocolos diferenciados de segurança para óbitos objetificou o

processo de morrer, acentuando o afastamento, tornando-o frio, sem pensar no sentimento envolvido, apenas no protocolo rígido, cujas restrições impostas fizeram o fim da vida ainda mais doloroso (GRISSOTTI et al., 2022).

As implicações sociais da pandemia de COVID-19 denotam as diversas mudanças na cotidianidade. Segundo Moraes (2020) algumas são fatores que resultaram da própria pandemia enquanto outras foram associadas às políticas de enfrentamento.

Segundo Dias (2021, p. 566), a partir de março de 2020, havia um novo mundo:

Novo mundo, novo normal, novas vacinas, teletrabalho, ensino remoto, novas formas de nos relacionarmos, com distanciamento, máscaras, tudo isso foram adaptações que tivemos de fazer para manter o desempenho e os resultados que são esperados de nós, seja no campo familiar, no profissional, no educacional ou na vida em sociedade. Nessa nossa nova realidade, as famílias estão em casa – trabalhando e estudando –, tentando permanecer sãs física e mentalmente.

Essas mudanças foram sentidas de formas diferenciadas, pois o objeto COVID-19 estava inserido em contextos sociais diversos. O uso da tecnologia para solucionar a impossibilidade do aluno de estar na escola foi vivenciado de forma desigual, por isso não é possível que grupos tão diferentes tenham simbolizado da mesma forma a doença.

A desigualdade social já existia antes da pandemia, mas ela exacerbou e a tornou evidente. O desemprego, a fome, bem como as dificuldades de acesso a máscaras, ao álcool gel e até à água atingiram fortemente comunidades vulnerabilizadas, bem como as diferentes regiões do Brasil, sendo a região Norte aquela mais atingida, por ter maior percentual de municípios nas piores situações de desigualdade (FIOCRUZ, 2022). Pergunta-se, nesse contexto de desigualdade de acesso e oportunidades, se seria possível acreditar que as medidas de isolamento ou o ensino remoto seriam viáveis para toda a população brasileira, num país com grande território, diferentes culturas e vulnerabilidades, principalmente marcado por uma política de exclusão social.

A esse respeito, Nunes afirma que:

A história da COVID-19 é feita de ações e omissões, ao longo das últimas décadas, que reduziram a capacidade dos sistemas de saúde de vigiar, conter e mitigar epidemias. Faz-se de escolhas políticas que acentuaram a desigualdade econômica, a precariedade do trabalho e o enfraquecimento de serviços públicos de assistência, o que por sua vez colocou uma parte significativa da população em situação de vulnerabilidade à doença e incapacidade de lidar com as suas consequências (NUNES, 2022, p.2).

Essa incapacidade de lidar com as consequências geradas pela pandemia, referida por Nunes (2022), é destacada na análise do jornal estudado, visto que as mudanças do cotidiano reforçaram a desigualdade de oportunidades, sendo o ensino a primeira evidenciada. Entretanto, o jornal abordou somente a questão tecnológica, destacando que os alunos da rede

pública precisavam de equipamentos e internet para seguirem as aulas de forma remota. Ao abordar a tecnologia, deixa-se de problematizar a representatividade do ambiente escolar para a comunidade.

Considerando-se que a escola propicia suporte para identificar situações de negligência e violência no âmbito familiar, inclusive a sexual, assim como o fornecimento de alimentação, cuja refeição oferecida para uma grande parcela é a mais completa do dia, e também a garantia do lazer, principalmente nas periferias, isso se constitui, praticamente, como o único instrumento do Estado presente nas comunidades (UNESCO, 2023).

Assim, a escola, apesar de não atender em tempo integral, em sua maioria, oportuniza tranquilidade aos pais que estão trabalhando, com destaque para as creches. O resultado do fechamento das escolas foi o de crianças em casa sozinhas, ou com idosos ou irmãos mais novos ou junto com os pais no trabalho, expondo-as a diversos riscos (UNESCO, 2023).

A forma apresentada pelo jornal para solucionar essas questões foi o destaque para as doações para as comunidades, inclusive para os hospitais, proporcionadas por empresas privadas. É importante ressaltar que, no contexto econômico, o jornal destacou as críticas ao auxílio emergencial, alegando que iria sobrecarregar as contas públicas, mas deu visibilidade às doações como forma de resolver ou atenuar demandas sociais.

A mídia jornalística reforça uma ideologia substitutiva do Estado diariamente, disfarçada de não intencionalidade pelo uso do estilo de comunicação chamado difusão, cuja ideia é se comunicar com a massa. Essa massa, conforme Moscovici (2012, p. 291), “os indivíduos que a compõem pertencem a grupos bastante diversos, mas que estão ligados entre si por relações sociais que mantêm, ao mesmo tempo, sua unidade e sua diversidade”.

Nesse caso a ligação social foi dada pela pandemia e os sentimentos que a permearam, inclusive do ser solidário e empático com o outro, não sendo perceptível que o jornal estava reforçando seus ideais neoliberais.

Partindo desse pressuposto, a pesquisa realizada por Cavaler et al. (2020), utilizando o termo indutor “bolsa família” (antigo nome para o auxílio emergencial), destaca que o possível núcleo organizador da representação social foi “ajuda”. A autora concluiu isto:

As participantes associam o Bolsa Família a uma “ajuda” por parte do Estado e exprimem o sentimento de “gratidão”. Desconsideram assim, que o referido programa é um direito civil que visa atender as garantias instituídas na Lei Orgânica de Assistência Social, e que chega até elas quando diversos outros direitos de seguridade social já foram violados (CAVALER, et al., 2020, p. 135).

Aliando a esse resultado aqueles do presente trabalho, pode-se dizer que o jornal foi responsável por propagar vieses ideológicos neoliberais durante a pandemia, nos quais o

ajudar é um ato de solidariedade que pode ser desenvolvido por meio da filantropia. No entanto, a manutenção do mesmo direito pelo Estado significa sobrecarga das contas públicas. Duarte et al. (2013) afirma que o Estado culpabiliza, reforça que não é direito e país, ao repetir isso diariamente, faz com que os cidadãos percam sua crítica social, desmobilizando politicamente os excluídos.

Por fim, um último conteúdo representacional veiculado entre os fatores constituintes do enfrentamento da COVID-19 foi aquele da telemedicina. Durante a pandemia, na qual era necessário manter o distanciamento, essa tecnologia foi um recurso necessário e útil, permitindo a cooperação entre profissionais de diferentes regiões do país e o contato direto entre pacientes e profissionais de saúde. Entretanto, é preciso observar que uma grande parte da sociedade foi excluída desse recurso, não só pelo pouco acesso à internet e a plataformas, mas também pelo analfabetismo digital, principalmente dos idosos. O marketing da telemedicina deixou claro que essa não “foi projetada para populações carentes ou que necessitam de uma atenção especial, ficando cada vez mais claro as desigualdades nas novas ferramentas digitais implementadas pela saúde” (ALVES et al., 2021, p.4).

Os conteúdos veiculados pelo jornal analisado cumpriram uma função ideológica de reforço dos ideais neoliberais em um cenário caótico de acesso a cuidados de saúde, à educação e aos insumos básicos para a sobrevivência de grande parte da população, aprofundando o cenário de desigualdade social existente no país.

5.3 A política e seus representantes na pandemia de COVID-19

No que se refere ao contexto político, o Brasil enfrentou a pandemia da COVID-19 com foco nas questões políticas que se expressaram de forma polarizada na sociedade, através dos representantes do Estado, fato que se reflete nos resultados apresentados neste texto quando se estuda tal momento histórico. O estudo da mídia jornalística não foi diferente, a representatividade das questões políticas na pesquisa foi marcante, gerando uma classe lexical específica com distanciamento das demais, além do seu aparecimento na linha do tempo como personagem principal.

Os posicionamentos negacionistas do ex-presidente do Brasil durante o processo pandêmico se fez notar ao destacar a figura dele face à cloroquina, à balbúrdia da vacina, à ameaça à saúde pública, inclusive apontando-o como “aquele que está do lado do vírus”. São

ainda destacados os posicionamentos do ex-presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia, contrários aos posicionamentos e pronunciamentos do ex-presidente da República.

A presença dos sistemas de comunicação, propaganda e propagação, são justamente aqueles que não estão comprometidos com a neutralidade na forma de expressão, colocando-se numa contraposição à da variável de neutralidade no posicionamento científico do objeto.

Ao analisar as modalidades de comunicação, verifica-se que não se trata de se posicionar positivamente frente à COVID-19, mas a utilização do objeto para confrontar o governo por suas atitudes negacionistas da COVID-19 e da vacina. O jornal utilizou a pandemia como suporte para desmascarar o representante político que se apresentava, fato que pode ser observado nas falas que enfatizaram somente as condutas do presidente frente à pandemia, contudo não menciona a política econômica privatista do Ministro da Economia à época de pandemia e a sua contribuição para o sucateamento do SUS.

Conforme Andrade et al. (2022, p. 19) “o discurso midiático se articula como um detentor de poder, ao mesmo tempo em que leva a informação, também expressa, de forma sutil, seus posicionamentos a respeito do fato”. É interessante destacar que, ao tratar da vacinação, a expressão “saúde pública” não aparece, mas, para o ataque ao ex-presidente da República, o jornal a adota, deixando nítido o jogo de interesses, ao destacar que ele estava se tornando uma ameaça à saúde pública. Observa-se a posição persuasiva do jornal diante do leitor em meio às disputas políticas, não apenas para informá-lo, como também com a intenção de trazer para o texto um discurso de embate.

O que se projeta sobre o leitor é a imagem de aliado ou adversário que precisa ser combatido (ALVES et al., 2021), revelando a intencionalidade do jornal em usar a pandemia para os seus interesses políticos.

Ao estudar a representação social de um objeto, não é só o objeto que importa, mas também o contexto no qual ele está inserido. Assim, é fundamental destacar que o cenário da pandemia perpassou por questões políticas, religiosas e econômicas. Conforme Araujo et al. (2020, p. 6), “a pandemia da COVID-19 evidencia-se como um importante analisador de como as relações entre o social e o biológico se estabelecem, a partir dos discursos político-sanitários vigentes”. Como o vírus e suas implicações eram algo novo, foi massivamente difundido a manipulado pela política desde que se iniciou no país. Com isso, a figura do presidente ganhou destaque ao utilizar a mídia, principalmente as redes sociais, para veicular suas ideias sobre a doença (COSTA et al, 2020).

Costa et al. (2020) observou três classes de palavras a partir dos discursos estudados: coronavírus – política, saúde e sociedade; desconfiança das estatísticas; e descaso com o

presidente, cujos resultados destacam diferentes formas de ancorar as representações sociais. É importante destacar que, embora as ancoragens referidas incidam sobre o comportamento de Jair Bolsonaro, os conteúdos analisados pelo autor invalidam a opinião do ex-presidente da República e validam o discurso científico, mostrando as contradições presentes nesses discursos.

O resultado do presente trabalho corrobora com o de Costa et al. (2020), visto que, na classe sobre política, apareceram palavras que apontam fortemente para o presidente do Brasil.

Na análise lexical, vale citar o seguinte:

O vocabulário atua, quando atrelado aos contextos sociais, como um aporte para a compreensão das representações discursivas, e conseqüentemente das ideologias embutidas...Nesse sentido, cada palavra que constitui os textos é intencionalmente pensada e articulada mediante as ideias subjacentes aos discursos, no entanto sempre tem aquelas, palavras-chave, que são cruciais para desvelar relações que, por vezes, se mantêm como exequíveis de hegemonia (ANDRADE et al., 2022, p. 20).

Observa-se que as palavras presentes nesse contexto ganham força quando associadas ao contexto político vivenciado durante a pandemia. As palavras citam os nomes dos ministros da saúde que foram substituídos ao longo da pandemia, assim como palavras que remetem ao caos como “crise”, “calamidade”, “crime”, “mentira”, “desinformação”, “negacionismo”, “falso”, “ditadura”, “ódio”.

O ex-presidente da República insistiu em contrariar as regras de isolamento social, compartilhava ideias contrárias às medidas de proteção e combate ao Coronavírus, em lugar de, como chefe do Executivo do Estado Brasileiro, proteger a nação, utilizando os recursos midiáticos para disseminar informações que indicassem as melhores práticas de prevenção à COVID-19, conforme observado na análise da linha temporal.

Além dos discursos proferidos e das entrevistas realizadas em frente ao Palácio da Alvorada, toda a movimentação do presidente acerca da pandemia pôde ser acompanhada através da sua rede social, juntamente com suas lives, realizada semanalmente, que se tornaram os principais veículos de comunicação e debates políticos durante a pandemia (SILVA; SILVEIRA, 2020).

As demonstrações de negligência do governo culminaram com a instauração de uma CPI para investigar a responsabilidade do presidente do Brasil em questões que iam desde os bloqueios para aquisição das vacinas, a inércia frente à pandemia e com recursos médicos, como testes de COVID-19 e ventiladores, como promoção de curas não comprovadas, até a

recusa de vacinas, de medicamentos de algumas empresas e de implementação de bloqueios para a contenção da doença.

A figura do ex-presidente da República é destacada quando se pesquisa a COVID-19, uma vez que suas ações e discursos tiveram longo alcance e influência repercutindo no universo midiático e do senso comum. Conforme Costa et al. (2020, p 145), “o desconhecido é muitas vezes gerado no universo reificado da ciência, da política, da mídia e se entrelaça com o universo consensual da vida cotidiana”.

A mídia, ao dar visibilidade a esses discursos, acabou propagando-os cotidianamente. Verifica-se, nos mais variados meios de comunicação, a veiculação e as trocas de informações acerca da COVID-19. Tais informações podem ter participação na forma como a sociedade brasileira têm criado e compartilhado representações acerca do objeto social (DO BÚ et al., 2020).

Para Silva e Silveira (2020, p. 19)

Ao analisar o modo como o Presidente se comunica, a partir da Teoria das Representações Sociais, percebe-se a utilização do sistema de propaganda, com mensagens baseadas na criação de estereótipos aos grupos opositores. Também foi possível identificar elementos do sistema de propagação, como estratégia para a manutenção da coesão do seu grupo político (MOSCOVICI 1961/2012). Isso fica evidenciado quando o Presidente utiliza elementos como: verdade, salvar vidas, trabalho, Brasil investe em saúde etc. Sendo assim, a comunicação exerce um papel importante na coesão de um grupo, uma forma de fazer isso é compartilhando sempre os mesmos valores e também atacar os grupos com valores distintos.

É interessante salientar que, segundo Silva e Silveira (2020), além de encontrar como resultado o sistema de comunicação propaganda e propagação, também foi possível observar neste estudo o mesmo estilo de comunicação associado ao contexto político da pandemia. O que permite inferir que, quando se refere à questão política na COVID-19, a forma de comunicação não é neutra.

Para Moscovici (2012), a propaganda, em tempos de guerra ou quando se instala um conflito entre nações, é um meio privilegiado de transmissão de ideias. Complementa dizendo que há uma influência crescente da propaganda no plano político, devido à oposição entre países e em relação à economia, porque ela se alimenta das campanhas publicitárias. Na propagação, apesar de ser uma comunicação hierarquizada e autoritária, a linguagem não é tão agressiva quanto na propaganda, mas o intuito é transformar o objeto para integrá-lo ao quadro cognitivo e afetivo e ao comportamento do grupo alvo.

Apesar de o objeto não ser a guerra ou a peste, encontram-se associações metafóricas na mídia que remetem a pensar na COVID-19 como uma guerra, uma praga, ou como uma

punição divina, revelando que, quando não há uma explicação para o “mal” vivenciado, é comum relacioná-lo às crenças.

Conforme Saquette et al. (2017, p. 260)

A religião acaba por funcionar como um “lugar” de compartilhamento de sentido, ainda que sincrético e pluralista. Percebe-se claramente esse aspecto quando se remonta aos aspectos linguísticos presentes nos discursos de líderes religiosos, nos meios de comunicação como o rádio, a televisão, o jornal e a internet.

O medo foi o sentimento impulsionador de diversas mudanças sociais e foi explorado pelo jornal analisado. O fato de representantes políticos estarem em conflito permitiu que a mídia tivesse um lugar de destaque durante a pandemia. Ela o fez veiculando seu posicionamento ideológico, ignorando a desigualdade social existente no país. Entender a representação social da COVID-19 na mídia jornalística é aproximar-se do que ela constrói através das suas narrativas, que são difundidas diariamente para a sociedade em geral, atingindo o conhecimento do senso comum e suas práticas cotidianas, porque “são as nossas representações que em última instância determinam nossas reações” (MOSCOVICI, 2015, p. 104).

CONCLUSÃO

A partir dos resultados deste estudo, foi possível identificar alguns possíveis geradores da representação social da COVID-19 veiculados pelo jornal “O Globo”. Por ser um objeto representacional novo, vivenciaram-se várias etapas diferentes: isolamento social, crise econômica, crescimento do número de mortes, início da vacinação, CPI da COVID-19.

A partir das análises realizadas, foi possível responder aos objetivos propostos, caracterizando uma linha do tempo factual da pandemia de COVID-19, construída a partir das matérias veiculadas pelo jornal “O Globo”. Da mesma forma, identificaram-se os sistemas de comunicação propostos por Moscovici, presentes nesse mesmo veículo de informação, com o predomínio destes sistemas: difusão, com 62,9%, seguido pela propagação, com 22,6%. As representações sociais da COVID-19 veiculadas por esse jornal durante a pandemia foram caracterizadas com foco em três contextos de base para a formação dessas representações, quais sejam as dimensões sociais e econômicas, a dimensão política e os fatores relativos ao enfrentamento da COVID-19. Finalmente, foram discutidos os conteúdos representacionais da COVID-19 veiculados nesse jornal, destacando o posicionando ideológico e intencional das formas de veiculação de suas mensagens.

Foi preciso pontuar o marco histórico da pandemia, a fim de identificar qual o momento presenciado em determinada circunstância, por isso, em um primeiro momento, construiu-se uma linha do tempo a partir das notícias veiculadas. A linha do tempo trouxe significados para alguns contextos como, por exemplo, o aumento de matérias no 1º semestre de 2021 (39,7%), no qual se mostra o crescimento expressivo do número de mortes, o início da vacinação da COVID-19 no Brasil, a crise em Manaus e a CPI da COVID-19, bem como relembrou os posicionamentos assumidos pelos representantes do governo. Em conjunto com o levantamento dos sistemas de comunicação de Moscovici e da análise lexical, observou-se os contextos nos quais a representação social da COVID-19 se constituiu.

O gênero de comunicação Difusão foi encontrado como maior destaque nas análises do jornal, entretanto, apesar de um aparente não envolvimento do jornal, deixando o leitor tirar suas próprias conclusões, o que é típico desse gênero, foi possível notar que o jornal embutiu sua visão ideológica de forma subliminar, visão essa neoliberal, a favor do mercado, desconsiderando as vulnerabilidades de grande parte da população brasileira.

Pondera-se o alcance que essas visões ideológicas conservadoras e liberais transmitidas em larga escala podem fazer no conhecimento do senso comum, bem como seus

impactos na modificação de condutas. O que foi possível notar nesta pesquisa foram duas questões sugestivas de modificações comportamentais: em relação à vacina, o jornal a trata como mais um remédio, trazendo sempre as suas diversas marcas de fabricação, sendo possível explicar porque somente na imunização de COVID-19 a população procurou certos imunizantes, ficando conhecido como “sommelier da vacina”.

A outra questão está focada do auxílio emergencial, na qual é perceptível a construção da narrativa de culpabilizar esse auxílio pelos déficits nas contas públicas. No entanto, ao se referir ao apoio do Estado às empresas, esse apoio financeiro era encarado como investimento. As implicações desse discurso para determinados grupos sociais se expressam na propagação dessas representações sociais, a tal ponto de, em determinado momento, alguns grupos minimizarem e naturalizarem a desigualdade social, retirando a responsabilidade do Estado.

Outro apontamento foi o incentivo que o jornal trouxe para o acesso à internet, ignorando as classes sociais mais vulneráveis, assim como as diferenças sociais relativas à acessibilidade e ao analfabetismo digital, assumindo a propaganda do uso da internet de forma indiscriminada.

Ademais, o jornal apoiou uma política caritativa econômica de doações feitas por pessoas comuns e por empresas para lidar com a crise social gerada pela pandemia, denotando sua visão neoliberal, transferindo as responsabilidades do Estado para os cidadãos e instituições privadas e, com isso, invisibilizando os direitos sociais.

A Teoria das Representações Sociais preocupa-se com o meio social no qual o objeto está inserido, porque é a partir dos grupos de pertença que serão compartilhadas informações, crenças, culturas e o não familiar será transformado em familiar. O não familiar é perturbador e irá pressionar os grupos para que encontrem algo palpável já conhecido, por isso, quando o jornal se utiliza de algo que não tem uma categorização no senso comum, consegue atrair a atenção. Não é o objeto COVID-19, por si só, que desestabilizou a opinião pública, mas, sim, vivenciar a aproximação com a morte é que carrega uma enorme carga simbólica.

E foi esse medo de morrer que foi explorado pela mídia jornalística, repetindo todos os dias o número de mortes, contando as histórias de familiares, profissionais de saúde.

Identificou-se os vieses ideológicos da mídia jornalística, através da análise do jornal “O Globo”, divulgados em larga escala, e isso abre horizontes para a reflexão de como são construídas algumas representações sociais sobre determinados objetos que circulam na sociedade. Entretanto, a pesquisa não conseguiu determinar se elas influenciaram

comportamentos e modificaram representações sociais, considerando-se os pressupostos da TRS de que o ser humano é pensante e faz as suas próprias associações.

No que se refere às limitações da pesquisa empreendida, destaca-se a limitação da técnica para conseguir mensurar a influência da mídia jornalística em relação aos comportamentos sociais adotados na pandemia. Portanto, espera-se que, a partir das indagações e reflexões apresentadas nesse estudo, outros questionamentos possam ser desenvolvidos, de forma a aprofundar o conhecimento do papel desse tipo de veículo de comunicação na formação das representações sociais.

Diante do exposto, considera-se este estudo ainda incompleto para abarcar a influência da mídia jornalística nas representações sociais de diferentes grupos sociais, bem como sua interferência no cotidiano da saúde pública, dos programas sociais e na prática dos profissionais da saúde, justificando-se novos investimentos em pesquisas.

REFERÊNCIAS

- ABRIC, J. C. A abordagem estrutural das representações sociais. In: Moreira, A.S.; Oliveira, D.C. (Orgs.). **Estudos interdisciplinares de representação social**. Goiânia: AB, p. 27-38, 1998.
- AGUIAR, S. Memoriais on-line às vítimas da COVID-19 no Brasil: narrativas sensíveis à dor alheia. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Santa Catarina, v.18, n.1, jan. /jun. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/77189>. Acesso em: 18 mar. 2022.
- ALFANO, B.; GARCIA, R. Crise humanitária. **O GLOBO**, Rio de Janeiro, ano 96, n. 32002, 20 mar. 2021. Sociedade, p.11. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/acervo/>. Acesso em: 27 maio 2023.
- ALVES, A.R. A COVID vai às urnas. Pandemia marca campanha, bate novos recordes e aumenta tensão na reta final. **O GLOBO**, Rio de Janeiro, ano 96, n. 31860, 29 out.2020. **O Mundo**, p.24. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/acervo/>. Acesso em: 27 maio 2023.
- ALVES, W. *et al.* Cenas discursivas da pandemia de Covid-19: o discurso sobre o isolamento social na imprensa. **Reciis** – Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 18-32, jan. /mar. 2021. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/2204>. Acesso em: 18 mar. 2022.
- AMOLD, E. C. **Tipografía y Diagramado para Periódicos**, Nova York, p. 118-127, 1965. Disponível em: <zonas-de-visualizacao-da-pagina-impressa.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2023.
- ANDRADE, A.P.H. *et al.* Discurso e representação na mídia: Uma análise de discurso crítica acerca dos sujeitos “invisíveis” no contexto da pandemia de COVID-19 no Brasil. **Revista Linguagem**, São Carlos, v.41, p. 14-29, 2022. Disponível em: <https://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/view/1459/919>. Acesso em: 10 jan. 2022.
- ANJOS, A. Novo índice aponta que desigualdades sociais em saúde se aprofundaram na pandemia. **FIOCRUZ**, 2022. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/novo-indice-aponta-que-desigualdades-sociais-em-saude-se-aprofundaram-na-pandemia>. Acesso em: 20 abr. de 2023.
- APOSTOLIDIS, T. *et al.* Society Against Covid-19: Challenges for the Socio-genetic Point of View of Social Representations. **Papers on Social Representations**, v.29, n. 2, p.3.1-3.14, 2020. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/global-literature-on-novel-coronavirus-2019-ncov/resource/pt/covidwho-1058907>. Acesso em: 27 dez. 2022.
- ARAÚJO, T. M. E. *et al.* Aceitação da vacina contra COVID-19 entre público diagnosticado com síndrome gripal. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 34, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.37689/acta-ape/2021AO000086>. Acesso em: 18 mar. 2022.

ARRAIS, P. S. D. *et al.* Perfil da automedicação no Brasil. **Rev. Saúde Pública**, v. 31, n. 1, p. 71-77, 1997. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/yMXnDgvKwzmqB7VcyYLJjCT/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 18 mar. 2022.

AQUINO, E. M. L. *et al.* Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva** [online], v. 25, sup 1, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/4BHTCFF4bDqq4qT7WtPhvYr/?lang=pt#>. Acesso em: 10 jan. 2023.

ARCANJO, D. Relembre o que Bolsonaro já disse sobre a pandemia, de gripezinha e pais de maricas a frescuras e mimimi. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, ano 100, n. 33505, 3 mar. 2021, Coronavírus. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/03/relembre-o-que-bolsonaro-ja-disse-sobre-a-pandemia-de-gripezinha-e-pais-de-maricas-a-frescura-e-mimimi.shtml>. Acesso em: 20 out. 2021.

ALMEIDA, Í. L. S. *et al.* Isolamento social rígido durante a pandemia de COVID-19 em um estado do nordeste brasileiro. **Acta Paul Enferm**, v. 34, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/38NvCBqz5ywXFBN8HntJBxG/#>. Acesso em: 10 jan. 2023.

AZEVEDO, F.A. Mídia e democracia no Brasil: relações entre o sistema de mídia e o sistema político. **OPINIÃO PÚBLICA**, Campinas, vol. 12, nº 1, abril/maio, p. 88-113, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/op/a/TzJkgQBnG64hk5QyKCCv5NR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 mar. 2023.

BANCHS, M. A. Aproximaciones procesales y estructurales al estudios de las representaciones sociales. **Papers on social representations: textes sur les représentations sociales**, v. 9, p. 3-10, 2000. Disponível em: <https://psr.iscte-iul.pt/index.php/PSR/article/view/269>. Acesso em: 27 nov. 2022.

BARCELLOS, C; XAVIER, D.R. As diferentes fases, os seus impactos e os desafios da pandemia de covid-19 no Brasil. **Reciis – Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 221-226, abr.-jun. 2022. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/3349#:~:text=Essas%20fases%20foram%20estudadas%20segundo,hist%C3%B3rica%20para%20permitir%20sua%20compara%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 20 fev. 2023.

BARRETO, A. Comunicação de Massa. **Aministradores.com**, 2010. Disponível em: <https://administradores.com.br/artigos/comunicacao-de-massa>. Acesso em: 10 jan. de 2023.

BARROS, J.A.C. Pensando o processo saúde doença: a que responde o modelo biomédico? **Saude soc.**, v. 11, n. 1, Jul. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/4CrDKWzRTnHdwBhHPtjYGWb/>. Acesso em: 27 nov. 2022.

BEZERRA, A.C. V. *et al.* Fatores associados ao comportamento da população durante o isolamento social na pandemia de COVID-19. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, p. 2411-2421, 2020. Disponível em: <https://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/fatores-associados-ao-comportamento-da-populacao-durante-o-isolamento-social-na-pandemia-de-covid19/17551>. Acessado em: 23 nov. 2021.

BRASIL, M.S. Coronavírus, **Ministério da Saúde**, 2023. Disponível em: <https://butantan.gov.br/noticias/retrospectiva-2021-segundo-ano-da-pandemia-e-marcado-pelo-avanco-da-vacinacao-contracovid-19-no-brasil>. Acesso em: 10 jan. 2023.

BRASIL, M. S. Secretaria Extraordinária de Enfrentamento à COVID-19 Secovid. **Plano nacional de operacionalização da vacinação contra a COVID-19**[recurso eletrônico], 12^a ed / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/vacinas/plano-nacional-de-operacionalizacao-da-vacina-contracovid-19>. Acesso em: 18 mar. 2022.

BRASIL, M. S. Secretaria de Ciência, Tecnologia, Inovação e Insumos Estratégicos em Saúde. Departamento de Ciência e Tecnologia. **Informe Semanal n° 37 de Evidências sobre Variantes de Atenção de SARS-CoV-2** [recurso eletrônico] / Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia, Inovação e Insumos Estratégicos em Saúde. Departamento de Ciência e Tecnologia - Brasília: Ministério da Saúde, 2021. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/informes-tecnicos/informes-de-variantes/informe_s37.pdf/view. Acesso em: 18 mar. 2022.

BRASIL, M. S. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Análise em Saúde e Doenças não Transmissíveis. **Guia de vigilância epidemiológica Emergência de saúde pública de Importância nacional pela Doença pelo Coronavírus 2019 – COVID-19**[recurso eletrônico] / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2021. Disponível em: https://www.conasems.org.br/wp-content/uploads/2021/03/Guia-de-vigilancia-epidemiologica-da-covid_19_15.03_2021.pdf. Acesso em: 13 mar. 2022.

BRASIL, M. S. Secretaria de Vigilância e Saúde. **Boletim Epidemiológico Especial. BE 164.** Doença pelo Coronavírus COVID-19. Semana Epidemiológica 52 (25/12 a 31/12) de 2022. Brasília/DF, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/covid-19/2022/boletim-epidemiologico-no-146-boletim-coe-coronavirus/view>. Acesso em: 10 jan. 2023.

BRASIL, M. S. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Programa Nacional de Imunizações 30 anos**/Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde – Brasília: Ministério da Saúde, 2003. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/livro_30_anos_pni.pdf. Acesso em: 18 mar. 2023.

BUTANTAN. Retrospectiva 2021: segundo ano da pandemia é marcado pelo avanço da vacinação contra COVID-19 no Brasil. **BUTANTAN**, 2021. Disponível em: <https://butantan.gov.br/noticias/retrospectiva-2021-segundo-ano-da-pandemia-e-marcado-pelo-avanco-da-vacinacao-contracovid-19-no-brasil>. Acesso em: 10 jan. 2021.

CAETANO, K. A. Presença de uma Ausência: Projetos Cidades Vazias (Empty Cities). In OLIVEIRA, H. M. G. de; GADINI, S. (orgs). **Jornalismo em tempos da pandemia do novo coronavírus**. Portugal: Aveiro: Ria Editorial, 1ª edição, p. 136-157, 2020.

CALIL, G.G. A negação da pandemia: reflexões sobre a estratégia bolsonarista. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, v. 140, p. 30-47, jan-abr.2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sssoc/a/ZPF6DGX5n4xhfJNTypm87qS/#> . Acessado em: 29 abr. 2023.

CAMARGO B. V; JUSTO A. M. IRAMUTEQ: a free software for analysis of textual data. **Temas de psicologia**, Ribeirão Preto, v. 21, n. 2, p. 3-18, dez., 2013.

CAPETTI, P.; RIBAS, R. No período da pandemia. País perde 716 mil empresas. Mais da metade dos negócios fecharam as portas não vai reabrir. **O GLOBO**, Rio de Janeiro, ano 95, n. 31756, 17 jul.2020. Economia, p.17. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=202020200717>. Acesso em: 27 maio 2023.

CARDOSO, E.C.; XAVIER; G.K.R.S. Pandemia em textos midiáticos: narrar, descrever e argumentar “para construir memória, afeto, respeito e futuro”. Bakhtin e o contexto pandêmico. **Revista Diálogos (RevDia)**, v. 9, n. 1, jan/abr. 2021. Disponível em: <file:///C:/Users/2129166/Downloads/11868-Texto%20do%20Artigo-49002-1-10-20210526.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2023.

CARDOSO, J. M.; ARAUJO, I. S. Comunicação e Saúde. **EPSJV/ FIOCRUZ**, 2009. Disponível em: <http://www.sites.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/comsau.html>. Acesso em: 22 nov. 2021.

CARVALHO, C. *et al.* Pastor é nomeado para o MEC. Milton Ribeiro é o quarto ministro da Educação do governo Bolsonaro. **O GLOBO**, Rio de Janeiro, ano 95, n. 31750, 11 jul. 2020. Sociedade, p.19. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=20202020071>. Acesso em: 27 maio 2023.

CASTRO, R. Vacinas contra a Covid-19: o fim da pandemia? **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 1, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/m4PGYb7TPWgCS3X8wMSXHtc/?lang=pt>. Acesso em: 29 abr. 2023.

CASTRO. S.S. **As narrativas por trás das fake news: uma ameaça que tem interferido na decisão de vacinar**. 2020. 59f. Monografia (Especialização), Instituto Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/49575>. Acesso em: 29 set. 2022.

CAVALER, C. *et al.* Representações sociais de “pobreza” e “bolsa família” para mulheres beneficiárias de programas de transferência de renda. **BARBARÓI**, n. 57, p.119-140, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.17058/barbaroi.v0i57.14975>. Acesso em: 10 jan. 2023.

CHICO. Charge: Entre ouvidos. **O GLOBO**, Rio de Janeiro, ano 96, n. 31859, 28 out. 2020. Capa, p. 1. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/acervo/>. Acesso em: 27 maio 2023

COMPORTAMENTO sem regras. Bolsonaro ignora medidas de proteção e minimiza Coronavírus. **O GLOBO**, Rio de Janeiro, ano 95, n. 31747, 8 jul.2020. O País, p. 11. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=202020200708>. Acesso em: 27 maio 2023.

CONTEÚDO aberto. In: **Wikipédia**: a enciclopédia livre. [San Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 2010]. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Globo. Acesso em: 25 de outubro de 2021.

CORREIA, M.I.T.D. *et al.* Os cirurgiões e a pandemia do COVID-19. **Revista Do Colégio Brasileiro De Cirurgiões**, n. 47, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rcbc/a/vrZttLgF6gzDYQ6rLRs38Cr/?lang=pt#>. Acesso em: 27 abr. 2023.

COSTA, I.G.; DUARTE, R.S. Responsabilidade do estado na efetivação dos direitos sociais: uma perspectiva pós-pandemia através da teoria da justiça de Rawls. **Revista Eletrônica Direito e Política**, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciência Jurídica da UNIVALI, Itajaí, v.16, n.2, 2021. Disponível em: <https://periodicos.univali.br/index.php/rdp/article/view/17782/10130>. Acesso em: 27 abr. 2023.

COSTA, E.F. *et al.* Social representations of Coronavirus in Brazil: first months of the pandemic. **Estudos de Psicologia**, v.25, n. 2, p.144-156, 2020. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epsic/v25n2/a05v25n2.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2023.

COUTO, M.T. *et al.* Considerações sobre o impacto da COVID-19 na relação indivíduo-sociedade: da hesitação vacinal ao clamor por uma vacina. **Saúde Soc.** São Paulo, v.30, n.1, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/rQFs3PMLgZprt3hkJMyS8mN/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 10 jan. 2023

CRUSOÉ, N. M. de C. A teoria das representações sociais em Moscovici e sua importância para a pesquisa em educação. **APRENDER** - Cad. de Filosofia e Pisc. da Educação - Vitória da Conquista, Ano II, n. 2, p. 105-114, 2004. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/aprender/article/view/3065>. Acesso em: 10 abr. 2022.

DANTAS, D. *et al.* A ciência adverte. Bolsonaro diz que reduzirá uso de máscaras; especialistas alertam para alta de contágio. **O GLOBO**, Rio de Janeiro, ano 96, n. 32085, 11 jun. 2021. Sociedade, p.11. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=202020210611>. Acesso em: 27 maio 2023.

DOMINGUES, L. Infodemia: uma ameaça à saúde pública global durante e após a pandemia de Covid-19. **Reciis** – Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 12-17, jan./mar. 2021. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/2237/2413>. Acesso em: 10 abr. 2023.

DO BÚ, E. A. *et al.* Representações e ancoragens sociais do novo coronavírus e do tratamento da COVID-19 por brasileiros. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 37, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/9WTz3VHJxNBHkPMZMHhtXLC/?lang=pt#>. Acesso em: 10 jan. 2022.

DUARTE, J.L.N.; NUNES, H.T.S. A solidariedade sob o véu neoliberal. In: **VI Jornada Internacional de políticas Públicas**, Cidade Universitária da Universidade Federal do Maranhão, Maranhão, 2013. Disponível em: <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2013/JornadaEixo2013/anais-eixo16-impassesdesafiosdaspoliticadaseguridadesocial/asolidariadesoboveuneoliberal.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2023.

DUARTE, M.Q. *et al.* COVID-19 e os impactos na saúde mental: uma amostra do Rio Grande do Sul. **Ciênc. saúde coletiva**, v. 25, n. 9, Set 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/ghSHWNYkP6gqJm4LQVhkB7g/?lang=pt&forma#>. Acessado em: 29 jul. 2022.

FÉLIX, L.B. *et al.* O conceito de Sistemas de Representações Sociais na produção nacional e internacional: uma pesquisa bibliográfica. **Psicologia e Saber Social**, v. 5, n. 2, p. 198-217, 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/psi-sabersocial/article/view/20417>. Acesso em: 15 mar. 2022.

FERRAZ, L.M.R. Saúde e política na crise da Covid-19: apontamentos sobre a pandemia na imprensa brasileira. **Reciis – Rev Eletron Comun Inf Inov Saúde**, v.14 n.2, p. 273-278, abr./jun. 2020. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/2128>. Acesso em: 15 mar. 2022.

FERREIRA, P. Corrida pela vacina. Butantan e Fiocruz pedem à Anvisa autorização para uso emergencial. **O GLOBO**, Rio de Janeiro, ano 96, n. 31932, 9 jan.2021 Sociedade, p.7. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/acervo/>. Acesso em: 27 maio 2023.

FERREIRA, P. Vacinas de menos. **O GLOBO**, Rio de Janeiro, ano 96, n. 32015, 2 abr. 2021. Sociedade, p.11. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/acervo/?word=&anyWord=&noneWord=&exactWord=&decade=2020&year=2021&month=4&day=2>. Acesso em: 27 maio 2023.

FIGUEIREDO, L. M. F.; TUZZO, S. A. José Marques de Melo e a escola latino-americana de comunicação: obra, pensamento e história. **Comun & Inf**, v. 16, n. 1, p. 98-112, jan. /jun. 2013. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/64401>. Acesso em: 15 mar. 2022.

FIOCRUZ. Observatório COVID-19. Boletim Extraordinário junho_parte1. **FIOCRUZ**, 25 jun. 2021. Disponível em: https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/boletim_covid_2021_extraordinario_junho_parte1.pdf. Acesso: em 25 out. 2021.

FLEURY, S.; FAVA, V. M.D. Vacina contra Covid-19: arena da disputa federativa brasileira. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 46, n. esp. 1, p. 248-264, mar. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/hwxmcr3jKnc3vvrLhXZtYb/#>. Acesso em: 15 mar. 2023.

FONSECA, A.D.; SILVA, S.L.A. O Neoliberalismo em Tempos de Pandemia: o Governo Bolsonaro no contexto de crise da Covid-19. **Ágora** (St. Cruz Sul, Online), v. 22, n. 2, p. 58-75, julho-dezembro, 2020. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/agora/article/view/15461>. Acesso em: 10 jan. 2022.

FRANCO, B.M. A festa do general. **O GLOBO**, Rio de Janeiro, ano 96, n. 31818, 8 set.2020. O País, p.6. Disponível em <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=202020200917>. Acesso em: 27 maio 2023.

FREITAS, M. C. S; PENA, P. G. L. Fome e pandemia de COVID-19 no Brasil. **TESSITURAS**, v. 8, n. 1, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/tessituras/article/view/1036>. Acesso em: 10 jan. 2023.

GARCIA, L.P.; DUARTE, E. Infodemia: excesso de quantidade em detrimento da qualidade das informações sobre a COVID-19. **Epidemiologia e Serviços de Saúde [online]**, v. 29, n. 4, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1679-49742020000400019>. Acesso em: 10 jan. 2023.

GARCIA, R. Na contramão da Ciência. COVID acelera, e país soma 300 mil mortos. **O GLOBO**, Rio de Janeiro, ano 96, n. 32007, 25 mar. 2021. Sociedade, p.10. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/acervo/>. Acesso em: 27 maio 2023.

GÓES, B. *et al.* Tiro pela culatra. Desalinho em comitê faz Lira subir o tom com Bolsonaro e citar ‘remédios amargos’. **O GLOBO**, 25 mar. 2021. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=202020210325>. Acesso em: 27 maio 2023.

GOES, B; TRISOTTO. Bolsonaro diz que não decidiu se tomará vacina. **O GLOBO**, Rio de Janeiro, ano 96, n. 32015, 2 abr. 2021. O País, p.7. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/acervo/?word=&anyWord=&noneWord=&exactWord=&decade=2020&year=2021&month=3&day=27>. Acesso em: 27 maio 2023.

GRAÇA, E. Um país que se distanciou. Restrições à circulação urbana esvaziam metrópoles. **O GLOBO**, ano 95, n. 31.646, 29 mar. 2020. Especial Coronavírus, p. 18. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/acervo/>. Acesso em: 27 maio 2023.

GRANDELLE, R. Mortes no país passam de 5 mil. Ministro reconhece agravamento da epidemia; E Bolsonaro pergunta: ‘E Daí?’. **O GLOBO**, Rio de Janeiro, ano 95, n. 31677, 29 abr. 2020. Especial Coronavírus, p.4. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=202020200429>. Acesso em: 27 maio 2023.

GOUVEIA, R.; PALMA, J. J. 1999. SUS: na contramão do neoliberalismo e da exclusão social. **Estudos Avançados**, v.13, n. 35, p. 139-146, 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/d396dhqnvKJn4YL4jCLVrvy/>. Acesso em: 27 abr. 2023.

GUERREIRO, C; ALMEIDA, R. Negacionismo religioso: Bolsonaro e lideranças evangélicas na pandemia Covid-19. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 2, p. 49-73, 2021.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rs/a/4JrSBZDRqG8c9RJzCfxz4BN/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 10 abr. 2023.

GULLINO, D. *et al.* Um governo antes e depois de Mouró. Ex-Juiz pede demissão e prova interferência de Jair Bolsonaro. **O GLOBO**, Rio de Janeiro, ano 95, n. 31673, 25 abr. 2020.

Crise na pandemia, p.4. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=202020200425>. Acesso em: 27 maio 2023.

GULLINO, D. *et al.* Manobra para desviar o foco. Governo desiste de barrar CPI e mira em nova comissão com assinatura de aliados. **O GLOBO**, Rio de Janeiro, ano 96, n. 32026, 13 abr. 2021. O País, p.4. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/acervo/>. Acesso em: 27 maio 2023.

GRINBERG, F. COVID-19: 'Sommeliers' de vacina se articulam nas redes e criam grupos para escolher imunizante no Rio; especialistas condenam a prática. **O GLOBO**, 2021.

Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/covid-19-sommeliers-de-vacina-se-articulam-nas-redes-criam-grupos-para-escolher-imunizante-no-rio-especialistas-condenam-pratica-25097223>. Acesso em: 20 jan. 2023.

GRISOTTI, M. *et al.* A morte contaminada: a experiência da morte por COVID-19 na perspectiva de profissionais da saúde. In: PORTELA, M. C., REIS, L. G. C.; LIMA, S. M. L., eds. **Covid-19: desafios para a organização e repercussões nos sistemas e serviços de saúde** [online]. Rio de Janeiro: Observatório COVID-19 Fiocruz, Editora Fiocruz, 2022, pp. 309-319. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/kymhj/pdf/portela-9786557081587-23.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2023.

HELLMANN, F; HOMEDES, N. Uma pesquisa clínica não ética e a politização da pandemia da COVID-19 no Brasil: o caso da Prevent Senior. **Developing World Bioethics**, p.1-14, 2022. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/36067405/>. Acesso em: 24 março. 2023.

HUR, D. U. *et al.* Bolsonaro e Covid-19: negacionismo, militarismo e neoliberalismo. **Rev. psicol. polít.**, São Paulo, v. 21, n. 51, p. 550-569, ago. 2021. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2021000200018&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 01 maio 2023.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, p. 17-44, 2001. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/324979211_Representacoes_sociais_Um_dominio_em_expansao. Acesso em: 23 nov. 2021.

JUSTO, A. M.; CAMARGO, B. V. Estudos qualitativos e o uso de *softwares* para análises lexicais. In: NOVIKOFF, C; SANTOS, S. R. M. & MITHIDIERI, O. B. (Orgs.) **Caderno de artigos: X SIAT & II Serpro**. Duque de Caxias: Universidade do Grande Rio - UNIGRANRIO, p. 37-54, 2014. Disponível em:<https://lageres.wordpress.com/>. Acesso em: 23 nov. 2021.

LEIROZ, F.P.; SACRAMENTO, I. Cronotopias da intimidade catastrófica: testemunhos sobre a COVID-19 no Jornal Nacional. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 73, p. 384-404, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eh/a/PLmXJtsSzkSWNRqJYw8GypK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 24 ago. 2022.

LEMOS, J. A.S. Indústria cultural e comunicação de massa: considerações sobre produtos midiáticos “tradicionais” e “conservadores” brasileiros e as implicações da mercantilização da cultura para o receptor. **Revista Vernáculo**. [S.l.], n.31, jun. 2013. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/vernaculo/article/view/34641>. Acesso em: 24 ago. 2022.

LIMA, N.T. *et al.* A pandemia de COVID-19: uma crise sanitária e humanitária. **Cad. Saúde Pública**, v. 36, n. 7, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/yjBt8kkf6vSFf4nz8LNDnRm/?lang=pt>. Acesso em: 23 jan. 2023.

LOPES, P.O. Entendendo o processo saúde-doença pelas lentes da interdisciplinaridade e da interseccionalidade: a COVID-19 como referência. **CONJECTURAS**, São Paulo, v. 22, n 4, 2022. Disponível em: <http://conjecturas.org/index.php/edicoes/article/view/850/653>. Acesso em: 23 jan. 2023.

LINDNER, J.; CAPPELLI, P. Partindo para cima. Renam abre CPI com pedidos sobre vacinas, cloroquina e crise em Manaus. **O GLOBO**, Rio de Janeiro, ano 96, n. 32041, 28 abr. 2021. O País, p.4. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/acervo/>. Acesso em: 27 maio 2023.

MARTINS, E.; MAIA, G. Presidente usa Cloroquina. Médicos descartam tratamento: ‘É uma decisão pessoal’. **O GLOBO**, Rio de Janeiro, ano 95, n. 31747, 8 jul.2020. O País, p. 12. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=202020200708>. Acesso em: 27 maio 2023

MASSARANI, L. M. *et al.* Infodemia, desinformação e vacinas: a circulação de conteúdo em redes sociais antes e depois da COVID-19. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, maio, 2021. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/51878>. Acesso em: 23 jan. 2023.

MATOS, R. C. Notícias falsas frente a pandemia de COVID-19. Vigilância Sanitária em Debate: **Sociedade, Ciência & Tecnologia**, v. 8, n. 3, p.78-85, 2020. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=570566811010> . Acesso em: 15 mar. 2022

MELLO, B. *et al.* Em choque. Conflito entre Bolsonaro, governadores e prefeitos afeta combate à pandemia. **O GLOBO**, Rio de Janeiro, ano 96, n. 32002, 20 mar. 2021. O País, p.4. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=202020210320>. Acesso em: 27 maio 2023.

MELO, J.M. **Jornalismo opinativo**: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. 3. ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MELO, J. M.; ASSIS, F. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. **Intercom – RBCC**, São Paulo. v. 39, n. 1, p. 39-56, jan. /abr., 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/interc/a/YYXs6KPXhp8d7pRvJvnRjDR/?format=pdf>. Acesso em: 27 maio 2022.

MEDRADO, B. Textos em cena: a mídia como prática discursiva. In: SPINK, M. (Org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. São Paulo: Cortez, p. 243- 271, 1999.

MENEGHEL, S.N. *et al.* Grupos virtuais no enfrentamento do medo e da morte durante a epidemia de COVID-19: contribuições da saúde coletiva. **Saude soc.**, v. 31, n. 1, 2022. Disponível em : <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/nCZCwVnqkHrFbMy6Dd3scgt/#>. Acesso em: 10 abr. 2023.

MODA, A. B. *et al.* ‘Quarta onda’ ameaça saúde de colapso. **O GLOBO**, Rio de Janeiro, ano 96, n. 31981, 27 fev.2021 Sociedade, p.12. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/acervo/>. Acesso em: 27 maio 2023.

MOORE, S. History of COVID. **News Medical Life Sciences**, 2021. Disponível em: <https://www.news-medical.net/health/History-of-COVID-19.aspx> . Acesso em: 22 nov. de 2021.

MORAES, A. Comunicação de massa, educação e política. **Revista De Administração Pública**, v. 20, n. 4, p. 62 – 64, 1986. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/view/9929>. Acesso em: 20 abr. 2023.

MORAES, R.F. Prevenindo Conflitos Sociais Violentos em Tempos de Pandemia: garantia da renda, manutenção da saúde mental e comunicação efetiva. **RCIPEA**. Boletim de Análise Político-Institucional, n. 22, 2020. Disponível em: https://portalantigo.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/boletim_analise_politico/BAPI_N22_COVID%2019_Artigo%203.pdf . Acesso em: 20 abr. 2023.

MOSCOVICI, S. **A Psicanálise, sua imagem e seu público**. Serge Moscovici. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais: investigação em psicologia social/** Serge Moscovici; 11. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MORAES, R.F. Prevenindo Conflitos Sociais Violentos em Tempos de Pandemia: garantia da renda, manutenção da saúde mental e comunicação efetiva. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). **Boletim de Análise Político-Institucional**, n. 22, abr. 2020. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/10091>. Acesso em: 8 abr. 2023.

MUNDIM, P.S. Tomando partido ou competição midiática? Uma análise do viés da cobertura dos jornais nas eleições presidenciais brasileiras de 2002 e 2006. In. **5º Congresso da COMPOLÍTICA**, Curitiba, PR, 8 a 10 maio 2013. Disponível em: <http://www.compolitica.org/home/wp-content/uploads/2013/05/GT08-Jornalismo-politico-PedroSantosMundim.pdf>. Acesso em: 8 abr. 2023.

NUNES, J. A pandemia de COVID-19: securitização, crise neoliberal e a vulnerabilização global. **Cad. Saúde Pública**, v. 36, n. 4, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/sng9pd8tLNdY3cQrDChhqPr/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 8 abr. 2023.

O GLOBO. Rio de Janeiro: Editora **O Globo** S/A, c1996-2003. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/ultimas-noticias/>. Acesso em: 20 out. 2021.

OLIVEIRA, V.C. As Fabulações Jornalística e a Saúde. In LERNER, K; SACRAMENTO (orgs). **Saúde e jornalismo: interfaces contemporâneas**. Rio de Janeiro: Editora: FIOCRUZ, 2014.

OLIVEIRA, D. C. A Teoria de Representações Sociais como grade de leitura da saúde e da doença: a constituição de um campo interdisciplinar. In ALMEIDA, A. M. de O.; SANTOS, M. de F. de S.; TRINDADE, Z. A. (orgs). **Teoria das Representações Sociais: 50 anos**. 2. ed. Brasília: Technopolitik, 2019. p. 585-633.

OLIVEIRA, D. C. Representações sociais e saúde pública: a subjetividade como partícipe do cotidiano em saúde. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, Edição Especial Temática, p. 47-65, 2000.

OLIVEIRA, D. C.; GOMES, A. M. T. O processo de coleta e análise dos conteúdos e da estrutura das representações sociais: desafios e princípios para a enfermagem. In: LACERDA, M.R.; COSTENARO, R. G. S. C. **Metodologias da pesquisa para a enfermagem e saúde: da teoria à prática**. Porto Alegre: Moriá, p. 375-382, 2015.

A HISTÓRIA do jornal O GLOBO desde a sua fundação. Memória **O GLOBO**, Linha do tempo 1925 – 2003, 2021. Disponível em: <http://memoria.oglobo.globo.com/linha-do-tempo/o-globo-eacute-lanccedilado-9196292>. Acesso em: 20 out. 2021.

OPAS. Histórico da pandemia de COVID-19. **Paho**, 2021. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 20 out. 2021.

OSTROWER, Fayga. **A construção do olhar**. In: NOVAES, Adauto (Org.). O olhar. São Paulo: Companhia das Letras, p. 167-182, 1995.

OTAVIO, C. *et al.* Alvo. Polícia Federal faz operação contra Witzel. **O GLOBO**, Rio de Janeiro, ano 95, n. 31705, 27 maio 2020. O País, p.4. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=202020200527>. Acesso em: 27 maio 2023.

PEREIRA, C. *et al.* O medo da morte flexibiliza perdas e aproxima polos: consequências políticas da pandemia da COVID-19 no Brasil. **Rev. Adm. Pública**, v. 54, n. 4, p. 952-968, Jul-Aug 2020. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/39642>. Acesso em: 22 nov. 2021.

PIRES, L.S. *et al.* O mapa do Coronavírus: como aumentam os casos dia a dia no Brasil e no mundo. **EL PAIS**, 2021. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2020/03/12/ciencia/1584026924_318538.html. Acesso em: 22 nov. 2021.

PORTAL IMPRENSA. Estadão assume liderança de ranking de jornais impressos com maior tiragem, diz IVC. **Portal IMPRENSA**, 2021. Disponível em: https://portalimprensa.com.br/noticias/ultimas_noticias/84451/estadao+assume+lideranca+de+ranking+de+jornais+impressos+com+maior+tiragem+diz+ivc. Acesso em: 25 out. 2021.

PRAZERES, L. Sem ar, Manaus agoniza. Cidade para sair do caos, e Bolsonaro volta a minimizar a pandemia. **O GLOBO**, Rio de Janeiro, ano 96, n. 31939, 16 jan.2021. Sociedade, p. 10. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=202020210116>. Acesso em: 27 maio 2023.

RÊGO, M. G. S. *et al.* A intersubjetividade jornalística e a cobertura sobre a pandemia do CORONAVÍRUS no Brasil. **Revista Comunicando**, v. 9, n. 1, dez. 2020. Disponível em: <https://revistas.sopcom.pt/index.php/comunicando/article/download/52/21/347>. Acesso em: 8 abr. 2022.

REIS, I. A Retórica da Crise: Democracia e Estabilidade Institucional no Brasil em Tempos da Pandemia de Coronavírus. **Revista NAU Social**, v. 11, n. 20, p. 145-155, maio/out. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/nausocial/article/view/36545>. Acesso em: 8 abr. 2022.

RENAUD, L. *et al.* Mídia e cultura jornalística na comunicação em saúde. **Tempus, actas de saúde colet**, Brasília, v. 14, n. 2, p.77-86, abr 2021. Disponível em: <https://www.tempusactas.unb.br/index.php/tempus/article/view/2852/2035>. Acesso em: 8 abr. 2023.

REVOLTA da Vacina. Governo recua e barra a compra de imunizante chinês produzido em São Paulo. **O GLOBO**, Rio de Janeiro, ano 96, n. 31.853, 22 out. 2020. Sociedade, p.16. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=202020201022>. Acesso em: 27 maio 2023.

RIBEIRO, A *et al.* SP inicia imunização e cria polêmica com Planalto. **O GLOBO**, Rio de Janeiro, ano 96, n. 31941, 16 jan.2021 Sociedade, p.8. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/acervo/>. Acesso em: 27 maio 2023.

RODRIGUES, G.M.A. *et al.* Artigo: CPI da COVID desnuda a política externa negacionista. **CSPB**, 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2021-06/primeiro-caso-de-covid-19-pode-ter-surgido-na-china-em-outubro-de-2019>. Acessado em 10 jan. 2023.

ROSA, B. Luz no fim do túnel do corredor. Turismo inicia retomada, e setor se adapta às exigências da pandemia. **O GLOBO**, Rio de Janeiro, ano 95, n. 31744, 5 jul. 2020. Economia, p. 29. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/acervo/>. Acesso em: 27 maio 2023.

SÁ, C. P. Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: M. J. SPINK (Org.). **O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 2002.

SANTOS, R.T. O neoliberalismo como linguagem política da pandemia: a Saúde Coletiva e a resposta aos impactos sociais. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p. 1-9, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/T8WphR3ZdyFvYMVJSKfJFps/?lang=pt#ModalDownloads>. Acesso em: 8 abr. 2023.

SILVA, J. J. L. *et al.* Política de Saúde e desmonte do SUS no Governo Temer. **SER SOCIAL**. Alimentação, Abastecimento e Crise. Brasília, v. 23, n. 48, 2021. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/SER_Social/article/view/29324 Acesso em: 27 maio 2023.

SILVA, M. A. M. *et al.* Pandemia de 2020 e seus Impactos na Imprensa: Desafios dos Jornalistas no Vale do Paraíba e Litoral Norte. In OLIVEIRA, H.M. G.; GADINI, S. (orgs). **Jornalismo em tempos da pandemia do novo coronavírus**. Portugal: Aveiro: Ria Editorial, 1ª edição, p. 230-254, 2020.

SILVA, M. L.; SILVA, R. A. Economia brasileira pré, durante e pós-pandemia do COVID-19: Impactos e reflexões. **FAPERGS**. Observatório Socioeconômico da COVID-19 da UFSM, Santa Maria, jun, 2020. Disponível em: https://www.osecovid19.cloud.ufsm.br/media/documents/2021/03/29/Textos_para_Discuss%C3%A3o_07_-_Economia_Brasileira_Pr%C3%A9_Durante_e_P%C3%B3s-Pandemia.pdf/. Acesso em: 8 jan. 2023.

SILVA, S.D.; SILVEIRA, A. “Gripezinha ou resfriadinho”: Uma análise dos discursos midiáticos do presidente Jair Bolsonaro sobre a COVID-19 a partir da teoria das representações sociais. **ANIMA EDUCAÇÃO**. Repositório Universitário do Ânima (RUNA) – UNISUL, Florianópolis, 2020. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/16592>. Acesso em: 8 jan. 2023.

SIMONEAU, A.S. **A velhice na mídia brasileira: Análise de representação social**. 2015. 247f. Tese (Doutorado Psicologia Social) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia. Rio de Janeiro, 2015.

SOUSA, Y. S. O. *et al.* Mídia e representações sociais: Uma proposta de matriz teórico-metodológica. In: LUCENA, J. M. F.; SOUZA, S. B.; COSTA-FERNANDEZ, E. M.; PEDROSA, M. I. P. C. (Orgs.), **Interação social e desenvolvimento humano**, v. 2 (Pesquisa em psicologia: diversidade e modos de fazer). Recife: EDUFPE, p. 225–250, 2019.

SOUZA, G.; ANDRES, F. Da parede à palma da mão: a TV brasileira *everywhere* em tempos de pandemia. **Revista Comunicando**, v. 9, n. 1, dez., 2020. Disponível em: <https://revistas.sopcom.pt/index.php/comunicando/article/download/26/36/362>. Acesso em: 27 dez. 2022.

SOUZA, M.T. *et al.* Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein**, v. 8, n. 1, Pt. 1, p. 102-106, 2010. Disponível em: <https://journal.einstein.br/pt-br/article/revisao-integrativa-o-que-e-e-como-fazer/>. Acesso em: 27 dez. 2022.

SOUZA, R. O. A saúde no Brasil recente: elementos da política de (não) enfrentamento à COVID-19. **Humanidade&Inovação**, v. 8, n. 35, 2021. Disponível em: <https://psr.iscte-iul.pt/index.php/PSR/article/view/269>. Acesso em: 27 dez. 2022.

SALVIATI, M. E. **Manual do Aplicativo Iramuteq** (versão 0.7 Alpha 2 e R Versão 3.2.3). Planaltina, 2017. Disponível em: <http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/manual-do-aplicativo-iramuteq-par-maria-elisabeth-salviati>. Acesso em: 27 dez. 2022.

SENNA, M. C. M. *et al.* Sistemas de proteção social latino-americanos e respostas à pandemia de COVID-19: Argentina, Brasil e México. **Revista de Políticas Públicas**, v. 25, n.1, p. 263–284, 2021. Disponível em: <http://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/article/view/17333>. Acesso em: 27 dez. 2022

STANWAY, D. Primeiro Caso de COVID-19 pode ter surgido na China em outubro de 2019. **AGENCIA BRASIL**, 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2021-06/primeiro-caso-de-covid-19-pode-ter-surgido-na-china-em-outubro-de-2019>. Acesso em: 22 nov. de 2021.

STEVANIM, L. F. Quem tem medo da vacina? Quais as causas da queda na cobertura do programa de imunizações, que abre espaço para retorno de doenças. **RADIS/ENSP/FIOCRUZ**, Rio de Janeiro, n.196, p. 1-36, jan. 2019. Disponível em: <https://radis.ensp.fiocruz.br/index.php/todas-as-edicoes/196/>. Acesso em: 15 mar. 2022.

TEIXEIRA, A. **Fake news contra a vida**: desinformação ameaça vacinação de combate à febre amarela. 2018. 97f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

TEIXEIRA, J. A. C. Comunicação em Saúde: Relação Técnicos de Saúde – Utentes. **PSAU** Artigos em revistas nacionais, v. 22, n. 3, p. 615-620, 2004. Disponível em: <https://repositorio.ispa.pt/handle/10400.12/229>. Acesso em: 15 mar. 2023.

TOLEDO, G. Cepa mais contagiosa do coronavírus chega ao Brasil. **O GLOBO**, Rio de Janeiro, ano 96, n. 31924, 1 jan.2021. Sociedade, p.9. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/acervo/>. Acesso em: 27 maio 2023.

UNESCO. Educação: do fechamento das escolas à recuperação. **UNESCO**, 2023. Disponível em: <https://www.unesco.org/pt/covid-19/education-response>. Acessado em 10 jan. 2023.

WACHELKE, J. F. R.; CAMARGO, B. V. Representações sociais, representações individuais e comportamento. **Interam. j. psychol.**, Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 379-390, dez. 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rip/v41n3/v41n3a13.pdf>. Acesso em: 8 mar. 2023.

APÊNDICE A – Critérios de seleção dos dias para seleção do corpus para análise da mídia

Quadro 14 – Critérios de seleção dos dias para o corpus da análise da mídia (continua)

	O GLOBO			
Data	Quantidade de matéria	Incluída	Excluída	Motivo da exclusão
12-3 Quinta	20	13	7	1 Arte e lazer, 4 repetida, 1 esporte; 1 capa
29-3 Domingo	39	20	17	5 Arte e lazer; 8 revista ELA; 1 esporte; 1 pequenas colunas sobre o assunto na mesma página); 1 dicas; 2 pets; 1 capa.
12-4 – Domingo	52	25	27	4 pequenas colunas sobre o assunto na mesma página); 12 Revista Ela; 5 arte e cultura; 1 Dicas; 1 gastronomia; 2 com erro (apenas o anúncio), 2 capa
27-4 - Segunda	19	11	8	1 pequenas colunas sobre o assunto na mesma página); 4 Arte e lazer; 2 esporte; 1 Capa
03/05- Domingo	44	24	20	9 Revista Ela; 4 pequenas colunas sobre o assunto na mesma página); 1 pets; 3 arte e cultura; 1 esporte; 1 Dicas; 1 Capa
11/05- Segunda-feira	14	10	4	2 pequenas colunas sobre o assunto na mesma página); 1 Arte e cultura; 1 capa.
14/6 Domingo	33	14	19	4 pequenas colunas sobre o assunto na mesma página); 4 Arte e cultura; 5 Revista ELA; 1 Dicas; 1 matéria repetida; 2 sem relação com objeto, apenas citação das palavras chaves; 2 anúncios de matérias
16/6 Terça-feira	18	12	6	2 pequenas colunas sobre o assunto na mesma página); 1 Arte e cultura; 2 sem relação com objeto, apenas citação das palavras chaves; 1 repetida
05/07/2020- Domingo	35	18	17	6 Revista ELA; 3 pequenas colunas sobre o assunto na mesma página); 2 sem relação com objeto, apenas citação das palavras chaves; 3 Esportes; 2 arte e cultura; 1 capa.
09/07/2020 Quinta-feira	23	13	10	1 pequenas colunas sobre o assunto na mesma página); 4 esporte; 2 sem relação com objeto, apenas citação das palavras chaves; 1 capa; 2 Arte e cultura
13/8/2020- Quinta-feira	20	7	13	4 arte e cultura; 5 esporte; 3 apenas tira de informação; 1 repetida.
16/8/2020 Domingo	25	10	15	1 pequenas colunas sobre o assunto na mesma página); 2 arte e cultura; 3 esporte; 4 Revista Ela; 2 repetida; 2 sem relação com objeto, apenas citação das palavras chaves; 1 capa.
20/9/2020 - Domingo	11	7	4	1 apenas tira de informação; 1 arte e cultura; 2 Revista ELA.
25/9/2020 Sexta-feira	21	10	11	5 esporte; 1 apenas tira de informação; 2 sem relação com objeto, apenas citação das palavras chaves; 1 arte e cultura; 1 Revista Ela; 1 anúncio
18/10/2020 Domingo	24	15	9	1 Capa; 1 pequenas colunas sobre o assunto na mesma página); 1 repetida; 1 Dicas; 1 Arte e cultura; 1 sem relação com objeto, apenas citação das palavras chaves; 1 esporte; 1 Gastronomia; 1 homenagem.
30/10/2020 Sexta-feira	16	8	8	1 Esporte; 1 Repetida; 1 Capa; 1 pequenas colunas sobre o assunto na mesma página); 2 arte e cultura; 2 sem relação com objeto, apenas citação das palavras chaves;

Quadro 14 – Critérios de seleção dos dias para o corpus da análise da mídia (continuação)

09/11/2020 Segunda-feira	13	5	8	2 repetida; 2 sem relação com objeto, apenas citação das palavras chaves; 1 anúncio; 2 esporte; 1 Capa.
22/11/2020 Domingo	19	4	15	2 pequenas colunas sobre o assunto na mesma página); 2 sem relação com objeto, apenas citação das palavras chaves; 1 Gastronomia; 1 Arte e cultura; 2 Revista ELA; 5 esporte; 1 repetida; 1 Capa.
08/12/2020 Terça-feira	12	9	3	1 sem relação com objeto, apenas citação das palavras chaves; 1 pequenas colunas sobre o assunto na mesma página); 1 Capa.
13/12/2020 Domingo	27	7	20	2 Esporte; 1 Capa; 3 pequenas colunas sobre vários assuntos na mesma página); 4 sem relação com objeto, apenas citação das palavras chaves; 5 Revista Ela; 2 arte e cultura; 3 Gastronomia
17/01/2021 Domingo	20	12	8	2 pequenas colunas sobre o assunto na mesma página); 1 Arte e cultura; 2 Revista Ela; 1 sem relação com objeto, apenas citação das palavras chaves, 2 anúncio.
29/01/2021	27	18	9	3 repetida; 2 pequenas colunas sobre o assunto na mesma página); 1 Arte e cultura; 1 sem relação com objeto, apenas citação das palavras chaves; 1 anuncio; 1 Capa.
17/02/2021 Quarta-feira	20	11	9	1pequenas colunas sobre o assunto na mesma página); 2 sem relação com objeto, apenas citação das palavras chaves; 2 anuncio; 2 repetida; 1 esporte; 1 Capa.
21/02/2021 Domingo	30	11	19	1pequenas colunas sobre o assunto na mesma página); 4 Revista Ela; 6 sem relação com objeto, apenas citação das palavras chaves; 4 Arte e Cultura; 1 Dicas; 2 repetida; 1 Capa
25/3/2021 Quinta-feira	23	16	7	2 repetida; 2 pequenas colunas sobre o assunto na mesma página); 2 arte, lazer e cultura; 1 Esporte
28/3/2021 Domingo	37	19	18	1 pequenas colunas sobre o assunto na mesma página); 7 sem relação com objeto, apenas citação das palavras chaves; 4 repetida; 2 Esporte; 1 capa (só com imagem e anuncio); 1 Revista Ela; 1 Pet; 1 capa (jornal de bairro).
04/04/2021 Domingo	42	19	23	3 Revista ELA; 2 Repetida; 4 Arte, cultura, lazer; 5 sem relação com objeto, apenas citação das palavras chaves; 3 pequenas colunas sobre o assunto na mesma página); 1 Dicas; 1 Gastronomia; 1 esporte; 3 Anúncios ou pequenas notas
29/04/2021 Quinta-feira	24	13	11	1 pequenas colunas sobre o assunto na mesma página); 5 sem relação com objeto, apenas citação das palavras chaves; 3 Repetida; 1 Esporte; 1 Capa.
08/05/2021 Sábado	25	16	9	2 sem relação com objeto, apenas citação das palavras chaves; 1 pequenas colunas sobre o assunto na mesma página); 2 arte, cultura, lazer, gastronomia; 2 Nota, anúncios ; 1 Capa; 1 Repetida
23/05/2021 Domingo	32	14	18	3 repetida; 2 arte, cultura, lazer; 1 pequenas colunas sobre o assunto na mesma página); 3 Anúncios, Notas; 7 sem relação com objeto, apenas citação das palavras chaves; 1 Esporte; 1 Revista ELA
13/06/2021 Domingo	26	9	17	3 Repetida; 1 pequenas colunas sobre o assunto na mesma página); 1 gastronomia; 4 Arte e cultura; 4 Esporte; 2 sem relação com objeto, apenas citação das palavras chaves; 1 notas; 1 Revista ELA.

Quadro 14 – Critérios de seleção dos dias para o corpus da análise da mídia (conclusão)

19/06/2021 Sábado	24	9	15	5 arte e cultura; 2 Esporte; 5 sem relação com objeto, apenas citação das palavras chaves; 1 anúncio; 1 notas; 1 gastronomia
11/07/2021 Domingo	22	6	16	2 Repetida; 5 Esporte; 1 sem relação com objeto, apenas citação das palavras chaves; 4 arte e cultura; 1 anúncio; 2 Nota; 1 Revista ELA
20/07/2021 Terça-feira	14	6	8	1 Esporte; 3 repetida; 2 sem relação com objeto, apenas citação das palavras chaves; 1 Nota; 1 Arte e cultura.

Fonte: A autora, 2022.

APÊNDICE B – Protocolo e banco de dados de pesquisa – mídia COVID-19

Quadro 15 – Protocolo e banco de dados de pesquisa – mídia COVID-19 (continua)

Var	Nome_Var no banco de dados	Especificação variável	Codificação no banco de dados
1	ID	Identificação da matéria	Numérico com 4 dígitos
2	DataPub	Data publicação	Numérico Formato Data.
3	Mês	Mês em que a matéria foi publicada	1, janeiro; 2, fevereiro; 3, março; 4, abril; 5, maio; 6, junho; 7, julho; 8, agosto; 9, setembro; 10, outubro; 11, novembro; 12, dezembro.
4	Ano	Ano em que foi publicada	1, 2020 ; 2, 2021;
5	Period	Período de pesquisa	1, 1º semestre 2020; 2, 2º semestre 2020; 3, 1º semestre 2021; 4, 2º semestre de 2021
6	jorn	Jornal da matéria na mídia	1, O Globo
7	Seção	Cadernos e suplementos do jornal em que aparece a matéria	1, Editorial; 2, Opinião 3, Sociedade; 4, O País; 5, O Mundo; 6, Economia; 7,2 Caderno. 8, Rio; 9, Jornais de Bairro;
8	Pag	Número da página do jornal	Numérico com dois dígitos
9	TITULO	Título e subtítulo da matéria	Título e subtítulo por extenso (conforme publicado)
10	TITTERMO	Termo/s no título e subtítulo relacionado ao objeto da pesquisa	Qual/is palavra remete ao objeto – (quando terminar o banco)
11	Arqlink	Hiperlink	Hiperlinks por extenso
12	Arquivo	Nome do arquivo	Por extenso: mat108,11-5,Sociedade,pag9, Hora de deixar a cloroquina em paz
13	Capa	Matéria é capa no jornal	1, Sim; 2, Não.
14	Espag	Espaço que ocupa na página	1, Superior esquerda; 2, Superior Centro; 3, Superior direita; 4, Superior Completo; 5, Centro Esquerda; 6, Centro Centro; 7, Centro Direita; 8, Centro Completo; 9, Inferior Esquerda; 10, Inferior Centro; 11, Inferior Direita; 12, Inferior Completo; 13, Página Completa; 14, Mais de uma página completa.
15	Zonas	Zonas de visualização da página	1, Zona principal; 2, Zona secundária; 3, Zona morta; 4, Zona morta; 5, Centro ótico; 6, Centro geométrico.
16	TamMat	Tamanho da matéria	1, Pequena (Menor do que 1/4 da página); 2, media (Igual ou Menor a 1/2 da página); 3, grande (Igual ou Menor a 1 página); 4, muito grande.

Quadro 15 – Protocolo e banco de dados de pesquisa – mídia COVID-19 (conclusão)

17	Genjor	Gênero jornalístico (Base: Marques de Melo, 2010)	1, Informativo; 2, Opinativo; 3, Interpretativo; 4, Diversional; 5, Utilitário.-
18	Genero	Formatos dos gêneros jornalísticos (Base: Marques de Melo, 2010)	1, Nota; 2, Notícia; 3, Reportagem; 4, Entrevista; 5, Editorial; 6, Comentário; 7, Artigo; 8, Resenha; 9, Coluna; 10, Crônica; 11, Dossiê; 12, Análise, 13, Perfil; 14, Enquete; 15, Cronologia; 16, História de interesse humano; 17, História Colorida; 18, Indicador; 19, Roteiro; 20, Serviço; 21, Carta
19	GenMosc	Gêneros classificação Moscovici	1, Difusão; 2, Propagação; 3, Propaganda.
20	Posic	Posicionamento do artigo em relação ao conhecimento científico da COVID-19	1, neutro; 2, favorável; 3, desfavorável

Fonte: A autora, 2023 baseado em SIMONEAU, 2015.

APÊNDICE C – Padronização das palavras para o Iramuteq

Quadro 16 – Padronização das palavras para o Iramuteq (continua)

PALAVRA	PADRONIZAÇÃO
Benefício de prestação continuada	bpc
	Abraham_Weintraub, Jair_Bolsonaro, Eduardo_Pazuello, Rodrigo_Maia, Davi_Alcolumbre, Paulo_Guedes , Vladimir_Putin, Eduardo_Bolsonaro, Rodrigo_Neves Braga_Netto, Osmar_Terra, Nelson_Teich, João_Dória, Boris_Johnson, Joe_Biden, Cláudio_Castro, Onyx_Lorenzoni, Eduardo_Paes, Marcelo_Queiroga, Carlos_Bolsonaro, Merkel, Macron, Tedros_Adhanom,Luiz_Mandetta, Witzel
Organização mundial de saúde	oms
distanciamento social	distanciamento_social
máscara, máscaras	máscara
ministério da saúde,	ministério_da_saúde,
Donald Trump, Trump	Donald_Trump
ministro da saúde	ministro_da_saúde
redes sociais	redes_sociais
teste rápido, testes rápidos	teste_rápido
linha de frente	linha_de_frente
profissionais de saúde, profissional de saúde	profissionais_de_saúde,
distanciamento social	distanciamento_socia
saúde pública	saúde_pública
Rio de janeiro, Rio	Rio
isolamento, isolamento social	isolamento_social
álcool gel, álcool em gel, álccol	alcool_gel
Hospital Universitário Clementino Fraga Filho.	hucff
vacinas, vacinação	vacina
conselho de saúde suplementar	consu
Federação das Associações de Aposentados do Estado do Rio de janeiro	faaperj
Universidade Federal de Goiás	ufg
ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações	mcti

Quadro 16 – Padronização das palavras para o Iramuteq (continuação)

Instituto Brasileiro de Direito Previdenciário	ibdp
Universidade Federal de Pernambuco	ufpe
Instituto Nacional do Seguro Social	inss
Departamento de Proteção à Constituição da Alemanha	bfs sigla em alemão
Covid 19; COVID19	covid19
Associação Nacional dos Juristas Evangélicos	anajure
Pandemia mundial, Pandemia global	pandemia_mundial
Sistema de Informação de Mortalidade	sim
Oglobo; O globo; globo	globo
Tribunal de Contas do Estado	tce
Rio de Janeiro	Rio
Angela Merkel	Merkel
Donald Trump	Trump
Emmanuel Macron	Macron
Conselho Nacional de Secretários de saúde	conass
PI	variantepi
seculo romano	século com número normal
R\$	reais
São Paulo; Rio de Janeiro etc	São_Paulo
Novo coronavírus; Coronavírus; CORONAVÍRUS	novo_coronavírus
Paulo Vicente dos Santos Alves (NOMES)	Paulo_Vicente_dos_Santos_Alves
dois mil e treze	2013
tornei-me	me tornei
%	por_cento
credit default swap	cds
Produto Interno Bruto	pib
EUA	eua
Alternativa para a Alemanha (AfD)	afd
Sars-Cov-2	sars_cov_2
Advocacia-Geral da União (AGU)	agu
Procuradoria-Geral da República (PGR)	pgr
RT-PCR	rt_pcr
Supremo Tribunal Federal (STF)	stf
Tribunal de Contas da União (TCU)	tcu
Sistema Único de Saúde (SUS), Sistema Único de Saúde, SUS	sus
Tribunal Superior do Trabalho (TST)	tst
QR-Code	qrcode
Banco Central (BC)	banco_central
Fundo Monetário Internacional (FMI)	fmi
Superior Tribunal de Justiça (STJ)	stj
Programa Nacional de Imunizações (PUI)	pui
Ministério da Saúde	ms
SISTEMA ÚNICO de SAÚDE; SUS	sus

Quadro 16 – Padronização das palavras para o Iramuteq (continuação)

Ministério Público Estadual	mpe
Unidade de Pronto Atendimento; UPA	upa
Organização Mundial do Comércio (OMC)	omc
LGBTQ+	lgbtq
Unidades Básicas de Saúde	ubs
conselho nacional de saúde	cns
Faculdade de medicina de São José do Rio Preto	famerp
Associação Americana de Pesquisas Educacionais	aera
Tedros Adhanom Ghebreyesus	Tedros_Adhanom
Wilson_Witzel	Witzel
Luiz Henrique Mandetta	Luiz_Mandetta
Rio de Janeiro	Rio
Secretaria Municipal de Saúde	sms
Secretaria Estadual de Saúde	ses
Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada	ipea
Hospital Federal de Bonsucesso	hfb
Universidade Federal de ciências da saúde de Porto Alegre	ufcspa
S&P 500	sep500
Laboratórios Centrais dos Estados	lacen
Plano Nacional de Imunização PNI	pni
Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conep)	conep
Instituto Vital Brazil IVB	ivb
Instituto Questão de Ciência IQC	iqc
mRNA;RNA	rna
Agência Nacional de Vigilância Sanitária	anvisa
UTI, Unidade de Terapia Intensiva	uti
CTI, Centro de Tratamento Intensivo	cti
Agência Nacional de Saúde Suplementar	ans
Associação Defesa dos Usuários de Seguros, Planos e Sistemas de Saúde	aduseps
Administração de Pequenos Negócios	sba
Confederação Nacional do Transporte (CNT)	cnt
Instituto Brasileiro para Excelência em	ibes

Quadro 16 – Padronização das palavras para o Iramuteq (continuação)

saúde (Ibes Internacional)	
Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor (Idec)	idec
TV a cabo	tv_a_cabo
equipamento de proteção	equipamento_de_proteção
Centro de Controle e Prevenção de Doenças	cdc
Associação Brasileira das Indústrias de Base	abdib
Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes	dnit
Ministério da Educação	mec
Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial	iedi
Secretaria Municipal de Assistência Social e Direitos Humanos	sasdh
secretaria Especial de Ordem Pública	seop
Fundação Oswaldo Cruz	fiocruz
Instituto Nacional de Controle de Qualidade em saúde Incqs	incqs
Sociedade Brasileira de Cardiologia	sbc
Agência de Segurança Nacional	nsa
Exame Nacional do Ensino Médio	enem
Conselho Nacional de Secretários de Saúde	conass
União Européia	União_Europeia
Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares	ebserh
Sociedade Brasileira de Imunizações	sbim
Instituto de Estudos Avançados	iea
União Democrata Cristã	cdu
Associação Brasileira de Captadores de Recursos	abcr
Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina	fiesc
Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo	cnc
Federação Nacional dos Corretores de Seguros	fenacor
Código de Defesa do Consumidor	cdc
Central Única das Favelas (Cufa)	cufa
Articulação dos Povos Indígenas do Brasil	apib

Quadro 16 – Padronização das palavras para o Iramuteq (continuação)

União Demócrata Cristã (CDU)	cdu
Ministério público Federal (MPF)	mpf
Ministério Público Federal de Roraima (MPF RR)	mpfrr
Secretaria Especial de Saúde Indígena	sesai
Síndrome Respiratória Aguda Grave	srag
Hospital Geral de Roraima	hgr
Conselho Nacional de Justiça	cnj
Lei Orçamentária Anual	loa
Equipamento de Proteção Individual	epi, epis
Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos	abimaq
Instituto de Estudos de Desenvolvimento Industrial	iedi
Câmara Brasileira de Diagnóstico Laboratorial	cbdl
Conselho nacional de saúde	cns
Agência Nacional de saúde Suplementar ANS	ans
índice de Desenvolvimento Social	ids
Universidade Federal de Minas Gerais	ufmg
Hospital Federal de Bonsucesso	hfb
Conselho de saúde Suplementar	conselho_de_saúde_suplementar
Instituto de Segurança Pública	isp
Tribunal Federal Regional	trf
Secretaria Nacional do Consumidor	senacon
Confederação Nacional das Seguradoras	cnseg
Superintendência de Seguros Privados	susep
Gabinete de Segurança Institucional	gsi
Comitê Nacional de Secretários Estaduais de Fazenda	comsefaz
Federação Brasileira de Bancos	febraban
Índice de Desenvolvimento Humano	idh
Unidade Básica de Saúde	ubs
Instituto de Comunicação e Informação em Saúde	icict
Secretaria estadual de Saúde	ses
Polícia Rodoviária Federal	prf
Agência Brasileira de Inteligência	abin
Instituto Brasileiro de Petróleo	ibp
Organização PanAmericana de saúde (Opas)	opas

Quadro 16 – Padronização das palavras para o Iramuteq (continuação)

IEPS	ieps
Conselho Federal de Medicina (CFM)	cfm
Agência Brasileira de Inteligência	abin
BNDES	bndes
Sociedade Brasileira de Imunizações (SBIm)	sbim
Associação Brasileira das Indústrias de Química Fina, Biotecnologia e suas Especialidades (Abifina)	abifina
indicato da Indústria de Produtos Farmacêuticos (Sindusfarma)	sindusfarma
IFA	ifa
Associação Nacional dos Registradores de Pessoas Naturais (Arpen_Brasil	arpenBrasil
Sociedade Brasileira de Infectologia (SBI)	sbi
Pesquisadora do Laboratório Nacional de Computação Científica (LNCC)	lncc
Alto Comissariado da onu para Refugiados (Acnur)	ancur
Complexo Hospitalar de Niterói	chn
Dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged)	caged
FEMA [Agência Federal de Gestão de Emergências].	fema
H1N1	h1n1
AM	Amazonas
MPF	mpf
IDH	idh
Hospital Federal de Bonsucesso, HFB	hfb
Ingrediente Farmacêutico Ativo IFA	ifa
Inovação, Política e Desenvolvimento IPD	ipd
Conselho Nacional de Pesquisas Científicas e Técnicas Conicet	conicet
Instituto Nacional de Metrologia, Qualidade e Tecnologia Inmetro	inmetro
UOL	uol
hidroxicloroquina	hcq
Hospital Universitário Pedro Ernesto	hupe
Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro	foirn
Força Aérea Brasileira	fab
MP do Estado do Rio	mprj

Quadro 16 – Padronização das palavras para o Iramuteq (continuação)

Universidade Federal Fluminense	uff
Associação de Medicina Intensiva Brasileira	amib
Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia	farcno
Distrito Sanitário Especial Indígena	dsei
Secretaria municipal de Infraestrutura e Habitação	smih
Secretaria municipal de Meio Ambiente	smac
Instituto Estadual de Ambiente	inea
Fundação Getúlio Vargas	fvg
Centro Brasileiro de Análise e Planejamento	cebrap
Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua	pnad
Companhia Nacional de Abastecimento	conab
Universidade Estadual Paulista	unifesp
Associação Brasileira de Saúde Coletiva	abrasco
Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo	cnc
União Social_Cristã CSU	csu
Partido Democrático Liberal FDP	fdp
Fundação Municipal de saúde FMS	fms
Procuradoria_Geral_da_República PGR	pgr
microempreendedores individuais MEI	mei
Conselho Federal de Enfermagem Cofen	cofen
Ordem dos Advogados do Brasil OAB	oab
Síndrome Respiratória aguda Grave SRAG	srag
Grupo de Pesquisa e Documentação sobre Empresariamento na saúde da ufrj GPDES	gpdes
Grupo de Estudos sobre Planos de saúde da Faculdade de Medicina	geps
Centro Brasileiro de Relações Internacionais Cebri	cebri
Centro de Relações Internacionais em saúde; Cris	cris
Associação das Comunidades Quilombolas do Estado do Rio de Janeiro	acquilerj
Sociedade Brasileira de Pediatria	sbp
Universidade Federal de Pelotas	ufpel
Instituto D'or de Pesquisa e Ensino	idor
Centro Integrado de Comando e Controle CICC	cicc

Quadro 16 – Padronização das palavras para o Iramuteq (continuação)

Secretaria Especial de Assuntos Parlamentares SEAP	seap
Associação Brasileira de Franchising ABF	abf
Serviço Nacional de Saúde	sns
Secretaria Especial de saúde Indígena Sesai	sesai
fundação municipal de saúde	fms
Serviço de Atendimento Móvel de Urgência Samu	samu
Distrito Sanitário Especial Indígena DSEI	dsei
EMA Agência Europeia de Medicamentos	ema
intervenções não farmacológicas	infs
Universidade de Brasília	unb
Federação Nacional das Escolas Particulares	fenep
Agência Nacional de Energia Elétrica	aneel
República Democrática do Congo	rdc
Programa Mundial de Alimentos	pma
Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira	inep
Conselho Nacional de Secretários de Educação	consed
secretaria municipal de Educação	sme
Procuradoria Geral da República	pgr
Bases de Proteção Etnoambiental	bapes
Instituto de Tecnologia do Paraná	tecpar
Núcleo de Defesa do Consumidor	nudecon
Termo de Ajustamento de Conduta	tac
Agência Reguladora de Energia e Saneamento Básico do Estado do Rio de Janeiro	agenersa
Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada	ipea
Universidade Estadual Paulista	unesp
Associação brasileira das administradoras de imóveis.	abadi
Universidade Federal do Rio Grande do Sul	ufrgs
Medida provisória	mp
Regime Diferenciado de Contratações	rdc
Sindicato das Escolas Particulares do Estado do Rio	sinepe_rj
Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro	liesa
Investimento Direto no País	idp

Quadro 16 – Padronização das palavras para o Iramuteq (conclusão)

Confederação Nacional da Indústria	cni
Termo de Ajustamento de Conduta	tac
Sociedade Brasileira de Infectologia	sbi
Núcleo de Ativação Urbana	nau
ministério público federal	mpf
Associação Nacional dos Procuradores da República	anpr
br	rodovia
Associação Nacional dos Procuradores do Trabalho	anpt
Sara	síndrome de angústia respiratória aguda
Hospital Universitário Antônio Pedro	huap
Unidade Nacional de Combate à Corrupção e ao crime organizado	Unac
Secretaria Estadual de Saúde	ses
Secretaria municipal de Saúde	sms
instituto estadual do cérebro	iec

Fonte: A autora, 2022.

ANEXO – Carta de Aprovação do CEP

UERJ - UNIVERSIDADE DO
ESTADO DO RIO DE JANEIRO;



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO CORONA VIRUS E DA COVID19 E SUAS LIÇÕES PARA AS PRÁTICAS DE CUIDADO PESSOAL, PROFISSIONAL E SOCIAL

Pesquisador: Denize Cristina de Oliveira

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 47134421.3.0000.5282

Instituição Proponente: Faculdade de Enfermagem da UERJ

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.847.711

Apresentação do Projeto:

Projeto da Prof.a Denize Cristina de Oliveira do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Enfermagem.

Este projeto trata-se de estudo com assessoria Internacional da Universidade de Aix-Marseille – França e da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra - Portugal, quantit-qualitativo, com base no construto da Teoria de Representações Sociais e de análise de práticas, em uma perspectiva multi metodológica. Os participantes serão sujeitos comuns acima de 18 anos e sujeitos institucionais composto por profissionais de saúde, compondo uma amostra de 1.200 participantes.

A amostra será do tipo não probabilística, de conveniência, envolvendo 1.200 participantes e uma subamostra de 100 participantes. O quantitativo total da amostra responderá aos seguintes instrumentos: questionário de caracterização socioeconômica e profissional e questionário de evocações livres de palavras aos termos indutores "Coronavirus", "COVID-19" e "Cuidado à pessoa com COVID-19". Uma subamostra de 100 sujeitos participará de entrevistas semiestruturadas, orientadas por roteiro temático, que explorará as dimensões das representações sociais de imagem, atitude e conhecimento, além das práticas de autoproteção pessoal e do outro, e de práticas profissionais de cuidado. A coleta de dados será realizada através de ambiente virtual, enquanto durar a pandemia e as regras de distanciamento social e presencialmente, quando autorizado pelas autoridades sanitárias. A análise de dados do questionário de caracterização

Endereço: Rua São Francisco Xavier 524, BL E 3ªand. SI 3018

Bairro: Maracanã CEP: 20.550-000

UF: RJ Município: RIO DE JANEIRO

Telefone: (21)2334-2180 Fax: (21)2334-2180

E-mail: etica@uerj.br